

AMÉRICO F. MARQUES

livreiro Antiquário

R. da Misericórdia, 92-1.º

Telef. 34977 Lisboa

N.º

1507/703

VERSOS
DE
ALFENO CYNTHIO.

2017
[Faint, illegible text]

30
15
[Circular stamp with illegible text]

[Faint, illegible text]

V E R S O S

DO BACHAREL

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

D E N O M I N A D O

ALFENO CYNTHIO

*Ut pictura, Poesis ; erit, que si propius stes,
Te capiat magis ; & quedam si longius abstes :
Hæc amat obscurum ; volet hæc sub luce videri,
Judicis argutum que non formidat acumen ;
Hæc placuit semel ; hæc decies repetita placebit.*

Horat. Ep. ad Pison. v. 360. & seq.



L I S B O A :

NA TYPOGRAFIA NUNESIANA

ANNO M.DCCXCI.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Ge-
ral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*



*Hæc studia adolescentiam alunt, se-
nectutem oblectant, secundas res ornant,
adversis perfugium ac solatium præbent,
delectant domi, non impediunt foris,
pernoctant nobiscum, peregrinantur, rus-
ticantur.*

Cicer. pr. Arch. P. cap. VII.

A ILL.^{MA}, E EX.^{MA} SENHORA
D. CATHARINA MICAELA
DE SOUSA CESAR, E LENCASTRE.

A Ssds conbeço, que ferei taixado de atrevido por dedicar a V. Excellencia estes meus rudes, e mal compostos Versos; quando as suaves Camenas fazem de V. Excellencia o ornamento do seu sexo amavel; e quando tantas, e tão sublimes Poesias, producções de abalizados Engenbos, recriam os seus ouvidos. Mas assim como o Oceano enriquecido com os mananciaes do Tejo, e do Grão Pará, não desdenha os tenues cabe-daes do regato, que nelle desagua; assim
es-

W
espero da immensa benignidade de V. Excellencia honroso accolbimento á minha pobre Musa.

Virão tempos mais venturosos, em que eu possa fazer a V. Excellencia offerta mais digna, cantando as suas raras virtudes, e as de seu muito honrado Esposo, (*) e os Heroicos Feitos de seus Antepassados: mas em quanto a minha Sorte invejosa os detém, dignese V. Excellencia de aceitar a presente, e de ampard-la com o seu esclarecido Nome. Deos Guarde a V. Excellencia por felices, e dilatados annos.

De V. Excellencia

O seu mais humilde fervo, e respeitoso admirador.

O Bacharel Domingos Maximiano Torres.

(*) O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Juiz Pinto de Souza Coutinho, Senhor de Ferreiraes, e Tendaes, e da Casa de Balsemão, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra &c. &c.

PROLOGO.

EXcitado pelos rogos importunes de alguns amigos, e pela natural vergonha de ver gyrar viciadas pelas mãos dos curiosos as minhas Poesias; me atrevo a faír á luz com algumas. A maior parte d'ellas foraõ feitas no meio de afflições de espirito, e de cuidados domesticos, que, quasi desde a puertela, não tem cessado de vexar-me: por isso careceráõ talvez daquelle despejo, e ufania propios de um animo elastico, e defogado: mas se não forem acceitas aos mimosos da Ventura, me lifongeio ao menos, que agradem ás almas sensiveis, que, como eu, experimentam de ordinario os seus desfavores.

Preceui com todo o disvele, que

a dicção fosse pura, e vernacula; e se ás vezes a esmalto de vozes peregrinas, com o exemplo dos nossos bons Escriptores, além de serem raras, derivo-as sempre da nossa materna fonte, o antigo Lacio. O mesmo digo das palavras compostas, ou soldadas, das quaes se encontra bastante copia, não só nos nossos Poetas, e Prozadores de melhor nota, mas ainda nas nomenclaturas dos termos, e instrumentos technicos das Sciencias, e Artes, assim fabrís, como Liberaes; além das que versam nos discursos familiares das pessoas bem educadas, e até nas conversações triviaes, e grosseiras da gentilha do vulgo. A respeito de umas, e outras, referirei sómente, para omittir-mos as mais, duas autoridades do maior Critico, que nesta materia houve no Orbe Litterario, já se entende que fallo, de *Horasio Flacco*, que na sua Epistola aos Pi-

P R O L O G O 11

ões fallando das primeiras, diz assim:

In verbis etiam tenuis cantusque serendis. . .

.

. Si forte necesse est

Indiciis monstrare recentibus abdita rerum ;

Fingere cinclutis non exaudita Cethegis

Continget : dabiturque licentia sumta pudenter.

Et nova facta que nuper habebunt verba fidem ; si

Græco fonte cadent , parce detorta. Quid autem:

Cæcilio Plautoque dabit Romanus , adentum

Virgilio ; Varioque ? Ego cur acquirere paucis

Si possum, invidior ? quum lingua Catonis, & Enni

Seruonem patriam ditaverit, & nova rerum

Nominis protulerit. Licuit, semperque licebit

Signatum presente notâ procudere nummum.

Hor. de Art. Poet. v. 45. & v. 48. & seq.

E tractando das segundas, se exprime deste modo:

Dixeris egregie, notum si callida verbum

Reddiderit junctura novum. . .

Id. supr. v. 47. 48.

De sorte, que não só as permite, como as primeiras, em caso de necessi-

que

PROLOGO

dade, mas até dá grandes louvores ao que as ajuntar engenhosamente, e com delicadeza.

Se esta primeira parte dos meus versos fôr acolhida benignamente, cuidarei em emendar a segunda para a dar ao prélo com toda a brevidade.

FOI taixado este livro em papel a trezentos e sessenta reis. Meza 30. de Janeiro de 1792.

Com tres Rubricas.



INDICE

DOS VERSOS QUE SE CONTE'M NESTE LIVRO.

SONETOS

A lma feliz, que para o Ceo voaste	Pag. 18
Amor, gentil Ismene, se fez forte	52
Amor preverso, que Tantalea sede	27
Amor qual setta para mim um dia	69
A noite sobre os campos estendia	75
Aquelles pretos olhos engraçados	49
Armendo Alfeno aos passaros um dia	77
A's aguas de um ribeiro sombreado	7
As campinas undi-sonas dourava	6
Banhado em suavissima alegria	13
Chorando sempre chên de amargura	24
Co' as tranças de boninas enaistradas	58
Com duro mando o barbaro Destino	74
Com ferrada, nodosa, e longa vara	78
Com largo cinto, lugubre vestido	79
Com Marcia bella um infaulto dia	19
Com o facho de Amor Hymineu rindo	47
Com o rosto enfiado e lagrimoso	5
Coroadade florida amendoeira	72
Cu-	

I N D I C E

Cupido por capricho, e por tontice	45
Cupido, que tégora triunfante	73
De meus males Amor compadecido	15
Depois que o impio Orestes delirante	76
De procelloso mar vejo cingida	30
De refulgentes astros laureada	3
Desatem-se as estrellas radiosas	1
De teus brilhantes olhos namorado	51
Disse Juno a Minerva: „ Eia acabemos	38
Docto, e honrado José, ramo preclaro	59
Donde a gan fina, donde houveste a idéa,	62
Dos Deoses, e dos homens execrado	34
Eburnea breve mão candido linho	64
Em celeste visã, quando eu dormia	14
Empunha, Alfeno, Amor me disse um dia	57
Em sonhos me mostrou Amor um dia	21
Entre nuvens de talco salta Isbella	71
Esgotou seu thesouro a Natureza	50
Feliz o que da Corte retirado	17
Gentil Marilia, os teus olhos bellos	29
Huma noite em visã prodigiosa	10
Illustre bella Alcippe, a Grande, a Digna	60
Joiã caras, dulcissimos penhores	32
Jonia gentil, com um lascado seixo	56
Ludibrio fui da perfida ventura	33
Louvem-te embora a angelica belleza	48
Maligno Amor, em vaõ de mim procura	20

Meu

Meu bom Genio co'a Lyra adormentando	62
Musas , cantai o dia venturoso - -	43
Naõ forãõ só as tranças de ouro fino	11
Naõ te fellava as immortaes façanhas	37
Nisto paráraõ , Márcia fementida -	31
No intimo peito c'um farpaõ dourado	66
Nas braços da Innocencia reclinada	44
Numa selva de lilas que enfeitava -	54
Oh doce vida, oh sempre venturoso	70
Oh fanta May de Amor, May da Alegria	65
Os Deoses immortaes mostrar quizerãõ	13
O tormentoso golfãõ e empollado ,	23
Picado Amor , de que os mortaes diziam	67
Porque de novo as lides amorosas	35
Quando me ponho a contemplar fizudo	36
Quãõ risonho das vagas radiosas - -	28
Que he isto que ouço? Chamam fingimento	9
Quê negra solidãõ , que saudosa -	8
Que triste horror ! Quê muda soledade	26
Quem vio teus olhos , adorada Iimene ,	53
Ruja o bravo Leãõ quadrupedante -	46
Sapiente Corrêa, firme esteio - - -	68
Se as lagrimas que tenho derramado,	25
Sobre um carro pomposo Amor sentado	4
Surgem do argenteo Reino Neptunino	40
Tãõ alto se arrojou meu pensamento	41
Tãõ risonho , e benigno Amor tyranno	3

Ten-

Terra vergonosa da arvore formosa ,	42
Tinto o rosto de inveja, e de braveza	39
Tinto o vulto gentil de acerbos dores	55
Vê, como está fereno, e deleitoso	22
Vem, (diz-me o improbo Deos dos amadores) - - - - -	63

MADRIGAL

Em quanto tu debuxas, linda Clara	80
-----------------------------------	----

E C L O G A S

Agora que a viçosa Primavera - -	145
Dize-me, Pegureiro mercenario - -	107
Em quanto ao fogo Thestylis prepara	121
Era alta noite, e as aguas prateava	83
Huma clara manhan deliciosa, -	133
Salve, honrado Pastor, meu doce amigo,	89

CANTATAS

Doce he ver na serena madrugada,	159
Já o Sol de purpureas froxas luzes	165

CANÇÃO

Desce do Ceo, Melpomene benigna	173
---------------------------------	-----

CAN-

CANÇONETAS

Armania, a gruta entremos,	- -	265
Ha de Cynthia na alta serra	- -	231
Mudado em ave	- - - -	285
Numa selva alcatifada	- - - -	217
Os cabellos de Marina	- - - -	291
Pelas praias salpicadas	- - - -	199
Quando vêm, celette Armania	- -	281
Que daria á linda Clara	- - - -	189
Venha a Lyra alti-sonante	- - -	183
Uns lindos olhos	- - - -	271

QUINTILHAS

Chegou Nize cortejada	- - - -	299
-----------------------	---------	-----

Pag.	Linh.	ERROS.	EMENDAS.
20	17	Desço	deço
32	9	o meu	o meu. Bem
36	8	com o	co'a
38	8	Por elle Clara	a Clara
ibid.	12	Esposa Tonante	do Tonante
79	5	Livte	livro
95	9	tu a	tua
ibid.	19	com a	co'a

ERROS.

EMENDAS.

Pag.	Linh.		
96		<i>Depois da linha 19</i>	Com o semblante pallido e sereno
97	4	com á	co'a
118	17	arcadorio	arcado rio
128	12	fructa	fructa
165	9	disjunguem	disjungem
167	13	de	do
ibid,		rindo	vindo
170	21	saylva	a sylva
175	10	Erreica	Errica
178	16	aguda	a aguda
202	21	Abondade	A bondade
207	18	derepente	de repente
219	9	juvntæ	juventæ
220	ult.	<i>depois &c.</i>	Vid.
223	18	Mês	Meio
ibid,	19	exhá-la	exhala
227	20	Presumçofos	Prelumpçofos
243	21	briiha	brilhá
246		espalhadas	espalhadas
247	18	19 <i>prepoem-lhes as</i>	„ <i>que lhes saltam</i>
250	20	Amrifo	Anrifo
252	20	ati	a ti
253	21	sobre humanos	sobre-humanos
256	18	Desfecha	Desfechou
260	15	Que	Quem
276	3	Affluçtuante	A fluctuante
278	19	derepente	de repente
299	2	fartante	farfante
300	6	ja mais	jamais
301	18	C'oviçv	C'õ viço



V E R S O S
DE ALFENO CYNTHIO.

S O N E T O I.

A F E B O .

D Esatem-se as estrellas radiosas
Em farpados coriscos crepitantes;
Abram do abyssmo as fauces espumantes
Com rouco estrondo as ondas tormentosas.

Soberbas torres , aryores annosas
Prostrem no chão os ventos sibilantes :
Mostre embora as entranhas chammejantes
Tremendo a terra , e as Regiões fumosas.

Neste cháos horrendo submergido ,
Tranquillo exhalarei o extremo alento
Se julgo , ó Fébo , ser de ti querido.

A sombra temo só do esquecimento :
He nullo para a Gloria um esquecido ,
E isto só me horroriza o pensamento.

A

A' GLORIOSA ASSUMPCÃO
DE MARIA SANTISSIMA S. N.

S O N E T O II.

DE refulgentes astros laureada,
Mais que o Sol bella sobe ao Ceo Maria ;
Uivando o inferno, uivando a Morte impia,
Entre milhões de Serafins levada.

Chega á porta de gemmas estrellada ;
Eis o salão da etherea Monarchia
Retumba com dulcissima harmonia
Pelas candidas Virgens modulada.

Com jubilo a Beatifica Trindade
Recebe a Filha, a Mai, a Casta Esposa,
E a corôa de immensa Magestade.

Serena, ó Terra, a face lagrimosa ;
Depõe as tristes roupas da Orfandade,
He a mesma que enyreo a Mai Piedosa.

A' SENHORA D. M. . . D. . . C. . .

S O N E T O III.

Tão risonho, e benigno Amor tyranno
Me apparecêo nos olhos de Marfida,
Que logo a alma lhe entreguei rendida
Sem recear algum occulto engano.

Triste demim! em breve por meu damno
Vi em ira a brandura convertida;
Mal no laço traidor a tem colhida,
A entrega á Furia do ciume infano.

Mortaes ditosos, que viveis izentos;
Se nos olhos de Maga formosura
Amor vos mostra ternos movimentos;

Não vos fieis jámais da vã ternura:
Atraçoado encobre mil tormentos
Com tão meiga apparencia, e-tão segura.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O . IV.

Sobre um carro pomposo Amor sentado,
 Vi, tirado por miseros amantes;
 Aos lados cem fileiras triunfantes
 De Ministros crueis do Deos vendado.

Atrás ia o grão Jove agrilhado
 C'os Deoses das esferas radiantes;
 Neptuno, Pan, e Nynfas mil galantes,
 E até Plutão no vulto carregado.

Eis Marcia affoma: Amor subito adeja
 Ao seu encontro: as armas, e as bandeiras
 Depõem em terra os férvidos Amores.

Humilde a Marcia o Rei a mão lhe beja:
 Manda soltar as turbas prizioneiras:
 Férem o ár os vivas, e os louvores.

A' MESMA SENHORA.

SONETO V.

COm o rosto enfiado, e lagrimoso
Por fragas, por espinhos discorria,
E a todos, louca, o filho seu pedia
A Deosa, que nascêo no reino undoso,

Eu que observava o effeito milagroso
Do gésto de Marilia, que rendia,
D'uma só mostra, á sua tyrannia
Meu coração indomito, e brioso:

„ Serena, digo, o angelico semblante:
„ Nos olhos de Marilia occulto vejo
„ Salteando izenções Amor triunfante:

„ Alma Cypria, em alviçaras desejo,
„ Que me abrandes o peito de diamante
„ Desta Nynfa gentil brazão do Tejo.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O VI.

AS campinas undi-sonas dourava
A radiosa luz do Sol nascente,
Ardia em róxas flammás o Oriente,
O orvalho sobre as flores scintillava:

Nas aguas Neptuninas se banhava
Venus, a faudá-la diligente
Baixava Amor do Olympo réfulgente,
E a mão, e a rosea face lhe beijava.

Quãdo o explédor dos olhos seus descobre,
Explendor que arrebatá a toda a idéa,
Marilia novo Oriente ao mundo abrindo;

Subito densa nuve a Febo encobre:
Esconde-se nas ondas Cytheréa:
Deixa as armas cair Amor fugindo.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O VII.

AS aguas de hum ribeiro sombreado
De floridos copados azareiros,
Cercada de Amorinhos prazenteiros,
Marcia entregava o corpo delicado.

Doce era ver o bosque debruçado
Lançar sobre ella candidos chuveiros,
Quando os liquidos campos lisongeiros
Rompe a compasso d'um, e d'outro lado.

Doce era ver os membros crystallinos
Pratearem a plácida corrente,
Nova luz accendendo na espessura.

Nisto em mim fita os olhos seus divinos:
Como então não morrí, Fado inclemente!
Não viveria agora em treva escura.

A' MESMA SENHORA.

*Feito no penedo da Saudade junto a
Coimbra.*

S O N E T O VIII.

Que negra solidão, que saudosa
Se descobre d'aqui deste Penedo!
No emaranhado fúnebre arvoredado
Os roucos grasnos dobra a galha annofa.

Retumba a voz do lobo pavorosa
Ao longe lá no concavo rochedo:
Revôa em torno o arrepiado Medo
Em noite tão horrenda, e tenebrosa.

Eis remoinham ventos Sibilantes;
Cáe de saraiva horrí-sono chuveiro:
E aos Ceos aluem enxofrados lumes.

Chorai Alfeno, miseros amantes,
Que espera aqui o dia derradeiro
Trabalhado da ausencia, e dos ciumes.

DE ALFENO CYNTHIO. 9

A' MESMA SENHORA.

*Duvidando-se da sinceridade do meu
Amor.*

S O N E T O IX. ,

Que he isto, q' ouço? Chamam fingimento
A meu sincero affecto, Amor esquivo!
Quando ardo por Marilia em fogo activo,
E me desfaço em misero lamento!

Querem-talvez, que o Espirito violento
Me fuja envolto em pranto successivo?
Ou que em cinzas me torne o incendio vivo,
Para crerem então o meu tormento?

Que te queres vingar, Amor, suspeito,
Dando-me o teu suplicio mais penoso,
Do ledo tempo em izeção vivido.

Mais doce he adorar ferino peito,
Raivar de zelos; ou morrer saudoso;
Do que amar como eu amo, e não ser crido.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O X.

H Uma noite em visão prodigiosa
 Foi-me o Templo de Amor manifestado;
 Alli o vi de lagrimas banhado,
 Em vão chamando a Morte sanguinosa.

Junto delle observava a Mai formosa
 Com o seu apertando o rosto amado;
 Balbuciente, trémulo, enfiado
 Do Nume inquirio a causa dolorosa.

„Roubou-me os meus farpões, arco, e aljava,
 Me diz chorando Amor, „Marcia traidora,
 „ Quando em plácido somno repousava.

„ Fugi, Mortaes, da pérfida Pastora:
 „ Se com seu gesto só tantos matava,
 „ Que estragos não fará armada agora?

A' MESMA SENHORA.

SONETO XL.

Não foraõ só as tranças de ouro fino,
Nem de teus pretos olhos a viveza,
Que vencêraõ a indomita rijeza
D'este meu peito alpestre, e diamantino.

Mas tambem: teu engenho peregrino,
A candida innocencia, e a pureza,
Em que a alma resguardas sempre illeza,
Em tempo tal, de ti, Maria, indigne.

Só assim poderia Amor doloso,
Seus farpões contra mim tendo baldado,
Submeter-me ao seu jugo doloroso.

Nunca, meu Bem, teria-me domado,
Se não foras refumo precioso
De quanto ha mais de bello o Ceo creado.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XII.

BAnhado em suavissima alegria
Me pulla o coração dentro no peito,
Vendo que Amor me unio com laço estreito
A Marcia mais gentil, que a luz do dia.

O mundo ao seu poder, e tyrannia
O vão Conquistador mostre sujeito;
Deslumbre a plebe o Rico satisfeito
Com pompas sumptuosas á porfia.

Veja altivo o Privado turba ingente
De Cortezãos cercá-lo a toda a hora,
Ao seu menor aceno obediente:

Maior gloria, e brazão alcanço agora
Do meu jugo amoroso, mutuamente
Levado com prazer por ti, Senhora.

A MESMA SENHORA.

SONETO XIII.

OS Deoses immortaes mostrar quizerãõ
O seu poder a quanto se estendia,
Quando ao mundo a angelica Maria
Rica de perfeições, liberaes deraõ.

Cytherêa, e os Amores compuserãõ
O semblante, e airoza galhardia:
Dêo-lhe Juno gentil soberania:
As tres Irmãas de graças mil a encherãõ.

Formou-lhe Pallas a alma encantadora:
Do pejo virginal, e castidade
A enriquecêo a Deosa caçadora.

Mas por guardas fieis á Liberdade
Te pôz no coração, linda Senhora,
Seu pundonor esquivo, e crueldade.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XIV.

EM celeftre visão , quando eu dormia ,
Se me mostrou hum Templo mageftoso ,
Forrado de esplendor prodigioso ;
Que a mesma Luz do Sol escurecia.

De corações immensa pyra ardia
Sobre o altar fumante , e sanguinofa ;
E um confuso alarido lagrimofa
As douradas abobedas feria.

Arcos partidos , fettas embotadas
Juncavam o esmaltado pavimento ,
Rotos grilhões , e fachas apagadas.

No fim em throno de gemmado argento ,
Vi Marilia , e em torno agrilhoadas
As legiões de Cupido cento , e cento.

A MESMA SENHORA.

SONETO XV.

DE meus males Amor compadecido ,
Levou-me a huma fala sumptuosa,
Onde vi a Marilia tão formosa
Como a Deosa , que humilde adora Gnido

Com hum longo festão recêm tecido
De mil Deleites pela mão mimosa,
O Deos com a Ventura graciosa
Trazer-me intenta á Nynfa sempre unido.

Nisto entra com o aspecto carrancudo
A Desventura vozeando irada.
Eis ólho em derredor , vejo hermo tudo.

Subito a fala deixa semeada
Do festão roto ; e a mim tremente, e mudo,
D'uma cadéa me cingio pezada.

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO

D E

MARIA SANTÍSSIMA N. S.

S O N E T O XVI.

T Into de affombro eu vejo o Drago infando
Enroscado cingindo um globo denso ;
Morde a farpada cola em odio intenso ,
As estridentes conchas encrespando.

Maria em cima mais, que o Sol brilhando
Unica salva do veneno immenso ,
Com pé forte lhe piza o collo infenso ,
Em vão por boca , e olhos chammejando.

Em torno doctas vozes á porfia
Os seus triunfos em louvar se esmeram ,
Com Hymnos de grandiloqua Poesia.

Que premio os seus devotos não esperam?
Crede ás mãos puras que Ella ao Ceo envia
Em vão jámais em nosso bem se ergueram.

A' VIDA RUSTICA.

SONETO XVII.

Feliz o que da Corte retirado,
Lá nos campos que herdou de seus maiores,
Imitando os singellos lavradores,
Volve os patrios terrões c'o lizo arado.

Não desperta jámais alvoroçado
Da rude chufma aos nauticos clamores;
Nem ao tom dos horrificos tambores,
Ou da estrondosa bomba ao rouco brado.

Sem de temor pender, nem de esperança,
Não vai co' a leve turba aduladora
Incensar os altares da Privança.

Humilde em fim a Providencia adora,
No meio da tormenta, ou da bonança:
Esta he a vida, ó Ceos, que me namora.

B

A Morte de Domingos dos Reis Quita:

S O N E T O XVIII.

A Alma feliz, que para o Ceo voaste,
 Livre desta prizão, e carcer cego,
 Gozando allì em perennal socego
 Do Summo Bem, que tanto, Alcino, amaste.

As procellas horrificas domaste
 D'este empollado, e furibundo pego;
 Melhor, que as evitou o Sábio Grego,
 As pérfidas Serêas evitaſte.

Se nellas Regiões sempre ditofas,
 Immensa plenidão do prazer puro,
 Escutas minhas vozes faudoſas;

De lá me mostra neste valle escuro,
 Com as tuas virtudes luminofas,
 Por onde subirei a ti ſeguro.

Metamorfose de um Trovador.

SONETO XIX.

COm Marcia bella n'um infausto dia
Um infernal Poeta conversava,
Que cos malditos versos que arrotava,
A' triste Nynfa nausear fazia.

Com gesto amargurado ella ouvia,
E dos pés á cabeça tresluava;
Mas por mais mostras, que de angustia dava,
A' nada disto o bruto se movia.

Vendo então, que não cessa a furia insana,
Invoca em seu favor o Ceo subido,
Que a livrasse de pena tão tyranna.

No claro Olympo foi seu rogo ouvido;
E perdendo o selvage a forma humana,
Subito foi em burro convertido.

A' SENHORA D. M... J...

S O N E T O XX.

M Aligno Amor, em vão de mim procura
Novo tributo o teu suave riso;
Já demente não sou, já cobrei lizo,
Já quanto custa sei tua doçura.

Mas oh Ceos! que engraçada formosura
O perfido me mostra de improvizo!
Na ambrosia coma, e gesto almo diviso,
Que ser não póde humana creatura.

Aonde estão, Amor, teus doces laços?
Aonde o leve jugo? Aqui te offreço
Humilde o collo, aqui te estendo os braços.

Mas se tão alto bem te desmereço,
Rasga-me o coração em mil pedaços,
Feliz, e alegre ao túmulo já desço.

A MESMA SENHORA.

SONETO XXI.

EM sonhos me mostrou Amor um dia,
 Gentil Marcia, os teus olhos triunfantes
 A quem sacrificavam mil amantes
 Os rotos corações em ara impia.

Do terno pranto, que cada um vertia,
 As victimas banhavam palpitantes;
 Consumem tudo as chammas rutilantes,
 Onde o desejo eternamente ardia.

Em quanto attento o caso portentoso
 Do sacrificio asperrimo, e cruento,
 E o teu semblante altivo, e desdenhoso:

„ Cedo, me diz Amor, vingar-me intento,
 „ E tu serás, Alfeno, o venturoso
 „ Que me subjugues o seu collo izento.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XXII.

VE, como está sereno, e deleitoso
O mar leite, gentil Marilia ingrata,
Como nas aguas nítidas retrata
Os Ceos ceruleos Febo radioso!

Porém subito inchado, e procelloso,
Em serras cava a crespa undosa prata;
E c'o fero Aquilão bramindo trata
A lampada apagar do Sol formoso.

Copia fiel do pérfido elemento
Te contemplo, meu bem; toda brandura
Affavel riso, e terno acolhimento.

Mas tinto de ira, e de suspeita impura
Vejo o teu rosto infido num momento;
Bate as azas Amor, foge a doçura.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O . XXIII.

O Tormentoso golfão, e empollado,
Que me aparta do teu gentil semblante,
Em batel fragil romperei constante,
De teus divinos olhos animado.

Em vão erguendo o horrifono costado
Me sobe ao negro Polo fuzilante;
E em vão furtando o corpo vacillante
Me arroja ao fundo quasi soçobrado.

Mas se a benigna estrella, que estou vendo,
Minha guia, e dulcissimo conforto,
O Destino cruel fôr escondendo:

: Perdido o Norte está, perdido o porto;
Eis devora o batel o abyfmo horrendo:
E o teu Alfeno, o teu Alfeno he morto.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XXIV.

CHorando sempre chêo de amargura
Do meu Destino os barbaros furores;
Fugindo o ledo trato dos Pastores
Só cercado da minha Desventura.

De dia exposto nesta rócha dura
Da canicula aos fervidos ardores,
No silencio da noite entre os horrores
De susurrante funebre espessura.

Vendo as feras tragar-me o pobre gado,
Hora aqui uma rez m'êa comida;
Hora alli um novilho degollado.

Perdendo em fim a cada instante a vida:
Aqui verás Alfeno retratado
Saudofo de ti, bella Marfida.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXV.

SE as lagrimas, que tenho derramado,
E do meu coração a atróz ferida,
Se a furia de meus males insoffrida
A compaixão te movem, Deos vendados:

„ Faze, que Alfeno, Alfeno desgraçado,
„ Antes que perca a dolorosa vida,
„ Um instante, se quer, veja a Marfida
„ Sem Argos, sem temor, junto a seu lado.

Assim dizia as aras orvalhando
Do fero Nume com meu pranto ardente,
E com supplices braços apertando.

Nisto alça um pouco a venda, e sorridente,
Me torna aquelle monstro detestando:
„ Lá no Elyzio a verás: estás contente?

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XXVI.

Que triste horror , que muda soledade.
Me abza em torno nesta selva escura !
Onde a espaços vislumbra na espessura
Da Lua a incerta , e froxa claridade.

Ouçõ Melampo uivar na minha herdade;
A rouca rá em seu grafnar atura ;
Ruge a aura furda , lobrego murmura
O ribeiro movendo a saudade.

Eis sinto a voz dos Mouchos agoireira
Dobrar os guinchos na ouca penedia :
Annunciam meu fim? O Ceo o queira.

Que mortal mais feliz do que eu seria,
Se de meus annos a infeliz carreira
Aqui findasse sem mais vêr o dia?

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXVII,

A Mor perverso , que Tantalea sede
As ferinas entranhas te abrazêa?
Noite e dia no rosto me serpêa
Pranto , que a Ausencia para ti me pede :

Mas tua barbaria á Tigre excede ,
Que na Hyrcania famelica vaguêa :
Por mais que sólto a lagrimefa vêa ,
Nunca ver o meu bem se me concede.

Queres sangue , cruel ? Que te demora ?
Porque os teus beijos ávidos não banhas
No roto peito , e coração partido ?

Feliz se vejo a angelica Pastora ,
Quando minh'álma as pallidas entranhas
Deixar envolta no ultimo gemido.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XXVIII.

Quaõ risonho das vagas radiosas
Alça o brilhante Febo a roxa fronte,
Purpureando o estellifero horizonte;
E alegrando as campinas saudosas.

As orvalhadas ramas bulliçosas
Das frondentes Irmans de Faetonte,
Tremulas brilham junto á clara fonte,
Abraçadas das vides pampinosas.

Conduz do aprisco ao som da tenue avena
A pastoril companha os gados fóra,
Alternando a silvestre cantilena.

De vêr-te, ó Marcia, affoma a feliz hora:
Vem: ah não queiras, que a manhã serena
Em noite horrenda se me torne agora.

A MESMA SENHORA.

SONETO XXIX.

Gentil Marilia, os teus olhos bellos
Taes graças tem, e magica doçura,
Que os Pastores, e as Nynfas da espessura
Ardem em puro amor, raivam de zelos.

Mal, por mercê de Amor, cheguei a vê-los,
Logo immolei no templo da Ternura,
Por victimas á sua formosura
Ancias, suspiros, lágrimas, disvelos.

Com estes namorados sacrificios
Espera a minha fé em alguma hora
Defarmar seu rigor, tê-los propicios.

Então ao som da Cithara canora
Entoarei alegres Epinicios
A terna Deosa, que Amathunta adora.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O .XXX.

DE procelloso mar vejo cingida
 De Marilia à esplendida morada ;
 De veladores Argos vigiada ,
 De adamantinas torres defendida.

De balde em fragil quilha a embravecida
 Face do pego espero ver domada ,
 Que encapellando a nivea carneirada
 Quasi a tem no profundo submergida.

Mas se os seus olhos, nitidas estrellas ,
 Com amorosa luz, fixa, e brilhante
 Me guiam entre as horridas procellas :

Eu surgirei no porto triunfante :
 E illudindo as previstas sentinellas ,
 Farei cair os muros de diamante.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXXI.

N Isto paráraõ , Marcia fementida ,
Os tremendos continuos juramentos ?
Nisto paráraõ ? Ceos ! Com que tormentos
Quer Cupido arrancar-me a triste vida !

Aquella alta esperança merecida
De meu ardente amor , castos intentos ,
Lançáraõ-na por terra os rijos ventos
Da tua Ingratidaõ enfurecida !

Como , ó Nynfa gentil , como mudaste
A innocencia , a candida ternura ,
Com que o altivo collo me domaste ?

Naõ , meu bem , naõ podias ser perjura :
Involuntaria as Leis executaste
Do cruel Deos , da minha Desventura.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XXXII.

JOias caras, dulcissimos penhores
Da mão traçados da gentil Maria;
A minha gloria já, minha alegria
Quando era o mais feliz entre os Pastores.

Quem podia esperar de taes fiadores,
Que o meu perjurasse em algum dia?
E a serpe da traição que se escondia
Entre tão lindas, e mimosas flores?

Serranos, que de Amor nesta espessura
Levais o jugo asperrimo, e tyranno
Seguindo um falso bem, uma loucura;

Ouvi a voz do experto Desengano:
Fugi d'onde encontrardes formosura,
Alli reina a mentira, alli o engano.

AO DESENGANO

SONETO XXXIII.

LUdibrio fui da perfida Ventura,
Quando viví de Amor no captiveiro :
Cruel senhor, perverso lisongeiro,
Que, quanto mais promette, mais perjura.

Graças ao Ceo ! já livre na espessura
Os grilhões suspendi neste loureiro ;
Gostoso ouvindo o limpido ribeiro,
Que esmalta murmurando esta verdura.

Longe de mim aquelle á quem engoda
Com fantasticos bens o Deos vendado ,
E no cume se vê da fatal roda.

Vem para aqui, feliz Desenganado ;
Vem do collo lavar a infame noda
Do vergonhoso jugo namorado.

C

AMOR SALTEADOR.

S O N E T O XXXIV.

D Os Deoses, e dos homens execrado
Por sua crueldade, e atrevimento,
Fugio Amor, e salteador cruento
Se fêz de Amores mil acompanhado.

Entro acaso num bosque emaranhado,
Onde acampára o rancho turbulento
Eis que retine um silvo, e num momento
Fui da feroz quadrilha salteado.

Quem da alma Paz, da prospera Alegria,
E juvenis Cuidados me despoja:
Quem da altiva Izenção com mão impia:

Quem da mente a Razaõ me defaloja;
E Tõrmento, e Furor substitua,
E em ferros prezo aos pés do Rei me arroja.

A C U P I D O .

S O N E T O XXXV.

Porque de novo as lides amorosas,
Queres que emprenda, barbaro Cupido?
Se da Razão no templo suspendido
Por trofeo tenho as armas gloriosas.

Venci; quebrei cadêas vergonhosas
Da benefica Deosa soccorrido:
Mas fiquei tão magoado, tão ferido
Que inda me ardem as chagas lastimosas

Em vaõ com mil Lisonjas adejando,
Te esforças ir na experta fantasia
Meus sopitos Desejos atijando.

A rigida Prudencia, que me guia,
A égide terrifica abraçando,
Tudo converterá em pedra fria.

AOS REMORSOS.

S O N E T O XXXVI.

QUando me ponho a contemplar fizado
Nesta minha estragada inutil vida,
De misérias sem numero tecida,
Fito os olhos no chaõ, corrido, e mudo.

Depois vejo c'ò gesto carrancudo
Crespo de serpes, com a facha erguida
Alecto, que no peito enfurecida
Parece que me crava um dardo agudo.

Alço aos Ceos alarido lamentoso ;
E logo em meu favor os ares fende
A Esperança aterrando o monstro iroso.

Mas já remissa a meu clamor attende :
Talvez não virá mais , se o Ceo piedoso
Desta furia cruel me não defende.

A' SENHORA D. C... M...

SONETO XXXVII.

Não te fellava as immortaes façanhas,
Improbo Amor, o ter Jove domado :
Mas sem te envergonhar meu baixo estado,
Queres provar em mim armas tamanhas ?

Cruel ! no Flegethonte as settas banhas .
E os seus gumes pungentes has chumbado,
Diga-o o peito de Clara enregelado,
Diga-o o fogo, que me arde nas entranhas.

Eu morro , grande Rei , chêo de gloria
Teu nome voará de gente em gente,
Se o mundo sabe a celebre victória.

Ah c'um fraco-Pastor Heroe valente !
Se deixar queres inclita memoria,
Só de teu jugo Clara não se izente.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O XXXVIII.

Disse Juno a Minerva : „ Eia acabemos
 „ Já de uma vez com este Amor malvado :
 „ De arco, de aljava, e settas despojado,
 „ O remigio das azas lhe talhemos.

„ Por elle Clara o Mundo em ferros vemos
 „ Erguer aras ; servir ajoelhado :
 „ Se tardamos em breve rebellado
 „ Na terra o antigo culto perderemos.

„ Pallas lhe torna : „ Esposa Tonante ,
 „ Melhor he nossas lidas não baldar-mos,
 „ Desesperado o nosso mal prevejo.

„ Dar-lhe-há as armas feu gentil semblâte:
 „ E se as fulmineas azas lhe cortar-mos,
 „ Lhe emprestará as suas o Desejo.

A'S MELHORAS DA MESMA SENHORA.

SONETO XXXIX.

P Into o rosto de inveja, e de braveza
Venus desce á Estyge denegrida ;
Dalli manda huma Febre enfurecida
Contra Clara das Nynfas a Princeza.

Já chegã o monstro, e vendo a linda preza
Só de innocencia , e graças defendida ,
Em vez de retirar-se enternecida ,
O peito lhe inflamou com a facha acceza

Logo o vulgo gentil, plácido, e santo
De pallidez se cobre : Amor tremente
Vôa ao Padre banhado todo em pranto.

Eilo anhelando ó Ceos ! entra contente ;
E c'um licor do Olympo sacro-santo
Das entranhas lhe apaga o fogo ardente.

AOS ANNOS DA MESMA SENHORA.

SONETO XL.

Surgem do argenteo Reino Neptunino
Por entre as verdes ondas borbulhantes,
Sobre as espaduas de Tritões nadantes
Mil Nereidas de gesto peregrino.

Cada qual no regaço alabastrino
Traz galhudos coraes purpureantes,
E as esmaltadas conchas rutilantes,
Onde gelou o orvalho matutino.

Vem tributar-te, Clara graciosa,
Quantos dons o Oceano senhorêa
De alto valor, e de riqueza summa.

Benigna acceita a offerta generosa,
Com que brindam cada anno a Cytherêa
No dia em que saõ de falsa espuma.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XLI.

T Aõ alto se arrojou meu pensamento
De aerias esperanças incitado,
Que a todo o instante o julgo despenhado
Em pena justa do seu louco intento.

Amor, já que lhe déste o nascimento
No terno coração asetteado,
Tu o conduz a venturoso estado,
Apezar do invejoso macilento.

Magoas, e sustos em perpetuo giro
Sabes que longe dos paternos lares,
Me lançáraõ neste horrído retiro.

Que vejo! Eis tãa o Ceo turvos õs ares;
E á Desventura ouvi dar um suspiro.
Ou lonho, ou phecêraõ meus pezares.

AOS ANNOS DA SENHORA D. M... B. J...

S O N E T O XLII.

TEnra-vergontea de arvore formosa,
 Que, os raminhos gentís desenvolvendo,
 Já nos mostras a gala, que irás tendo
 Em mais ufana idade, e vigorosa.

Em quanto a Mai com sombra piedosa
 Vai a tua innocencia defendendo,
 Em perfeições, e graças florecendo,
 Crece feliz, ó Planta generosa.

Hoje que Febo c'os frizões dourados
 Cerra o brilhante circulo primeiro, (*)
 Em que adornar viste os nossos prados.

Benigna acceita os dons de um Pegureiro;
 Puros votos aos Deoses consagrados,
 Que o teu verdor conservem sempre inteiro.

(*) Completára então um anno d'elle que viera á luz.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO XLIII.

MUfas, cantai o dia venturoso,
Em que dos Lulos com immensa dita,
Brilhou no mundo a tenra Benedita,
Das Virtudes, das Graças dom mimoso.

Vede Amor, que banhado o gesto em gozo,
Como quem altas couzas premedita,
De quando em quando nella os olhos fita
Affiando um virote sanguinoso.

Porém que vejo, Filhas da Memoria,
Calladas me apontais Claricia bella,
De quem urdindo estais a insigne historia!

Mas já Cynthio o mysterio me revela:
Sim todo o seu louvor, e a sua gloria
Consiste em ser a linda copia d'ella.

AO MESMO ASSUMPTO.

S O N E T O XLIV.

Nos braços da Innocencia reclinada
Vi Marcia linda neste fausto dia;
A' dextra o Genio tutelar se via,
E defronte a Virtude ajoelhada.

Sobre uma densa nuve auri-rosada
Um Livro mais que o Sol resplendecia,
Nelle a augusta Virtude attenta lia
Os Destinos da Nynfa delicada.

Mas nisto attenta em mim a Deosa bella,
Manda-me de Ìo o taciturno Moço,
Que os labios meus com o sigillo sella.

Fechou-se o Livro: cheios de alvoroço
Todos abraçam a gentil Donzella.
Lyfia feliz! Que mais dizer-te posso?

PROGENITORES DO CIUME.

SONETO XLV.

CUpido por capricho , e por tontice
Co' a vil Suspeita desposou-se um dia ;
Prole viril haver d'ella queria ,
Que o amparasse na languida velhice.

Em breve um Filho tem, que na doidice,
No gesto , e na figura ao Pai faía ;
Mas como a Mai sobejamente via ,
Como ella se ira , e amargamente ri-se,

Na dextra chammas , e na esquerda gêlo,
Róe as entranhas com perpetua fome :
N'alma affola de Amor o Reino bello.

Razaõ , gostos , e paz tudo consome.
Esta Fera , Mortaes , (tremo ao dizê-lo)
Esta Fera , o Ciume tem por nome.

A' VIRTUDE.

SONETO XLVI.

R Uja o bravo Leão quadrupedante ,
Silve a praga de serpes temerosa,
E abraze o pólo em noite procellosa
Jove co' a rubra dextra fulminante.

Erga os mares ao Olympo radiante
A caterva dos ventos furiosa:
Empunhe embora a espada sanguinosa
Com torvos olhos o Tyranno intante.

Caia partida a máquina do Mundo ,
E mostre o negro Averno á luz do dia ,
Quanto encerra o seu bárathro profundo.

O tranquillo semblante mostraria
A tudo , e mesmo ainda moribundo ,
O que a Virtude traz sempre por guia.

As Felices Nupcias da Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Maria de Lorena como Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde da Ribeira.

S O N E T O XLVII.

COm o facho de Amor Hymineurindo,
Do preclaro Ribeira aos braços guia
A pudibunda a angelica Maria,
Dos honrados Almeidas ramo lindo.

Jove, e os Deoses a fausta nova ouvindo,
Sentam-se á meza, e tintos de alegria,
Dobra-se o nectar, dobra-se a ambrosia,
Brindam a Amor os copos retinindo.

Venus por ver a Esposa ao Tejo dece,
Naõ honrando a immortal festiva cêa:
Chega; olha-a; de inveja amarelece.

Já o Despeito as iras lhe esporêa...
Mas vio o Esposo, a furia lhe falece,
Que o seu Adonis lhe surgio na idéa.

A Illustrissima, e Excellentissima Senhora D.
Joanna Isabel Forjaz.

S O N E T O XLVIII.

Louvem-te embora a angelica belleza,
De que o Ceo te dotou com maõ profusa ;
Louvem-te as graças da suave Musa,
Ou dos Avós honrados a nobreza.

Eu só tu' alma a quem Virtude préza
Louvo, a honra, e esplendor da Terra Lusa,
Onde o Merito achar refugio usa
Naufrago nos cachopos da Pobreza.

Tu só, Jonia gentil, tu só piedosa
Cõ' a lança da benefica Ventura,
Corres a debellar-me a Sorte irosa.

Já grata em teu louvor a voz se apura :
Já para ouvir-me o Mouro(*) ergue a limosa
Fronte azul, e entre os seixos naõ murmura.

(*) *Mouro* = Rio de Mouro ribeiro conhecido, que nasce tres legoas distante de Lisboa para a banda de Cintra, cuja estrada atravessa por baixo de uma espaçosa ponte, dando o seu nome a uma

A' SENHORA D. J. . . P. . . L. . .

S O N E T O XLIX.

A Quelles pretos olhos engraçados,
 Antes do Ceo de Amor almas estrellas,
 Que serenam as horridas procellas,
 Que irosos contra mim erguem os Fados.

Aquelles aureos fios ondeados,
 O eburneo collo torneado , aquellas
 Faces rosadas candidas , e bellas
 Labios purpureos, dentes jaspeados

Minh'alma tudo vio, mas vio liberta
 Com assombro de Ismene, e Amor corrido,
 Escudando-a a Razaõ prõvida , e experta.

Eis vi seu coraçãõ , fiquei rendido :
 Como a victoria penderia incerta,
 Se a Razaõ m'õ mandou, e naõ Cupido.

D

lugar insigne pelas suas amenas , e grandiosas
 quintas. = *Nota do Editor.*

AOS ANNOS DA MESMA SENHORA
S O N E T O L.

E Sgotou seu thesouro a Natureza,
Quando formou de Ismene o gesto lindo:
Voou Amor, e a Deosa prevenindo
A alma lhe infundio co'a facha acceza.

Abrio-lhe os olhos chãos de viveza,
Dalli farpões em braza despedindo:
Agudos ais estaõ o ar ferindo
Da triste gente, que arde sem defeza.

Mortaes, chegou o dia venturoso,
Em que attento a honrar da Ninfa os annos
Amor é todo brando, e carinhoso.

Ah vinde sem temer os seus enganos:
Este dia é sagrado ao puro Gozo,
Profaná-lo naõ podem magoas, damnos.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O L I.

DE teus brilhantes olhos namorado,
E meu rival o barbaro Cupido,
Um dia me assaltou enfurecido
Dos cruentos Frecheiros rodeado.

Pelo bando feroz agrilhado,
Fui ante o impio Rei offerecido;
Que, armando a dextra de um punhal boido,
O terno peito me deixou rasgado.

Naõ satisfeito ao coração me aponta,
E tres vezes feri-lo em vaõ tentára,
Sem o callar o ferro se despona.

Tinto de assombro no prodigio encara:
Quando subito vê com sua affronta,
Que alli a tua imagem me amparára.

D ii

A' MESMA SENHORA:

S O N E T O LII.

A Mor , gentil Ismene , se fez forte
 Nos teus travessos olhos vencedores ,
 Dallí chovem hervados passadores ,
 Que aos miseros mortaes daõ certa a morte.

Na linda bocca tem seu throno,e Corte;
 Nella dá audiencia c'os Amores
 A supplices queixosos amadores ,
 Que aguardam palpitando a sua forte.

Donde vem,que em seu peito alabastrino,
 Sem nunca repouzar a turba alada ,
 Vôa , e revôa em torno de contino ;

„ Naõ sabes , que esta angelica morada ,
 Sorrindo-se me diz o Deos maligno ,
 „ A' lúbrica Incônstancia he dedicada ?

A' MESMA SENHORA.

SONETO LIII.

Quem vio teus olhos, adorada Ismene,
Chêos de graças, chêos de ternura;
Quem vio tua divina formosura,
Naõ se queixe de amor por mais que pene.

Os mais rijos farpões Cupido empenne,
Renove o arco, forneça a aljava dura,
E de armas tecendo horrída espessura
Seus Ministros crueis em campo ordene.

Contra os humanos a falange crua
Torvo conduza, e em batalha impia
Vença, lance por terra, mate, estrua.

Mais insigne victoria ganharia
Teu lindo gesto com affronta sua;
N'uma só mostra, que de si daria.

A' SENHORA D. J... F... L...

S O N E T O L I V .

N Uma selva de Lilas , que enfeitava
A maõ de Abril de azuis cachos cheirosos,
Deposto o arco, e os ferros sanguinosos,
Amor na molle relva dormitava.

Eu q̃ entre huns densos ramos o espreitava,
Fitando nelle os olhos duvidosos,
Manso , e manso com passos temerosos
Chego ao Deos cego , e as armas lhe furtava.

Corro ufano a jaçtar-me a toda a Aldéa ;
E em opprobrio de Amor contino armado
Do despojo traidor ando : mas hoje

Nos olhos da aurea Jonia me saltéa ;
A' sua vista caio deslumbrado ;
Cobra as armas crueis ; fere-me, e foge.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LV.

TInto o vulto gentil de acerbos dores,
 O aureo cabello aos ventos esparfido,
 Nú um pé, e outro, em sangue, e denegrido.
 Vaga por Cintra a Deosa dos Amores.

„Piedosas Nynfas (brada), e vós Pastores,
 „Dizei-me se entre vós vive escondido,
 „A vida de minh'alma, o meu Cupido:
 „Eu prometto adoçar os seus rigores.

„Deosa (lhe torno) ao teu Frecheiro ardente
 „Nos seus travessos olhos Jonia encerra,
 „Que a côr imitam do humido Tridente.

„Mal rutiláraõ nesta amena ferra,
 „Ergue o vôo a Izençaõ pelo ar patente;
 „Deslumbra, ferem, matam, põem por terra.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O. LVI.

Jonia gentil, com um lascado feixo,
 Em signal dos reciprocos ardores,
 No lizo Freixo entre festões de flores,
 Teu doce Nome, e o meu gravados deixo.

 Crescerá té ao Ceo o verde Freixo,
 E cresceráõ iguaes nossos amores,
 E ao redor assombrados os Pastores
 A dita invejaráõ do terno Aleixo.

 Invicto Amor, est'arvore te voto,
 Tu a protege da fulminea chamma,
 Do abrazador Soaõ, do bravo Noto.

 E a Nynfa, a que assombrar a sua rama,
 Tu faze, que ame por impulso ignoto,
 Como a Aleixo a meiga Jonia ama.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LVII.

EMpunha, Alfeno, Amor me disse ũ dia
„ Este agudo punhal, e o seio passa;
„ Da linda Jonia tu perdeste a graça,
„ E um crime taõ atroz assim se expia.

„ Vede, que Heroe o rosto se lhe enfia,
„ E prostrado os meus pés tremulo abraça:
„ Longe de mim, de Prometheo vil raça,
„ Meu reino infama tanta covardia.

Disse: de pejo o vulto se me accende;
Empunho o ferro; torço a maõ esquiva,
Mas no ar a esperança a maõ me prende.

Tira-me o ferro; ao chaõ o arroja altiva,
E diz-me, em quanto Amor os ares fende,
„ Vive, e supplica, Jonia he compassiva.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O L V I I I .

CO'as tranças de boninas enaistradas,
 Pendendo-lhes das mãos festões de flores,
 As Aias da Rainha dos Amores
 Pizam do Tejo as praias concheadas.

Em fumegantes pedras gottejadas
 De rotos corações de mil Pastores,
 Afia os seus ardentes passadores
 Amor co'as tenras mãos ensanguentadas.

Com os festões as Graças Jonia adornam,
 Acclamando-a gentil sua Princeza,
 E os attractivos seus por ella entornam.

Dá-lh' elle os ferros, dons, que a Mai mais préza,
 Que iguaes seus olhos formidaveis tornam;
 E á nova Irmã lhe beja a face acceza.

MEMORIAL

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
José de Vasconcellos, Conde de Pom-
beiro, Regedor das Justiças &c. &c.*

SONETO LIX.

Docto, e honrado José, ramo preclaro
D'Heroes mil, q da Fama o templo encerra,
Por esclarecerem tanto a Lusa terra,
Calcando o torpe esquecimento avaro.

Se da Toga o esplendor, dos réos o amparo
Foste sempre, Senhor, vale-me, a terra
O monstro, que roubar-me em viva guerra
Quer da minha pobreza o asylo caro.

A Trapaça bifronte sem piedade,
Corre a empolgar a garra ambiciosa
No viçoso pomar avita herdade.

Alli ao som da Lyra harmoniosa
Teu nome levarei á Eternidade,
Se me amparar a tua sombra honrosa.

V E R S O S
M E M O R I A L

*A Illustrissima, e Excellentissima Senhora
D. L. de L. C.: de O.*

S O N E T O L X.

Ilustre bella Alcippe, a Grande, a Digna
De teu sexo clarissimo ornamento ;
Ouve piedosa o misero lamento
Da Alfenia Musa de seu fado indigna.

Langue a triste em esteril rócha Alpina
Cercada de alto pego turbulento ;
Entre as undosas ferras muge o vento,
E em feia noite Jupiter fulmina.

Alveja ao lonje o Porto da Ventura ;
Mas para o demandar só da Esperança
Lhe deixa a fragil barca a Sorte dura.

Mas se por guia o teu amparo alcança,
Affrontando a borrasca, e a noite escura
Ovante surgirá em mar bonança.

MEMORIAL

*A Illustrissima, e Excellentissima Senhora
D. M... d. L. C... da R.*

SONETO LXI.

Meu bom Genio co'a Lyra adormétando
A cruel serpe da Desgraça impia,
Ati, Marcia prestante, hoje me envia
Para do seu remir-me ceppo infando.

Que vejo oh Ceos! Eis a Fera despertando
Terrivel incha os collos, e assobia:
Eis deste augusto Alcaçar segue a via
Pela trilingue bocca fumegando.

„Naõ temas, diz-me o Genio, o môstro iroso;
„Ao santo Asylo da Indigencia honrada
„Te guia a larga maõ do Ceo piedoso.

„Já te estalla a cadêa infortunada,
„E aos pés de aureo Destino venturoso,
„Olha bramindo a serpe agrilhoada.

A' SENHORA D. M... G....

S O N E T O LXII.

D Onde a grá fina, donde houveste a idéa,
 Com que de Marcia o angelico semblante
 Tingiste, Amor, naquelle doce instante
 Em que (por mercê tua) a vi, e amei-a ?

Assim corou a bella Cytherêa
 Quando saô á luz do reino undante
 Entre os vivas de immensa turba amante ,
 Que a terra , o mar , e o Olympto senhorêa.

Mas tu me mostras no virgineo pejo ,
 Quem as tuas violas de seu rosto
 Rajou da côr da pudibunda rosa.

Eloquente Rubor ! por ti me rejo
 No turvo mar de Amor á Sorte exposto;
 Tu és a minha estrella bonançosa.

*A mesma Senhora ouvindo-a cantar , e
sua Irmã a Senhora D. V... J...*

SONETO LXIII.

V Em(diz-me o improbo Deos dos Amadores)
„ Alfeno, ouvir a angelica harmonia
„ De Marcia ,e de Gelinda., Sigo-o, e via
(*) Em vestes femininas dous Amores.

Um delles entre os sons encantadores
Taõ meigos olhos para os meus volvia,
Que atravez delles nalma me infundia
Invisiveis suaves passadores.

Um novo Hymno,nadãdo a alma em gozo,
Alçam a Amor os labios meus trementes ;
Mas atalhou-me o Nume sanguinoso.

Fitou em mim os olhos impudentes,
E disse : „ Entaõ naõ sou um Deos piedoso ?
„ Ferido estás de morte , e naõ o fentes.

(*) Allude á pequena , e delicada estatura das ditas Senhoras.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O LXIV.

E Burnea breve maõ candido linho
Fronteiro a mim, por me aditar, corria,
E uma Nynfa gentil me descobria,
Que na alvura escurece a neve, o arminho:

Dos olhos, onde faz Cupido o ninho,
Um chuveiro de luzes despedia;
Nellas envolto o coraçãõ me abria
O mais duro farpaõ de Amor damninho.

Como nos fere, e embota a vista fraca,
Se raia de improviso o sol dourado,
Rompendo o feio de uma nuve opaca:

Tal eu fiquei, Marilia, deslumbrado,
Quando o brilhante exercito me attaca
De teu semblante, sol do Deos vendado.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LXV.

O'h santa Mai de Amor, Mai de Alegria!
 Que aos Deoses os mortaes benigna igualas;
 Ao gesto almo que eu vi ás meigas fallas
 Naõ exceedem o Olympto, e a Ambrosia.

Mas que furor a mente me extravia!
 Naõ pizo eu já do Ceo as aureas salas?
 Lá está Juno, Febe, e a gazea Pallas...
 Eis conduz Venus a gentil Maria.

Minha mãõ á da Nynfa Himineu junta,
 Cáe a meu lado uivando um monstro horrêdo
 Com os beiços em sangue, e cõr defunta.

„Teu Fado adverso vê no chaõ jazendo,
 „Alfeno, (diz-me a Deosa de Amathunta)
 „Maria t'o domou. Que estás temendo?

E

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O LXVI.

NO intimo peito c'um farpaõ dourado
De Marcia o gesto me entalhou Cupido:
Na obra se enlevou, e inadvertido
Co' a ponta se ferio no esquerdo lado.

Subito estremecêo, vendo-o sangrado;
E ora no vulto branco, ora accendido,
Vagam-lhe os lentos olhos, e um gemido
Lhe escapa, em vaõ tres vezes suffocado.

Arranca um passador de plumbea ponta,
De travez olha a Marcia, e ferozmente (*)
Para o meu peito murmurando o aponta.

Esmorecí: mas Hymineu clemente
Escudou-me, e de Amor em mofa, e affronta
Derreteo-lhe o farpaõ c'o facho ardente.

(*) *Substituit, infermaitque ferox, & inhorruit armos. Virg. Æneid. 10. v. 711.*

A' MESMA SENHORA.

SONETO LXVII.

Picado Amor, de que os mortaes diziam,
 Que Marilia domar lhe foi defezo;
 Baixa aos Campos do Tejo em ira accezo,
 E as frechas no carcaz lhe retiniam.

Crebros farpões , que pelo ar zuniam,
 Dispara em vaõ do eburneo arco tezo ;
 Que deixando o alpestre seio illezo
 Já despontados sobre o chaõ caíam.

Chêo de confusão chama os Amores
 Contra os humanos de furor bramindo ,
 Forja dardos , a fia passadores

Já lá vem a falange conduzindo...
 O' Serranas , fugi , fugi , Pastores,
 Fugi , que só se vence Amor fugindo.

*A feliz vinda do Reverendo Senhor Abade
José Corrêa da Serra, Secretario da
Academia Real das Sciencias.*

S O N E T O LXVIII.

S Apiente Corrêa, firme esteio
Da Lusã Academia esperançosa ;
Vem alegrar a face saudosa
Da Patria , e seu ternissimo receio.

Acceito , e honrado fora do seu seio ,
Em toda a parte a fazes gloriosa ,
Pela vasta sciencia portentosa ,
Talento , e ingenho de mil graças cheio.

Debalde contra ti a Inveja dura
Com as sombras do Aleive fraudulento
Offuscar os teus meritos procura :

Triunfarás de seu maligno intento ;
Assim das nevoas da lagõa impura
Do Sol triunfa o almo luzimento.

A SENHORA D. T. G.

SONETO LXIX.

A Mor qual setta para mim um dia
Vôa dos olhos da gentil Dircêa :
Calla-me ao coração , e alli semêa
Amores , e esperanças á porfia.

Em breve a messe pullular se via ,
E co'a aura do favor suffura , e ondêa ;
Veceja em torno , as flores alardêa ,
E fructos abundosos promettia.

Já da colheita o alegre tempo entrava ;
Quando o monstro vorace do Ciume
Com medonho estridor feroz baixava ,

Com o bafô pestilente envolto em lúme ,
Eis murcha , assola , e queima a Fera brava
A seara feliz do amante Nume.

A' VIDA CAMPESTRE.

S O N E T O LXX.

O Doce vida, ó sempre venturoso
Quem longe do tumulto da Cidade,
Com seus bois arrotêa a avita herdade,
Vides sotterra, ou sangra o rio undoso!

Naõ o affusta o carinho estrepitoso,
Que trota com a inerte mocidade,
Atropelando a misera orfandade,
E o Merito abattido, e vergonhoso.

A vil Trapaça, e a Ambição infana
C'o desvelado Crime multi-forme
Já mais lhe turbam a feliz cabana.

He sua lingua ao coração conforme:
E c'os penhores da leal Serrana
Sobrio cêa; e nos braços della dorme.

AO CARNAVAL DE LISBOA.

SONETO LXXI.

ENtre nuvens de talco falta Isbella,
Solto o cabello, o rosto prateado,
Mostrando aos seus amores eclipsado
O vivo lume de uma, e de outra estrella.

Com as cheirosas lynfas Jonia bella
Molha o esbelto casquilho embonecado,
Que havendo-o por mercê, tira curvado
O felpudo chapeo c'os olhos nella.

Nas esquinas da fordida travessa
A assustadora lata o ar atrôa:
A pallida laranja se arremessa.

Largo brinde geral a Baccho sôa:
Colhe as prezas da Gula a Morte á préssa.
Eis-aquí os entrudos de Lisboa.

A Illustrissima, e Excellentissima Senhora
D. T. d. M. B. C. d. V.

S O N E T O LXXII.

COroada de florida amendoeira,
 Eburnea nova Lyra encordoando
 Polymnia, os Ceos, e terra ramorando,
 Hoje baixou á Tagica Ribeira.

Doce era vêr de alpestre ribanceira
 Pelos picos os Faunos assomando,
 Quando soltava a maga voz louvando
 A Tircêa, das Nynfas a primeira.

Seu raro avizo, alti-sona Poesia,
 Graças; belleza, e co' a Pobreza honrada
 Coraçãõ generoso, indole pia;

Cantava ufana, e aqui alvoroçada
 „ Tua Musa, me diz, neste aureo Dia
 „ Por Tircêa será feliz, e honrada.

A' SENHORA D. L... M...

SONETO LXXIII.

CUpido, que te'gora triunfante
Mais do que com os rijos passadores,
De Lilia com os olhos vencedores,
Subjugou peitos de aço, e de diamantes:

Vê-se prezo na trança rutilante
Soffrendo, quaes causou, acerbas dores.
Vinde submisso ver, vinde, Pastores,
Quem doma o Sceptro do Hérebo fumante.

Ah desabrido Amor, Nume protervo,
Quem te suffoca a inexoravel ira,
E de Rei te converte em baixo servo?

Ao rôto peito meu os olhos vira,
E em pena desta chaga, que eu conservo,
Suspira, fero Amor, em vaõ suspira.

A' MESMA SENHORA.

S O N E T O LXXIV.

COm duro mando o barbaro Destino
Longe da meiga Lilia me desterra,
Para as concavas fragas d'esta serra,
Onde lagrimas verto de continuo.

Aqui armado de rancor ferino
O Ciume ás entranhas se me affera;
De vêa em vêa ardendo em chammas erra
O seu lethal veneno viperino.

Para alivio do mal que me devora,
Em vão de mil queixumes namorados
Encho o deserto, onde a tristeza mora.

Volto-me então aos cantos desusados;
Em vez de canto a minha Musa chora,
Só murmuro na fruta sons magoados.

*A Tisbe saindo da casa paterna
em busca de Pyramo para o lugar
áprazado.*

SONETO LXXV.

A Noite sobre os campos estendia
O seu manto de estrellas recamado ;
E da Lua o semblante prateado
Lá no Eufrates em circulos fervia.

Nas concavas cavernas retinia
De Filomela o canto namorado,
Quando Tisbe a buscar Pyramo amado,
Deixando as molles pennas , se partia.

Tres vezes , cega , a porta abrir procura,
E trez lho negam as piedosas chaves ;
Mas aos Fados crueis em fim cederaõ.

Subito se tornou Diana escura :
Piãraõ tristes mil nocturnas aves :
E em torno os ecchos lúgubres generaõ.

A ORESTES.

S O N E T O LXXVL

Despois que o impio Orestes delirante,
Do seio maternal em ira ardendo,
O nefando punhal tira escorrendo
Em roxo sangue ainda fumegante:

Alçando os vagos olhos vio diante
As negras filhas de Acheronte horrendo,
Da Mai os Manes pallidos trazendo,
Com torva vista, e coma sibillante.

Gela-se-lhe de horror o sangue interno:
Em vaõ da Patria attonito fugia,
Em toda a parte o segue o cru Inferno.

Mas onde onde já mais escaparia,
Quem dentro n'alma traz o algoz eterno
Da errada consciencia noite, e dia?

Parafrase do Idyllio 2.º de Bion Smyrneo.

SONETO LXXVII.

ARmando Alfeno aos passaros um dia,
 (Molle penuge as faces lhe dourava)
 Vio um grande, que em torno revoava,
 A cuja vista pulla de alegria.

Envisca varas novas ; poé-se á espia,
 Em vaõ , de tudo o passaro zombava:
 Irado varas, visco arremessava;
 E ao velho mestre queixas mil fazia.

Ao velho o mostra, que mal nelle attenta,
 Conhece disfarçado Amor damninho:
 Amima o moço , e a par de si o assenta.

„ Foge, lhe diz, dest' Ave, simpleszinho:
 „ De lagrimas, e sangue se alimenta,
 „ E faz no coração seu fero ninho.

Parafrase do Epigramma de Moscho:
O Amor Lavrador.

S O N E T O LXXVIII.

COm ferrada, nodosa, e longa vara
Cupido os tardos bois ledo pungindo,
Banhado de suor o gesto lindo
Semeando Amores largas veigas ara.

Jove, que o vê, lhe diz com voz amara :
„ Que egregias obras ! Como vaõ luzindo !
„ Mas eu te irei, protervo, prohibindo,
„ Que colhas a pestifera seara.

„ Já eu co' a minha dextra fulminante,
„ Se naõ houvera dó a tenra idade,
„ Te abrazára, Frecheiro petulante.

„ O' lá terrivel Deos se tens vontade
„ De tornares a ser Touro nadante,
„ Impõr-te o jugo bem sei eu quem hade.

AMOR MAGICO.

SONETO LXXIX.

COm largo cinto, lugubre vestido,
Tenue vara na mão, e um livre annofo
Murmurando com vulto pavoroso
A' luz da ruiva Delia vi Cupido.

Dá tres voltas num circulo metido,
E o chaõ c'o esquerdo pé fere raivoso:
Envesga os olhos, e arquejando ancioso
Por Hecate bradou enfurecido.

Muge a terra, e entre larvas cento, e cento
Do Abyfmo fai a Deosa ao Ceo sereno;
A quem lhe diz o Deos sanguinolento:

„Deosa, que o Áverno reges c'um aceno,
„ A' Furia do ciume macilento
„ Entrega para sempre o louco Alfeno.

MADRIGAL

EM quanto tu debuxas, linda Clara, (*)
 Zombando de Cupido,
 Teu livre coração asfeteado;
 Não sabes, que vingança te prepara
 Com o semblante em colera accendido
 O fero Deos picado.
 Não o sentes forjar na fragoa ardente
 Uma setta de ponta adamantina?
 He para te varar impaciente
 O teu peito cruel de rocha alpina;
 Porque apprendas, bellissima perjura,
 A respeitá-lo ainda na pintura.

(*) Foi feito de improviso a uma Senhora,
 que, tendo debuxado um coração asfeteado, e
 perguntando-lhe o A. cujo era, respondeo, que
 era o seu.

ECLOGAS.

F



ERYMANTHO

ECLOGA I.

I.

ERa alta noite , e as aguas prateava
 A taciturna Irmã de Febo loiro:
 O Favonio no bosque sussurrava:
 Guinchava o Môcho com funesto agoiro:
 Quando o afflito Erymantho, a quem cercava
 Triste o seu gado , junto ao claro Moiro ,
 Chêa de dor a alma , e os olhos d'agua
 Assim desabafava a sua magoa.

E R Y M A N T H O.

II.

Sai, casta Febe, os campos alumia
 Desse estrellado, e Crystallino assento:
 Em tanto aqui cercado de agonia
 Em vaõ queixas espalho ao surdo vento.
 Ide, ovelhas, pascei a relva fria;
 Basta, que eu soffra só o meu tormento.
 E tu te'gora usado em ledô canto
 „ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

III.

Lydia se dá ao rustico Falcino,
 Lydia mais bella, que a manhã rosada!
 O' eleição, e gosto peregrino!
 Como serás das Nynfas invejada,
 Lydia! Escolhes Pastor do que eu mais digno;
 Já tens a tua sorte melhorada.
 A quem não causará a troca espanto?
 „ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

IV.

IV.

Tu deixas por Falcino monstro horrendo,
Meu doce verso, e canto sonorofo ?
Por Falcino (ah! naõ creio o que estou vendo)
Fero no trato, esqualido, e nojoso!
Que crucis magas entre si fazendo
Encanto indissolovel, e forçoso,
Louca Pastora, te allucinam tanto?
„ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

V.

Já fei, quem he Amor: Deos inhumano
De um penedo no Caucaõ nascido;
De uma Tigre feroz no monte Hyrcano
Entre feras selvaticas nutrido,
D'elle sã nasce, Lydia, o teu engano,
D'elle he o meu tormento procedido,
E naõ de inextricavel, forte encanto.
„ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

VI.

VI.

A quanto o impio Amor a quanto obriga
 Um'alma de seus fogos abrazada!
 Diga-o a maõ que o Cerbero subgiga
 Em feminis officios occupada
 Do grande Alcides: Cytheréa o diga,
 Buscando entre a lanigera manada
 Amorosa um Pastor do loiro Xantho.
 „ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

VII.

A Falcino se dá Lydia formosa
 Ao mais torpe, mais çafaro cabreiro!
 Que cousa se terá por fabulosa,
 Dos que vivem de Amor no captiveiro?
 Juntem-se o fero Abutre co'a mimosa
 Pomba, a ovelha co' lobo carniceiro:
 Já do maior prodigio naõ me espanto.
 „ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

VIII.

VIII.

Agora vejo, o quanto me enganavas,
Quando co'a tua maõ á minha unida,
Pelas claras estrellas me juravas
De me seres leal em toda a vida.
Teme, cruel, de quem entaõ zombavas
A pena do perjurio merecida,
Se justiça lá mora no Ceo santo.
„ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

IX.

Ah triste de quem põe sua ventura
Em peito feminino! mais mudavel
Que as folhas agitadas na espessura
Pelos sopros do Zefyro incançavel:
Mais que o mar inconstante por natura,
E mais que de Ixion a roda instavel
No Reino do severo Rhadamanto.
„ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

X.

X.

Verás colher, Serrano desditoso,
 A rude mão de fardido ayarento
 Os fructos, que regaste carinhoso
 Com lagrimas de amor, e casto intento?
 E da esperança o teu jardim viçoso
 Murchar dos zelos o empestado alento,
 Com rosto enxuto soffrerás em tanto?
 „ Acompanha, Rabel, meu triste pranto.

XI.

Ah! Não sofframos, não; antes busquemos
 Longe de Lydia a ferra mais fragosa,
 E um eterno a Deos á Patria demos.
 Mas lá assoma Venus luminosa
 No alto pico da ferra... Caminhemos
 Para o aprisco, manada lastimosa,
 Antes que a Aurora rompa o negro manto.
 „ Deixa já, meu Rabel, o triste pranto.

A' M O R T E

D E

DOMINGOS DOS REIS QUITA

A L C I N O ,

E C L O G A II.

ALFENO , E FRONDOSO.

A L F E N O .

SAlve , honrado Pastor, meu doce amigo,
 Unico amparo d'este desditoso,
 Como he á terra planta o denso abrigo.

Que fortuna , ou que fado venturoso
 As margens visitar do Tejo ameno
 Agora te conduz , gentil Frondoso.

F R O N D O S O .

Vem a meus braços, vem, querido Alfeno,
 Mais grato aos olhos meus, do que á manada
 O cheiroso tomilho, e o molle feno.

Sen-

Sentemo-nos na relva matizada
De boninas , á sombra da parreira
Com estes verdes chôpos enredada.

Vê , como a aura branda, e lisongeira
Do arroio encrespa a limpida corrente ,
Escumoso quebrando na ribeira.

Hontem caô-me o capro da semente
No ribeiro da Aldèa tão sem tino ,
Que se affogou na rapida torrente.

Hoje venho escolher um capro digno
De me guiar o gado petulante
Nos copiosos fatos de Falcino.

Parti, quando nascia o Sol brilhante:
Eis-aqui , meu Pastor , a causa ouviste
De eu commetter caminho taõ distante.

Mas tu que tens , que assim te vejo triste
C'os olhos lagrimosos , e pizados ;
Creio , que toda a noite naõ dormiste ?

Levou-te acaso a chêa os semeados ?
Ou as tuas ovelhas engafecem ,
Mal este , que tambem nos traz vexados ?

AL-

A L F E N O.

Oxalá que as searas percessem ,
E o rebanho que eu tenho taõ mimoso ,
Do que desgraças taes me acontecessem !

Mór damno irreparavel , lastimoso ,
A alegre vida me tornou mesquinha .
Ah querido Pastor , como és ditoso !

F R O N D O S O .

Acclara já est'alma triste minha ,
Que naõ sei , que funesta delventura
O coraçãõ presago me adivinha .

A L F E N O .

Aquella viva luz serena , e pura ,
Rico dom aos mortaes do Ceo benigno ,
Que nos guiou na terra agreste , e escura ;
Aquelle em fim espirito divino ,
Das nove Irmans esteio illustre , e forte ,
A Morte nos roubou ; he morto Alcino .

FRON-

F R O N D O S O .

Alcino he morto! Alcino! E pôde a Morte,
Com ser cruel , fazer tal crueldade?
Corre tudo no mundo assim por forte ?

Derriba o alto Cedro a tempestade,
Agrestes urzes , rispídos silvados
Salva só com injusta piedade?

Louco , que dizes tu? nossos peccados
Aos Santos Ceos clamáraõ tal castigo :
Naõ vem de errada Sorte, ou cegos Fados.

Aquella mutua paz do tempo antigo,
Singeleza , verdade , e a innocencia
Contra as iras do Ceo seguro abrigo ;

De nós fugiraõ á feroz violencia,
Com que as turmas do vicio as falteáraõ ,
Vendo-nos sujeitar sem resistencia :

No puro coração se agasalháraõ
Do defunto Pastor , do nosso Alcino,
Onde em doce uniaõ sempre moráraõ.

Mas

Mas do Olympto o côselho alto, e Divino,
 Dar-lhe querendo a justa recompensa
 O levou deste mundo baixo, e indino.

Que nuvem de infortunios turva, e densa,
 Campos do Tejo, cobre os vossos ares,
 Que mais, e mais, horrenda se condensa!

Vesti-vos de tristezas, e pezares,
 Valles amenos, verdes ferranias
 Chorai, Pastores, lagrimas a mares.

Morreo! Que bem, Alfeno, me dizias;
 Que era a tua perda inextimavel,
 Mais que ninguem senti-lo assim devias.

Perdeste um Mestre sabio, e amavel,
 Cuja doutrina clara, e virtuosa
 Te fez para com todos estimavel.

Honra pois a memoria faudosa
 Do nosso terno amigo, em verso brando,
 Com tua voz suave, e maviosa.

Eu te irei com a frauta acompanhando:
 Vê, como o azul arroio te convida
 Por entre os brancos seixos murmurando.

AL-

A L F E N O.

Nada podias tu por minha vida
De mais gosto pedir-me, inda que tenho
A voz de suspirar enrouquecida.

Mas se o caso cruel a contar venho,
Temo, naõ me suffoque o amaro pranto,
Que em meus cançados olhos mal sustenho.

Tempera a doce fruta, Amigo, em quanto
De mim o loiro Apollo he invocado,
Que me inspire um sonoro, e triste canto,
Digno de Alcino d'elle sempre amado.

I.

Correi, lagrimas tristes, manso, e manso,
Banhai-me sempre o descorado rosto,
Movendo as feras da montanha dura,
E os peixes deste placido remanso
A sentirem tambem o meu desgosto,
E a minha irreparavel desventura.
Ah! Que lei taõ iniqua da Natura!

Nas

Nas campinas amenas

As brancas açucenas

Perecem , e renascem de contino ,

E só (com magoa nossa , e mil pezares)

Vemos, que tu , Alcino ,

Nos deixas para nunca mais tornares!

II.

Ah que bem agoiravam tu a morte

Mil signaes , e portentos inauditos !

De noite arde em chammass luminossas ,

E com sanguineas manchas todo o Norte.

Cercam a Aldêa espectros infinitos

Em formas gigantêas espantossas ,

Dando roncoss , e vozes pavorossas.

E uma gralha agoireira

Sobre aquella oliveira ,

Na vespera d'aquelle fatal dia

Grasnou com a rouca voz taõ aturada ,

Até que em tal porfia

Sem alento caõ arrebetada.

III.

III.

Ceava um dia (dia desgraçado !)
 Dos seus fructos alegre o brando Alcino ;
 Aos Ceos rendendo as graças , e louvores :
 Come um pomo , talvez envenenado
 De mortifero dente viperino ,
 Subito o accommettêraõ crueis dôres ,
 Ancias mortaes , e frigidos suores.

Como pôde a Natura

Crear nesta espessura

Taõ activa peçonha , que , tocando
 Os teus suaves labios , num momento
 Se não fosse mudando
 Em doce salutifero sustento !

IV.

Jaz trabalhado do letal veneno ,
 Fitos os olhos , fitas as pestanas
 No Ceo resplendente , e crystallino ,
 Ao redor os Pastores , e Serranas
 Suspiram tristemente de contino ,

Até

Até que vendo reluzir Alcino.

Da Morte a foice curva

Com a vista vaga, e turva,

Aos vizinhos estende os froixos braços,

E com Intrepidez se despedia

Com amantes abraços ;

Aos quaes com anhellante voz dizia:

V.

„ Ficai em santa paz, meus bons amigos;

„ Queira o Ceo preservar-vos as manadas

„ Dos máos lobos, dos olhos venenosos,

„ Nem lhes faltem já mais ferteis pascigos.

„ Seguî em vossos cantos as pizadas,

„ Que á custa de trabalhos gloriosos,

Vos deixam em seus versos numerosos

„ Candido, e o grande Elpino,

„ E Corydon divino.

„ E sobre tudo honrai, ó meus Pastores,

„ Com pio culto os Deoses Soberanos ;

„ Honrai vossos Maiores,

„ E o graó Pastor dos campos Lusitana.

VI.

Não pôde mais dizer; e nisto corre
 C'os olhos a buscar a luz do dia
 Tres vezes, e gemeo de t'ella achado:
 Levanta as mãos ao Ceo, suspira, e morre.
 Em tanto em toda a chossa não se ouvia
 Um só suspiro, um pranto magoado,
 Ficando cada qual como embaçado:

Té que o pezar violento,
 Não tendo soffrimento
 De mais estar no peito comprimido,
 Pelos olhos rebenta em larga véa
 Com taõ forte alarido,
 Como se ardesse em chammas toda a Aldêa.

VII.

As Nynfas como doidas gritos dando,
 Arrancam as madeixas de ouro fino,
 Torcendo para o Ceo as mãos mimosas:
 Mil lagrimas dos olhos derramando,
 Exclamam sem cessar: *Alcino! Alcino!*
 Que

Ouvindo o Tejo as vozes lastimosas,
 Que davam as gentís Nynfas queixosas
 Na limosa caverna,
 Foi tal a dor interna
 Que pelo seu Pastor no peito sente,
 Que attonito lhe cae das mãos preclaras
 A urna transparente
 Alagando as campinas, e as searas.

VIII.

Naquelle dia infausto não se viam
 Nos pastos as lanigeras manadas,
 Nem gostáraõ as limpidas correntes.
 Nossas cabras, que apenas se boliam
 Com as tetas de leite retezadas,
 Hoje matam á mingoa os seus neichentes.
 Já de balde lançamos as sementes
 Dos grãos de melhor casta
 Nesta terra madrasta,
 Em vez de loiras gradas sementeiras,
 Premio de nossas vidas trabalhosas,
 Só negrejam nas eiras

A alforra, e as ervilhacas amargosas.

IX.

Despois que nos deixastes, caro Alcino,
 Um denso nevoeiro nos destróe
 Os fructos naõ vingados da Oliveira:
 A frigida saraiva de contino
 As vinhas c'o pulgaõ nos crésta, e róe.
 Os nobres louros, triunfaes palmeiras
 Ornamento das Tagicas ribeiras,
 (Oh successo estupendo !)
 Se foraõ convertendo
 Em bravas tamargueiras, e carrascos:
 Já boninas o prado em si naõ cria,
 Quando até nos penhascos
 Noutro tempo brotavam á porfia.

X.

Tristes de nós, Serranos, que perdemos
 Nossos dias mais ledos, e ditosos,
 Co' doce Alcino jazem sepultados:
 Nem mais na tenue frauta lhe ouviremos
 En-

Entoar-nos os versos numerosos
Deixando-nos absortos, encantados,
De seus sonoros labios pendurados.
Lamentemos contino
Nosso infeliz destino,
E da inhumana Parca o eterno corte.
Eis todo o nosso bem, nossa ventura
Encerra a impia Morte
Em huma triste, e breve sepultura .

FRONDOSO.

Despois de noite escura, e tempestosa
De vermelhos fuzis alumiada
Com breve luz medonha, e ruidosa;
Quando do humido Sul a furia irada
As negras nuvens pluviaes rasgando
Deixa a terra das chéas alagada:
Naõ he taõ grato vêr o Sol raiando
Lá no Oriente lucido, e sereno
Os faudosos campos alegrando:
Como agora me foraõ, caro Alfeno,
As graças dos teus versos peregrinas,

A

E o teu enternecido canto ameno.

De hera , nardo , e odoríferas boninas
Contra os máos olhos, contra a inveja impia
Te c'rôe Delio co' as Irmans divinas.

Tenro louro no Menalo Thalia
Cultiva, para a docta fronte ornar-te
Com a florida rama em algum dia.

Consente agora, que eu te exprima parte
Do que sente minh'alma da ditosa
Sorte de Alcino para consolar-te.

Afina tua frauta sonora .
Já vou em minha Musa agreste , e rude
Cantar a recompensa gloriosa,
Que o Ceo reserva á candida virtude.

I.

Do despojo mortal já livre Alcino
Vai entrando suspenso , e arrebatado
Na regiaõ do Olympo clara, e pura:
Já piza alegre o solio crystallino.
De inextinguiveis lumes esmaltado
C'os olhos em mais Alta Formosura.

E

E olhando as vezes lá da summa altura
 Ao mundo com espanto,
 Vê o forçoso encanto,
 Com que nos allucinam mil Serêas,
 Trocando frageis bens, falsas riquezas,
 De ancias, de males chêas,
 Por sempiternas celestiaes bellezas.

II.

Noutros bosques mais verdes, mais viçosos,
 Noutras fontes mais claras, mais amenas,
 Discorre o doce Alcino praticando
 C'os Espiritos gratos, e mimosos
 Do intonso Apollo, das gentís Camenas,
 Que vaõ de Luso as terras illustrando:
 Um divino Camões sublime, e brando,
 Que honra o ninho paterno:
 Pereira honrado, e terno:
 Mouzinho, os Sás, Ferreira, e os dous q' affamã
 O rouco Lis, e o prateado Lima;
 E outros mil, que se acclamam
 Mestres subtís da Portugueza rima.

III.

III.

O' Pastores , lançai lançai , cad'anno
 No seu sepulchro flores ás mãos chêas.
 Celebrai-o nas frautas resonantes :
 O nosso Merys danará ufano
 Imitando nas rapidas corêas
 Os capripedes Satyros saltantes.
 Viráõ tambem as Tagides galantes ,
 Para honrar este dia
 Com festas de alegria ,
 Umas sonoras Cytharas tocando ,
 Outras na doce voz os seus louvores
 Accordes modulando
 Com Venus , com as Graças , c'os Amores.

IV.

Sê propicio aos teus , feliz Alcino :
 Nem tanto o gozo peremnal te eleve.
 Que te esqueças do Tejo desgraçado,
 Que saudoso chora de continuo.
 Seja a teus ossos sempre a terra leve:
 E se os meus votos ouve o Ceo sagrado ,
 Ce-

Cedo terás um tumulo elevado,

Onde se lêa escrito:

„ *Memoria sou que grito*

„ Para testemunhar de gente em gente

„ No seculo presente , e no vindouro

„ De um Pastor excellente,

„ Que entre nós renovou a idade de ouro.

A L F E N O .

Quão efficaz , e doce medecina

Nesta chaga profunda derramaste

Com teu celeste canto, e voz divina!

Minhas lagrimas tristes enxugaste,

E o roto coração attribulado

De torrentes de jubilos banhaste.

Mas vamos conduzir o manso gado ,

Que junto d'aquella arvore sombria

Se vê quietamente rebanhado.

Vem honrar-me c'ò a tua companhia ,

Caro Frondoso , a minha humilde chossa :

Vamos; que he posto o Sol , e a noite fria

As negras sombras á porfia engrossa.

A L F E N O

E C L O G A III.

TITYRO , MARINO , E ALFENO.

M A R I N O .

Dize-me, Pegureiro mercenario,
Cujo he esse rebanho? He de Frondoso?

T I T Y R O .

Naõ, Marino, a guardar m'o deo Agrario.

M A R I N O .

Tristes ovelhas , gado lastimoso!
A que mãos taõ alhéas de piedade
Vos conduzio o Fado rigoroso!

Em quanto tu, Agrario, na Cidade
C'o Maioral da Aldéa te aconselhas
Sobre a cultura da espaçosa herdade.

Este

Este Adonis de hirsutas sobranceiras,
 Em vez de procurar a herba boa,
 Com que reteze as tetas ás ovelhas;
 Ao som da frauta todo o dia entõa
 A' porta de Crinaura o rude canto,
 Com que as surdas orelhas nos atrõa.
 Deixando exposto o pobre gado em tanto,
 As espreitas dos lobos roubadores,
 Caíndo de magreza, e de quebranto.

T I T Y R O.

Não mais, meu novo Orfeo, cujos louvores
 Vagam lá pelo concavo da Lua,
 Com grande admiração dos mais cantores.
 Não queiras, q' eu também a Aldêa instrua
 Do que ás redes fizeste de Limano...
 Mas esta he a menor infamia tua.
 Assim antes de expôr-te a maior damno,
 A cantar já commigo te prepara;
 Verás, vaõ Pescador, o desengano.

MA-

M A R I N O.

Eu contigo cantar? Quem tal cuidara!
 Não te lembras da rã, que pretendendo
 Igualar-se a um boi arrebutára?

T I T Y R O.

Bem me lembro; e do monte, que gemendo
 Pario com tristes rancos um vil rato,
 Quando a géte aguardava um móstro horrêdo:

Mas porque em vãos discursos me dilato?
 Se cantar queres, um cordeiro apósto,
 Aquelle, que alli vês tozando o mato.

M A R I N O.

Sim, Tityro, cumprir-te quero o gosto,
 Já que tanto porfias, cantaremos:
 Vergonha, e inveja te verei no rosto.

E posto que cordeiros nós não temos,
 Um lindo vaso subtilmente obrado
 De fino barro em seu lugar poremos.

De uma parte em relevo affigurado,
 Está

Está o fero mar chêo de escuma ,
E todo em crespas ferras levantado ;
As quaes rompendo vai com força summa
Um mancebo gentil, afflito , e lasso,
Sem que brilhe no Ceo estrella alguma ;
E sómente tremúla um lume escasso
Em torre excelsa lá da praia opposta,
Para onde estende o triste um debil braço.

Vê-se na face a esta contraposta,
O azul pégo espraiando-se em remanso
Entre os rochedos de escarpada Costa.

Sobre as aguas estofas, manso, e manso
Negro Delfim demanda a ruiva arêa,
De humanidade obrando egregio lanço.

Cortam com elle a crySTALLINA vêa
Os mudos nadadores á porfia
Ouvindo a voz suave, que os recrea ;
Ouvindo aquella rara melodia,
Com que tu, Arion, nelle sentado,
Mereceste escapar á morte impia.

Este he, Pastor, o premio destinado,
Rico adorno da minha pobre gruta,
Até

Atégora de mim nunca estreado.

Mas quem nos julgará nossa disputa?
Lá vem Alfeno: quanto a tempo chega!
Talvez que se arrependa, quem me escuta.

T I T Y R O.

Como a vaidade em ti arreiga, e pega!
Ensina a este, Alfeno justicoso,
Que o nosso proprio amor a razaõ cega.

A L F E N O.

Começai, que eu naquelle bosque umbroso
Attento ouvindo o vosso dezafio,
Guiei logo o rebanho pressuroso.

Aqui nos livrará do ardente estio,
A sombra destes alamos copados,
O Zefyro espirante, e o fresco rio.

E daqui vigiando ambos os gados
Ouvir-vos-hei gostoso o dia inteiro.
Cantai, moços, em versos alternados:
Solta a voz, caro Tityro, primeiro.

FI-

T I T Y R O.

Intonso Febo, que proteges Delos,
 Se ao teu altar offreço cuidadoso
 (Naõ me permite mais a sorte avara)
 Viçofos lourós, e os mais brancos véllos.
 Novo canto me inspira sonorofo,
 Com que iguale de Alcino a voz preclara:

Alcino estrella clara

Já na etherea morada crySTALLINA.

Porém se naõ he digna

De favor tal a minha mente ruda,
 Tórna-me rouca voz, e a frauta muda.

M A R I N O.

O' Tagides gentís, de vós começo,
 De vos, meu doce amor, minhas delicias:
 Se eu sempre na floresta a vós fagrada,
 Em sacrificio alegre vos offreço
 Das minhas pescarias as primicias;
 O gordo cherne, a lúcida dourada,
 E a truta mosqueada;

Do

Do rosado salmaõ o pingue lombo

E o delicado rhombo:

Naõ consintais, que em mim a fama, e gloria

Se escureça da Musa Piscatoria.

T I T Y R O.

Gentil Crinzura, Nynfa soberana,

Cujas graças, e angelica belleza,

As das Napêas vans excedem tanto,

Quanto a faia viçosa á fragil canna.

Porque teu genio esquivo assim despreza

A minha frauta, o meu agreste canto,

Meu firme amor, e pranto?

Se o fer eu guardador do Tejo loiro

Te serve de deldoiro:

Ah! que junto de Anfriso prateado

Febo, como eu, guardou o manso gado!

M A R I N O.

Da loira Ísmene, gloria do Deos cego

Brilham entre as Nereidas mais formosas,

O santo rosto, os olhos singulares,

H

Co-

Como o coral ramoso no alto pégo
 Entre os limos, e as algas vís lodosas.
 Graças, Nynfa, te dou por te dignares,
 Surdindo sobre os mares,
 Gastar commigo rapidos instantes
 Em discursos amantes;
 Taes que se aos Ceos os ventos os levassem,
 Talvez que os mesmos Deoses me invejassem.

T I T Y R O.

De colmo, verde pita, e de ramada
 Larga chossa teci nesta montanha;
 De alta parreira contra o ardente estio
 Cum viçoso docel assombro a entrada,
 Cujas raizes um regato banha,
 Quebrando aqui, e alli em grosso fio
 Com doce murmurio.
 Se lá commigo ao jugo deleitoso
 De Hymineu amoroso
 Te queres sujeitar, O'Nynfa pura,
 Não cobiço da Sorte môr ventura.

MA-

M A R I N O.

Jaz entalhada num rochedo duro
Vasta caverna junto ao mar salgado :
Um ribeiro sangrar para ella intento,
Que goteando espalhe o liquor puro
Pelas fendas do tecto levantado
Prateando o esmaltado pavimento
De flores cento , e cento.
Já de azues conchas , e de buzios lizos ,
Lhe ornei os broncos frizos.
Alli , Ismene , passarás as festas ,
Sem invejar as Nynfas nas florestas.

T I T Y R O.

Neste meu rude trato de Ovelheiro,
Graças ao Ceo, feliz , e ledo vivo :
Um lanoso pellico me repara
Dos Soes de Agosto , e frios de Janeiro
No remanso de arroio fugitivo
Mitigo a sede ardente n'agua clara.
E fan a vida cara

H ii

C'o

C'o fresco leite, que do gado ordenho,
 E com frutas mantenho.
 Sem recear Neptuno, e o rijo vento,
 Ou de Orion o vulto truculento.

M A R I N O.

Marino Pescador do Tejo claro
 Vive com robustez nada invejando,
 Dormindo numa taboa taõ gostoso
 Qual dorme em brando leito o rico avaro.
 Mal vai no Reino undoso Febo entrando,
 Cêa em paz o marisco appetitoso
 E o peixe faboroso.
 Contra o humido Sul, ou Norte frio
 Bebe o vinho fadio:
 Sem temer que o roaz lobo esfaimado,
 Ou a gafeira lhe devore o gado.

T I T Y R O.

Esta que toco frauta sonora
 Deixou-ma o doce Alcino moribundo,
 E nella me adestrou os rudes dedos,

Co'

Co'a qual domava na floresta umbrosa
O javali, o touro furibundo.

Corriam para ouvilo os arvoredos.

E os musgosos penedos.

Deixava de pascer o hervoso prado

O dia inteiro o gado ;

E naõ longe arqueando as sobrançelhas,

Os Faunos afitavaõ as orelhas.

M A R I N O.

Tambem a minha Musa naõ despreza

O Sabio Coridon, antes me guia

Pela fragosa via ao alto Pindo.

Cuja sonora voz torna a braveza

Do mar em bonança calma,

Que, qual espelho os Astros reflectindo,

Parece estar-se rindo.

Adormecem em torno os duros ventos

Cos divinos accentos:

E fora d'agoa estaõ como encantados

A cardumes os peixes prateados.

T I T Y R O.

Se visses na viçosa Primavera
 A Aurora distillar nas lindas flores
 De Iris os cambiantes véos luzentes,
 Donde o Sol scintillando reverbera :
 Em quanto modulando os seus amores
 Se revezam as aves innocentes.

Se em fim visses contentes
 Bicornes Faunos , e gentís Napéas
 Travar leves coréas.

Tu deixáras o mar , e os seus enganos
 Pela ditosa vida dos Serranos.

M A R I N O.

Cortar de noite no calmoso Estio
 O mar leite , e a fervente imagem bella
 Da Lua vêr as ondas estrellando :
 Vêr saltar os Delfins , arcadorio
 Das ventas a golfar ; e a branca véla
 As sussurrantes auras enfunando.

Ouvir em fim cantando

No

No alto pego as Nereidas alternadas,
Sobre os Tritões sentadas.

Taõ altos bens, mysterios taõ divinos
De' os gozardes, Pastores, naõ sois dignos.

F I T Y R O.

Dize-me, novo Arion, que ave he aquella
Que em vivo fogo arqueja, e naõ se abraza,
E no escuro da noite fuzilando
Parece aos olhos vagabunda estrella?
Ou qual he o animal, que a mobil casa
Vai co a viscosa baba fabricando:
De ira todo escumando,
E de pontas qual Touro armando a testa,
Os Jardins nos infesta;
E gera, ao mesmo tempo que concebe,
Quando as aguas do Outono em si recebe?

M A R I N O.

E tu, segundo Orfeo, dize-me agora,
Qual he o peixe, cujo parto rico
Realça o gésto á Nynfa mais formosa;
Con-

Concebendo das lagrimas da Aurora
 No prateado seio almo, e pudico?
 Ou qual he aquella arvore ramosa

Na regiaõ undosa,

Que imita a viva côr do Sol nascente?

Debaixo da corrente

Com molle viisco, ou massa se parece,
 Fora d'ella qual pedra se endurece:

A L F E N O.

Cesse, caros mancebos, tal porfia :
 Ambos iguaes na voz, ambos no canto
 Sem levar um ao outro a primazia.

De hera vos coroi, de nardo santo,
 Porque vos não empeça a inveja astuta,
 Ou de malignos olhos o quebranto.

Aqui tens o cordeiro da disputa,
 Marino, leva a Tityro contigo,
 Para lhe dar o premio, á tua gruta.

Mas que vejo! Eis rompêdo o basto abrigo
 Entra o gado na vinha de Silvano.
 Vinde, mancebos, já vinde commigo,
 Antes que nella façam maior damno.

OS

OS POMAREIROS

E C L O G A IV. (*)

ALFENO, ALBANO, E FILINTO.

A L F E N O.

EM quanto ao fogo Théstylis prepara
As singellas viandas, nos sentemos
Junto d'esta corrente mansa, e clara.

Por entre as leves cannas gozaremos
Da suave frescura matutina,
Com que o estival ardor defencalmemos.

Vêde da Lua a face crystallina,
Como rutila em circulos prateados
Na Tagitana trémula campina!

De

(*) Esta Ecloga he de tres A. : porém todos os versos della, exceptuando as oitavas, são da invenção, e composição do nosso *Note do Edit.*

De ferventes luzeiros marchetados
Que linda vista os Ceos agora fazem!
Dignos de que os invejem nossos prados.

Em roscio as lentas sombras se desfazem,
Dorme o vento nos concavos oiteiros,
E lá no mar as bravas ondas jazem.

Tudo em fim vos convida, ó Pomareiros,
A revezardes o campreste canto,
Ao som dos vossos rusticos falteiros.

A L B A N O.

Sim caro Alfeno, já gostoso canto
Com Filinto as endeixas faudosas
Que com Pomerio aqui cantou Melanto.

A L F E N O.

Antes em novas rimas sonoras
Descantai nossas Deosas tutelares,
Alcippe, e Dafne mais que o Sol formosas:
A quem humildes sobre os seus altares
Offertamos, apenas raia a Aurora,
As maduras primicias dos pomares.

A

A purpurea cerêja , a róxa amora,
 Crespos morangos, pêllegos córados,
 E a romã do rubí imitadora.

Nos vimineos cestinhos alastrados
 De pontagudos pampanos viçosos,
 De alecrim, e florida murtha ornados.

F I L I N T O,

Naõ , Alfeno , naõ somos taõ vaidosos,
 Que emprendamos cantar assumpto digno
 De o cantar Febo em versos numerosos.

A L F E N O.

Nada temais ; que o seu poder divino
 He capaz de elevar té as estrellas ,
 O vosso humilde metro campezino.

Se os seus olhos brilhantes, e se aquellas
 Faces mimosas contemplais na mente,
 A graça, o brio, e as loiras tranças bellas;

Vereis as santas Musas de repente
 Dar-vos a sua doce melodia ,
 Criar em vós um novo engenho ardente.

Já

Já tu o experimentaste , Albano, um día ,
Quando em louvores seus a voz alçando ,
(Aquella voz , que ainda mal se ouvia)

Taõ altamente foste modulando ,
Que absortos se calláraõ os Pastores ;
E naõ sei que entre dentes murmurando .

Logo ao numero honrado dos cantores
Te aggregaraõ os nossos Pomareiros ,
E as Nynfas te croáraõ d'hera , e flores .

Eia , Amigos , temperem-se os salteiros ,
E com sonoros versos alternados
Resonem estes montes sobranceiros .

Dous cestos vos darei accumulados ,
(Se Alcippe , e Dafne decantais agora)
De rotos brejaçotes orvalhados .

Sólta primeiro , Albano , a voz canora .

A L B A N O .

Se Alcippe canto, a bella Alcippe invoco:
Esta frauta me dêo , em que fiado
Rustico fim , porem sincero toco
Seus louvores no meio deste prado :

Mal

Mal feu nome repito, eis que provoço
 Os Satyros do fundo do silvado:
 Seu nome humilha a mais bravia fera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera. ()*

F I L I N T O.

Formosa, e meiga Dafne, differente
 D'essa Dafne, que a Febo fuge esquiva:
 Tu Alumna das Musas, sê contente
 Inspirar em meus versos chamma activa;
 Accenderei em teu louvor a gente,
 Que de te ouvir, e vêr o Fado priva:
 Teu rosto, em q̄ Amor pôz de Amor a esfera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.
 AL-

(*) Este verso intercalar, que vem em um dos Coros da *Castro* do Dr. Antonio Ferreira, e dado para glozar-se, foi quem suggerio a idéa da presente Ecloga. *Not. do Edit.*

A L B A N O.

Alcippe he bella mais que a flor da rosa
 Entre brancos jasmims apparecendo :
 A Deosa matutina taõ formosa
 A meus olhos naõ he no Ceos rompendo :
 Alcippe ou solte ao ar a voz mimosa ,
 Ou toque a doce Lyra , entretecendo
 Loiros cabellos com a c'roa de hera,
Amor ao mundo dá , doce Amor gera.

F I L I N T O.

Mais que os alvos Narcissos Dafne alveja,
 Córrou mais que as maçãs melhor córadas:
 Nos seus olhos, que saõ do Sol inveja,
 Tem o seu Throno as Graças delicadas.
 Dafne, se em brando verso a Amor festeja,
 Ou da Irmã as tranças destoucadas ,
 (Que a Amor captivam)em louvar se esmera,
Amor ao mundo dá , doce Amor gera.

AL-

A L B A N O.

Alcippe, quando entôa os santos Hymnos,
Ou com a frauta os tenros labios trilha,
Nos Ceos move os Celicolas divinos,
Amor c'os olhos namorados brilha:
Arde por ella com ciumes dignos
A mesma Deosa das espumas Filha,
Vendo que Alcippe todo o Ceo altera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

F I L I N T O.

Dafne enche os verdes prados de alegria,
Quando o mimoso pé commette ás flores.
Dafne dá lustre ao mais lustroso dia,
Quando dos olhos raia resplandores.
Dafne faz rebentar n'alma mais fria
Fertil messe de fervidos Amores;
Dafne, que mais que a Deosa de Cythera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

AL-

A L B A N O.

Temem nossos pomares a geada,
 Que os tenros gomos mais q̃ o Sol nos cresta:
 O Pomareiro teme a atreçoada
 Cobra occulta entre os ramos da floresta:
 Eu só temo se Alcippe volve irada
 O santo rosto, a quem Amor requesta,
 Que o prado alegre mais que a Primavera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

F I L I N T O.

Ama a fraucta o roscio matutino,
 E entre nuvens o Sol apparecendo:
 Ama no Estio o tanque.crystillino
 O cysne nadador em calma ardendo:
 Eu amo só o espirito divino
 Da bella Dafne, a quem mil cultos rendo:
 Dafne, de quem Heroes o mundo espera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

AL-

A L B A N O.

Se a bella Alcippe agora eu avistára,
Já subito daqui o corpo erguendo
Aos pés da clara Nynfa me prostrára,
O meu pobre pomar offerecendô:
Bem que em tanto a raposa me estragára,
Quanta fructa esta tarde andei colhendo:
Pois aquella, por quem tudo perdêra,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

F I L I N T O.

Se Dafne formosíssima os mimosos
Olhos voltasse ao meu pomar benigna,
Offrecer-lhe eu os fructos saborosos,
E o pomar todo he cousa pouco digna:
Dafne adormece os Austros furiosos,
As aves ternas a cantar ensina,
Amor fugido aos campos recupera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

A L B A N O.

Eu vi, ó Pomareiros , que Cupido
 Doces fructos d'esta arvore colhia ,
 E que entre aquellas balças escondido
 A' linda Alcipe humilde os offrecia:
 O respeito a esta arvore he devido,
 Nesta arvore não toque mão impia ;
 A Alcippe a voto : Alcippe em nós impera ;
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

F I L I N T O.

Apollo neste monte sobranceiro
 Co' as Musas se sentou , alli Thalia
 Croou a Dafne de vivaz Loureiro,
 E Rainha a acclamou da Poesia:
 Não suba ao monte tosco Pomareiro,
 Monte de versos , monte de harmonia,
 Donde Dafne, se a cithara tempera ,
Amor ao Mundo dá, doce Amor gera.

Mas

A L F E N O.

Qual no fertil Agosto a escassa chuva
(Quando no Ceo aponta a fria Aurora)
Ao verde figo , e á dourada uva ;

Tal me foi a harmonia encantadora,
Com que a engraçada Alcippe, e Dafne bella
Celebrastes em doce verso agora.

Mas já vem alta de Erycina a estrella ;
E no horizonte pouco , e pouco o manto
Estende a Alva de purpurea tela.

Vinde já , Pomareiros, vinde, em quanto
Thestylis nos não chama , o nosso usado
Sacrificio offerer no valle santo.

Mas eu vejo neste Alamo gravado
Inda de fresco um canto peregrino ,
De boninas azuis engrinaldado ,
Por maõ de Nyufa , ou Satyro caprino.

SONETO

Sobre um altar de viva grama um dia
 A Venus duas pombas immolava ;
 Mas sem nunca as tocar se evaporava
 A chamma, que zunindo em torno ardia.

Um santo horror as carnes me arrepia,
 E a Damon o prodigio recontava ;
 Damon, que com os Deoses conversava,
 E ao nublado Futuro o véo erguia.

„ Findou, disse, por ordem do Destino,
 „ Que a Terra, o Mar, os Ceos move, e modera,
 „ O imperio da Mai de Amor maligno.

„ No áplo valle outra Gnido alçar impéra;
 „ Na qual de Alcippe, e Dafne o par divino
 „ Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

SYLVANO,

ECLOGA V.

SYLVANO, MENALCAS, E FRONDOSO.

SYLVANO.

H Uma clara manhã deliciosa,
Quando mal no Oriente reluzia

A carroça de Febo luminosa:

Por um gramineo valle, onde corria
Tortuoso ribeiro transparente,
Minhas mansas ovelhas conduzia.

Em quanto escuto alli furtadamente

Uma Nynfa gentil, que descantava

Em defaffogo de seu peito ardente;

Longe do mais rebanho errante andava

O guia da manada, o qual buscando

Ouçõ ao loiro Damon, que me chamava.

„ Vem cá, Sylvano, aqui chegou balando

„ Tras a minha sylvada quem procuras:

„ Sen-

- „ Sentar-te-has junto a nós no feno brando.
 „ Teu rebanho por entre estas verduras
 „ Com o meu pascerá o hervoso prado,
 „ E gostará do Mouro as aguas puras.
 „ Se o Sol nos aquecer demaziado,
 „ Péto huma lapa está musgosa, e fria,
 „ Lugar ameno ás Nynfas consagrado.
 „ Nella, me disse Dafnis, que algum dia
 „ De perseguir os Cervos descancando,
 „ Na fésta ardente Pan adormecia.
 „ Mil boninas em torno vão brotando;
 „ E do forro viçoso do rochedo
 „ Revém brilhantes lynfas goteando.
 „ Aqui Menalcas, e Frondoso ledo
 „ Escutarás, em quanto boliçosos
 „ Os Favonios suffuram no arvoredos.
 „ Ambos mancebos, ambos desejosos
 „ De conseguirem sempre gloria, e fama,
 „ Em doce canto, em versos sonorosos.
 „ Vem, Pastor caro, assim, quem te defama
 „ De Amor ferida, vejas algum dia
 „ Abrazar-se por ti em mutua chamma.

Dif-

Disse: eu em tanto o gado conduzia
 Só por ouvir os celebres cantores
 Chego, e faudo a grata companhia.

Eis soam os rabeis dos dous Pastores,
 Que estavam a cantar dezafiados,
 E a qual mais louvaria os seus amores;
 Dizendo assim em versos alternados.

M E N A L C A S.

O, Nynfas, que habitais as fontes claras;
 E tu, Pan, que defendes os Pastores;
 Se cad'anno entre o denso
 Fumo de pio incenso,
 Um recental immolo em vossas aras;
 A Menalcas dictai dignos louvores.
 Da belleza, da graça soberana,
 D'aquella que em minh'alma impera ufana.

F R O N D O S O.

Se tu, Marcia, d'est'alma doce vida,
 Com tua peregrina formosura,
 Por quem suspiro ha tanto,

Me

Me inspiras neste canto ,
 Frondoso deixará escurecida
 A fama dos cantores da espessura ;
 E oufará contender com Pan sagrado ,
 E talvez que me ceda envergonhado.

M E N A L C A S.

Porque teus lindos olhos , Laura dura ,
 Que aos míseros mortaes a liberdade ,
 Por mais que se defendem ,
 Domam , e em ferros prendem ,
 Em mim fitaste chãos de ternura ,
 Se de izençaõ armáras a vontade ?
 Cruel ! Ao meu amor constante , e forte
 Ou dá-lhe o galardão , ou dá-me a morte.

F R O N D O S O .

De que , Marcia , me servem as promessas
 De reciproca fé , ardor constante ;
 Se á minha vista enfiás ,
 Tremes , e balbucias ,
 Quando a fallar em Tytiro começas ?

Ah

Ah ! Nynfa desleal ! Se a devorante
 Fragoa dos zelos n'alma tu sentíras,
 Ou me amáras , ou nunca me mentíras.

M E N A L C A S.

Qual Progne a q̃ os implumes seus penhores
 Lhe traga , roto o ninho , a cobra impura;
 Quanto mais o ar atróa
 Piando, e em róda vóa
 Mais a affanha: tal dobra os seus furores.
 De Laura a ingratião ferpe mais dura,
 Que as tenras esperanças me devora,
 Por mais pranto, e ais que d'alma envio fóra.

F R O N D O S O.

Quem vio relampejar o Polo horrendo ,
 E entre o rouco granizo vagueando
 O corisco estallante,
 E o Noto sibilante
 As choffas dos Pastores desfazendo,
 E os annosos carvalhos arrancando;
 Taes o tumulto, a confusão, ruina
 De

De um peito, onde o Ciume predomina.

M E N A L C A S.

Com quatro rouxinoes achei dous ninhos
 N'um copado azareiro florecente;
 Para ti, Laura, os colho:
 Desço, e Amaryllis olho,
 Que me segue com rogos, e carinhos:
 Eu lhos neguei deixando-a descontente:
 Neguei-os a Amaryllis bella, e humana,
 Bem que inferior a ti, cruel Serrana.

F R O N D O S O.

Dous gêmeos de uma ovelha me nascêraõ,
 Ambos saõ fuscos, ambos estrellados:
 Mil partidos na Aldêa
 Nerine, e a loira Althêa
 Debalde para obtê-los me fizeraõ.
 Para Marcia gentil saltam nos prados.
 Marcia! Se ao teu Pastor leal amáras,
 Nem Pastora, nem Nynfa hoje invejáras.

ME-

M E N A L C A S.

Cantam as ternas aves á porfia:
Com brandos sopros Zefiro menêa
As plantas acurvadas
Com frutas esmaltadas;
Em tudo brilha a face da Alegria:
Mas se a candida Laura deixa a aldêa,
O vergel perderá o seu thesouro,
E as aves piaráo com triste agouro.

F R O N D O S O.

Delio se esconde, o dia se escurece;
Secca-se o ameno campo, e a flor mimosa
A cabeça dobrando
Se vai de dor murxando:
Mas subito a gentil Marcia apparece,
Verdeja o campo; surge a flor pomposa;
Descobre o Sol a face radiante,
E o dia he mais formoso, e mais brilhante.

ME-

M E N A L C A S.

O Amor dormindo Laura achou um dia;
 Tira-lhe os seus farpões , arco , e aljava :
 Despois com duros laços
 Lhe cinge os tenros braços ;
 E chêa de altivez , e de alegria
 Por seu captivo a todos o mostrava.
 Soltou-o em fim , mas elle ao jugo affeito,
 Dos seus olhos gentís pende sujeito.

F R O N D O S O.

Marcia adornava o seu cabello ondado,
 Quando Amor, que roubar-lhe não sentido,
 Para o seu arco anhella
 Parte da trança bella ,
 Nos dourados anneis vê-se enlcado:
 Da subita aventura o Deos corrido,
 Urde nelles encanto tão violento ,
 Que ninguem livre os vê um só momento.

ME-

M E N A L C A S.

Quando tecendo Laura me apparece
Entre as Pastoras rapida corêa,
Com Diana engraçada
Das Nynfas rodeada
No ménêo, no garbo se parece:
De novo esmalte o prado entãõ se arrêa,
E Amor suspenso no ar com os Amores
Deixa cair das mãos os passadores.

F R O N D O S O.

Se Marcia solta a doce voz, que encanta,
O Favonio naõ ruge no arvoredõ,
A Nais do alvo Mouro
De neve a face, e d'ouro
Sobre a corrente limpida levanta:
Surge o Fauno do concavo rochedo:
E callados estaõ os passarinhos,
Debruçados dos rusticos raminhos.

MA-

M E N A L C A S.

Dormia Laura á sombra de uns loureiros
 De roxos lyrios , de jasmíns c'roada ,
 Cujas ramas floridas
 Do vento sacudidas ,
 A cubriaõ de candidos chuveiros ;
 A tal vista, minha alma transportada ,
 Exclamei : „ Onde estás , ó Venus , onde !
 „ Amor a Psyche nesta selva esconde.

F R O N D O S O .

Nas undosas campinas rutilava
 O Sol nascente com purpureas chammas,
 Eis que Marcia defronte
 As aguas d'esta fonte
 C'os crySTALLINOS membros prateava.
 Eu vendo-a occulto entre as populeas ramas,
 „ Perdõa , disse , ó alma luz do dia ,
 „ Que inda Marcia te leva a primazia.

ME-

M E N A L C A S.

Vem, querida Laura, aqui te espera
Menalcas de saudades suspirando :

Das viçosas boninas

De que as varias campinas
Flora borda co' a nova Primavera ,
Iremos as capellas matizando.

Vem, Nynfa, antes q' o Sol ao mar descenda ,
E o seu manto estrellado a noite estenda.

F R O N D O S O .

Marcia gétil, mais branca que a Açucena,
Mais loira do que Febo , mais córada
Que pudibunda rosa,
Se benigna, e piedosa
Acceitares a humilde cantilena ,
Minha Musa de todos admirada
Leda triunfará da triste inveja ,
E alcançara a dita, que deseja.

Syl-

S Y L V A N O.

Findou o câto; as Nynfas, que o escutáraõ ;
No basto salgueiral do Mouro undoso ,
Os numerosos versos entalháraõ:

De hera c'os seus corymbos a Frondoso
Em signal da victoria coroámos ;
E dos Cantores no lugar honroso
Junto ao suave Alcino o collocámos.



PRIMAVERA,

E C L O G A VI.

ALFENO, E FRONDOSO.

A L F E N O.

Agora que a viçosa Primavera
 Alcatifa de flores as campinas,
 E enrosca aos ulmos a flexivel hera:
 Porque entre as odoríferas boninas
 Te não sentas aqui, caro Frondoso,
 Junto as aguas do Mouro crystallinas?
 Vê no roixo Oriente o Sol formoso,
 Por entre as rotas nuvens chammejando,
 Rasgar da noite o manto azul pomposo.
 Vê nos Pinheiros surdos sussurrando
 Os Zefyros brincões, e desta fonte
 As prateadas lynfas encrespando.
 Verdeja em torno o bosque, o valle, eo môte,
 Serena a manhã vem, nem denigrando

K

E(-

Esraõ as grossas nuvens o horizonte.

Quando o Sol mais ardente for subindo
D'esta Faia ás Napêas consagrada
Amena sombra está sempre caíndo.

Entrega a Melibeu tua manada,
Ou por esta ribeira á minha unida
Irá pascendo a grama rosciada.

Tudo aqui a recreio te convida
O rio murmurando, e o prado hervoso,
Que a maõ remoça da Estaçaõ florida.

F R O N D O S O .

Sentemo-nos, Alfeno carinhoso,
Mais grato aos olhos meus, que a fonte fria
Na ardente sêsta ao gado sequioso.

Oh doce amigo, doce companhia!
Unico bem que naõ tocou tégora
A avara maõ da minha forte impia.

Se do teu meigo trato a toda a hora
Gozar naõ posso, o seu rancor ferino
Urde importuna ao meu prazer demora.

Mas o seu odio em mim ceve o Destino,
E

E contra mim a inveja atreçoada

Vomite o seu veneno viperino :

De gafeira voraz fira a manada ;

Arraze a vinha , a chossa me desfaça ,

Se Alfeno me restar , não perdi nada.

A L F E N O .

Calla , moço , que o peito me traspassa

A justa mágoa , como ao brando feno

Do grave arado a aguda relha passa.

Teu virtuoso animo sereno

No fogo da amizade mais me atéa ;

Só a Morte arrancar-te pôde, Alfeno.

Mas longe arreda da affligida idéa

O vulto de teus males truculento ,

E com fausta esperança a lisongêa.

Em tanto com o harmonico instrumento,

O canto , e o ledto trato dos Pastores

Quebranta a furia a teu voraz tormento.

Ah solta já os sons encantadores ;

Entôa os doces versos , que algum dia

Ouviam com assombro os mais Cantores.

Se cantasses agora, eu te daria
Um novo tarro de hera fabricado,
Que inveja ao torvo Egon talvez faria.

Obra prima de artifice affamado,
Já mais bebi por elle, mas inteiro
O confervo entre vellos resguardado.

Vê-se pintado alli manso ribeiro,
Com as ceruleas ondas marchetando
As verdes faldas de um pequeno oiteiro:

Onde por toda a parte vecejando
Estão as tortas vides pampinosas,
Aos altos chopos mil abraços dando.

No lugar onde as cepas mais ramosas
Dobram, no alto um guardapó tecendo,
Se mostram duas Nynfas graciosas:

Uma nos seus gentis braços sustendo
Com aureas muscateis pardo cestinho,
O offrece á outra: a qual vê-se espremendo

Co' as alvas mãos o alambreado vinho,
Dentro de um vitreo copo de ouro orlado
Em delicado flórido raminho.

Mãcebo imberbe o empunha ao ar alçado,
Que

Que nas feições a Baccho se assemelha,
De pampanos, e de hera coroado.

Lizo tem o caraõ de cõr vermelha,
E c'os olhos observa a Nynfa attento
Sorrindo-se, e arqueando a sobancelha.

Esta custosa alfaia, este portento,
A qualquer que improviso nella encara,
Enleva a vista, enleva o pensamento.

Coridon, que no Menalo o comprára,
De quem, premio do canto, o teve um dia,
Jurou, que Alcimedonte o trabalhára.

Mas se a tua dulcissima harmonia,
De que fazem as Musas tanto appreço,
Ouvisse agora, eu ledo t'õ daria.

F R O N D O S O.

Naõ mais, Pastor, naõ mais, já te obedeço:
Cessem louvores de que naõ sou dino:
Toca a sonora frauta, que eu começo.

Acompanha-me o canto peregrino,
Que em louvor da fecunda Primavera
Na ribeira do Tejo o brando Alcino

En-

Entoou, que de Cynthio o aprendera.

I.

Eis vem a Aurora do Oriente abrindo
Os balcões luminosos
Co'as lindas mãos rosadas;
A fresca Primavera conduzindo
Aos Campos saudosos.
De boninas croadas
Trazem as alvas fontes:
Já lá nos horizontes,
Seus angelicos rostos triste vendo,
Vai-se o Inverno escondendo.

II.

Desce do Ceo o Padre omnipotente
Em chuveiros fecundos,
Ao regaço da Esposa,
E com ella se junta estreitamente
Entre abraços jocundos.
Nesta uniaõ gozosa
Brota dos ferteis seios

Os

Os gramineos arreios.

O prado, e as nuas selvas que enverdece
De mil flores guarnece.

III.

Logo imitar começam á porfia

O doce ajuntamento

Os animaes , e as aves.

Desafogam com terna melodia

O amoroso tormento

Os roixinoes suaves.

E vê-se em brava guerra

Pela ruiva bezerra

Os cornigeros téstos enganchando

Os touros peleijando.

IV.

Já as Nynfas das urnas prateadas

Mais limpidas correntes

Derramam : quaes serenas

Pelos valles serpêam marchetadas

Das arvores frondentes,

Dos

Dos lírios, e açucenas,
 Que as margens lhes matizam ;
 Quaes roucas se deslizam ,
 Requebrando na alpestre ribanceira
 Em lucida poeira.

V.

Flora com o Favonio alegre vóa ;
 E a copia de Amalthêa
 Entorna sobre o mundo.
 Ora o travesso Deos no bosque sôa ;
 E na seara ondêa
 Com sussurro jucundo ;
 Ora o vôo abatendo ,
 Pelo tanque correndo
 Encrespa a face do humido elemento
 Com circulos de argento.

VI.

Os leves nevoeiros desbarata ,
 De raios mais ardentes
 O almo Sol crôado:

Bai-

Baixam desfeitos em meuda prata
 Sobre as plantas florentes
 Do hervoso molle prado,
 Que quaes astros fuzillam
 Co'as gottas, que scintillam.
 Se co'as azas lhes toca a aura escaça
 Que entre ellas esvoaça,

VII.

Numa concha fendendo o falso argento.
 Vem Amfitrite bella,
 Co' gesto peregrino
 Domando as furias do assanhado vento
 Tornam-se á vista d'ella
 Do reino Neptunino
 As ferras empolladas
 Em ondas azuladas :
 Sáem por ver a Deosa d'agua ao lume
 Os peixes em cardumê.

VIII.

Os buzios retorcidos, que ao Sol luzem,
 Cem

Cem Tritões escamosos
 Sopram na vista torvos :
 Gentís Nereidas sobre si conduzem
 Os Delfins amorosos ;
 E com frequentes sorvos
 Os ares borrifando ,
 Contino as vão banhando ,
 Correndo pelas tranças de ouro fino
 O aljofar crystallino.

IX.

Baixa do Tejo ás ribas florecentes
 Da escuma o Deosa filha ,
 Dos Amores cercada.
 Já nos ares ondêa o facho ardente ,
 E o aureo carcaz brilha.
 Já ferve a turba alada ,
 E em sanguinosa guerra
 Dispara sobre a terra
 Nuvens de settas , que zunindo vôam.
 Já ternos prantos sãoam.

X.

Mas q̃ sons festivaes , tremendo os valles,
 Me ferem nos ouvidos ?
 De pandeiros soantes,
 Cornamuzas , fagotes , e timbales ?
 D'entre os louros floridos
 Os Satyros saltantes ,
 Co' as Napéas formozas
 Sáem. Eis nas viçosas
 Veigas a turba rapida fe enléa
 Em ruidosa coréa.

XI.

Pastores , que bebeis do flavo rio,
 Erguei novos al:ares;
 E entre preces , e votos
 O fumo em borbotões de incenso pio
 Suba enrolado aos ares :
 E com hymnos devotos ,
 Um gordo cabritinho
 Alvo como o Arminho

Nelles

Nelles sacrificai, crôados de Hera,
A' santa Primavera.

A L F E N O.

Qual ao perdido afflicto caminhante,
Por fragosos dezertos conduzindo
O lasso corpo seu com passo errante ;

Quando Febo no mar se vai sumindo
Ir de cima da rócha levantada

O suspirado alverge descobrindo :

Tal ficou a minh'alma arrebatada
Ouvindo de teu canto a melodia,
E a graça desses versos estremada.

Os nossos gados, Melibeu, vigia:
Vem, Frondoso, que o premio quero dar-te,
E na minha cabana todo o dia
De fresco leite, e fructas regalar-te.



CANTATAS.



**A' MADRUGADA,
CANTATA I.
A' SENHORA D. C. J.**

Doce he vêr na serena madrugada,
Aljofrar de Titan a loira Filha.

Nas saudosas campinas

Com mão rosada as languidas boninas :
Em quanto a fria noite a si recolhe
O manto azul de estrellas recamado.

Doce he vêr, como as Horas vigilantes
Jungem de Febo ao coche auri-rosado
A Flegon, e Pyrois flammi-spirantes,
Que mal largar-lhes sentem
Ao Deos Autor do dia

As prateadas redeas ,
Pelos roxos balcões rompem fogosos ,
Ba-

Batendo aos pulos co' as ferradas unhas
Do hermo Ether os campos espaçofos.

Os Ceos se purpuréam,
E as molles veigas róscidas se arréam
De ondeada alcatifa scintillante;

E uma alma nova agita
O seio creador da madre Terra,
Apenas a visita

O omniparente Deos com leda fronte,
De benefica luz perenne fonte.

Porém mais doce he vêr a bella Clara,
Ante a qual me parece

Que a Aurora foge, Delio amarellece :
Com inveja talvez d'aquellas soltas

Madeixas de ouro fino,
Que nas azas dos Zefyros fuzillam.

Ou do esplendor d'aquelles dous luzeiros,
A cuja vista o Sol o valor perde.

Onde quer que Ella fita,
Os q' o mundo olhos chama, e o Ceo estrellas,
(Inda no meio do gelado Inverno)

A

A despida floresta, que negreja ,
Crespa de gomos subito verdeja :

Com o pomposo manto

A Primavera nitida passêa ,

E os floridos thesouros

Pelos hispídos campos alardêa :

Os ares se povôam

De travessos Cupidos que revôam :

Neptuno calla com o azul Tridente

As horrifonas vagas procellosas :

Dorme o Austro fremente ;

E na sua obra prima

De graça , e de belleza

Pasmada se revê a Natureza.

A R I A.

Por mais que emperla a Aurora

As tranças amarellas ;

Por mais que Febo agora

C'o brilho das estrellas

A fronte vai cingindo ;

De Clara ao gesto lindo

L

Naô

Não podem igualar.

Mais brilham sem adorno

Que os da Alva os seus cabellos ;

E os verdes olhos bellos,

Que animam tudo em torno,

Afloram com seus raios

A roxa luz Solar.

Sim brilhantes madeixas em vós armam

Os dolosos Amores

As redes mais subtís , laços traidores;

Onde engodados caem

Da sua gentileza ,

Os tristes Alvedrios imprudentes ,

Que se atrevem sem susto

De perto a vos olhat mais do que he justo.

E que direi de vós, olhos divinos?

Por mim Cupido o diga,

Que em vós ovante impera ,

E de hora em hora escravos mil numeras;

Não por traigaõ covarde subjugados ,

Ou combates violentos

Em

Em razo campo fronte a fronte dados;

Mas tendendo espontaneos

Intactos pulsos a grilhões vaidosos.

Vencidos, transportades

Da soberana luz, olhos formosos,

Que fuzillaes em torno,

Capaz de abrazear com um só raio

O frio peito da Izençaõ esquiva,

E as leves azas da Inconstancia altiva.

Vem pallidos tornar Febo, e Aurora,

Clara gentil, agora;

E bem-aventurar o terno Alfeno:

Lingue sem ti o coração faudoso,

E o prado se entristece, e o bosque umbroso.

A R I A.

Perde, ó Clara, o seu thesouro

De saudade o verde Louro:

Junto d'agua crystallina

Murcho o Lirio a fronte inclina:

Mana turvo o Tejo ameno:

L ii

E

E esmorece o meigo Alfeno,
Se o teu gesto hoje não vêm.
Mas já vejo a flor mimosa
A cabeça alçar pomposa:
Nova coma ao Louro arrêa:
Doura o Tejo a escura vêa.
Bom pressagio ! Chega Clara
Nossa gloria , e nosso bem.



A NOITE,

CANTATA II.

A SENHORA D. J. G.

JA' o Sol de purpureas froxas luzes

Crôa as ferventes cêrulas campinas,

Banhando aos arquejantes Andaluzes

No mar as alvas fumegantes clinas

As Horas os disjunguem.

E ao brádo sôno o Deos nos Thetyos braços

Manso, e manso abãdona os membros lassos.

Sáem do asylo das horrendas grutas,

Com as nocturnas aves agouceiras,

As sombras vergonhosas;

Pelos valles diffundem-se rasteiras,

Até que unidas ás do annofo bosque,

Affoitas mais, e mais surgem, e engrossam,

E do mundo se apossam:

Em tanto para o Occaso a Noite dobra

O

O véo apavonado,
 Que sobre o seu azul manto estrellado
 Invejosa estendêra
 A Aurora vigilante:
 No remanso do arroio murmurante
 Já fervem a chuviros
 Os reflectidos trémulos luzeiros,

Graças a Amor! affoma a feliz Hora
 Tirada no seu coche
 De cem Desejos fervidos alados;
 Em que me prometteo a minha Nize
 De ouvir os meus queixumes namorados,
 Na floresta de Platanos que assombra
 A entrada da caverna veneranda,
 Dóde em mil borbotões de escuma o Mouro
 Fervendo o seu liquor peremne manda.

Nize gentil, será, meu bem, possível,
 Que hoje eu cólha as dulcíssimas primicias
 De minhas Esperanças vigorosas,
 Do Deus Frecheiro pelas mãos mimofas
 Da tua bocca fonte de caricias,

De

De teus olhos travessos
 Em meu peito plantadas,
 Sempre de ardentes lagrimas regadas?

As portas d'alma , Alfeno, patentêa
 A' celeste Alegria :
 Fogem d'ella os Cuidados roedores,
 E os pallidos Temores.
 Com branca pedra nóta este almo dia.
 A Deos, magoas : a Deos, amargo pranto :
 Torna, fruta, commigo ao ledo canto.

A R I A.

Já Morfeo de Lethes rindo ,
 Vai de Sonhos rodeado,
 Sobre o mundo fatigado
 Molles somnos espargindo.
 Dorme tudo, ó Nize bella :
 Só Alfeno, e Filomela,
 Ternas queixas modulando,
 Vaõ turbando
 O nocturno mudo horror.

San-

Santo Amor, que tens o ninho
 Do meu bem nos meigos olhos,
 Um pungente breve espinho
 Tu elege dos abrolhos,
 Que em mim crava a Saudade:
 Fere nalma a tarda Nize:
 Sobre as azas da vontade
 Voará ao teu Pastor.

Eis desço ao vale. Eis entro o augusto bosque.
 Que scena encantadora! Os ares cruzam
 Immenfos fuzillantes Vaga-lumes:

Em quanto outros cravados
 Nos frondosos doceis peremnes brilham:
 Emulando a floresta os Ceos Sagrados,
 De exhalações, de estrellas adornados.

Triste de mim! Não vejo a linda Nize,

Por mais que a selva em torno
 Com os ávidos olhos investigo!

Vara gentil de ricos Lavradores,

A cruel me desdenha

Prole de honrados míseros Pastores.

Vivem inda os amores ,
Inda sufurra o virginal segredo
Lá no Latmio rochedo ;
Alta noite acolhendo
No seio cavernoso
Da grande Cynthia o numen venerando ;
Que ao Acafo entregando
O governo do carro luminoso,
Dentro de véo nubloso
Sobre os hombros dos Zefyros baixava ;
Endymiaõ buscando ,
Que entre ovelhas lanigeras jazia ,
E nos braços do amado Pegureiro
Do Olympo , e de si mesma se esquecia.

Ah lembre-te, inhumana, a triste forte
Da bella Dafne esquiva ;
Que desdenhando altiva
Do aureo Pastor de Admeto
O ternissimo affecto,
E os ardentes queixumes lastimosos ,
Que suado , e anhellante

Com

Com rota voz em seu alcance espalha

Ao vento o afflicto amante ;

Sobre a margem paterna

A bella fugitiva o corpo digno ,

Em justa pena da dureza interna ,

De improvizo sentio inteirissar-se ;

E em aspera cortiça

A nivea pelle morbida tornar-se :

Em rigidas raizes tortuosas ,

Pelo attonito rio os pés entráraõ :

Os braços torneados

Duros galhudos troncos se fizeraõ ,

E pelo ar se estendêraõ :

E os dourados cabellos ondeantes

Por elles se espalháraõ

Em verde-negras folhas susurrantes.

Em Louro transformada ,

Com a nova sombra aos campos maravilha

Do azul Peneu a Filha.

Febo... Mas estremece saylva espessa :

O sonoro bullicio d'agua cessa :

Bocejando os Favonios rugidores
Surgem dos tenros calices das flores.

Acceito o agouro, Amor. He Nize, he Nize.
Repentino claraõ as trevas fere...

Nova fragancia os ares embalsama...

He o meu Bem que cæga.

Omnipotente Deos , aos teus Ministros
Do meu pobre rebanho a guarda entrega.

Em quanto Alfeno á sombra
Das fuscas azas da amorosa Noite,
Na molle gramma passa
Doces momentos da aurea Nynfa ao lado,
Digno de ser dos Deoses invejado.

A R I A.

Alfeno ditoso

Te dá mil louvores ,
O' Deos dos Amores.
No Ceo luminoso ,
Nas lubricas aguas ,
No Reino das magoas

Def-

V E R S O S

Despotico imperas.

Tu só da dor géras

Celeste prazer.

Angelica Nize ,

Amor , que alegria!

A Jove me-igualá :

Quer goste a Ambrosia

Na Olympica sala ;

Quer da alma Erycina

Na face divina

Se esteja a revêr.



A' AMIZADE, CANÇAM

*Na prizaõ de Pedro Antonio Corrêa
Garçaõ.*

DEsce do Ceo , Melpomene benigna:
Um sublime furor na acceza mente
Me infunde, (brame, e estalle a Inveja dura)
Para que em voz altí-sona , e divina,
Eu celebre na Lyra dignamente
O ineffavel poder , e formosura
 Da candida Amizade.
 A maga suavidade
Dá-me de Coridon , cuja alta rima
Enfréa os mares , doma o rijo vento ;
 Cadaveres anima ;
Faz a Lua descer do ethereo assento.

O' Santa Deosa , alma do Universo,
Gloria , e prazer dos miseros humanos ,
 Que

Que seriam sem ti no vasto Mundo
 Feroz rebanho , erratico , e dilperfo
 De famelicos Tygres deshumanos ,
 Cevando-se em seu sangue furibundo ,
 Sem Pastor, e sem Lei, horrído, immundo
 Jazeria a Natura

Sem arte , e sem cultura :

Nem a Cidade contra a injusta guerra
 A torreada fronte sublimára ,
 E a nossa Madre Terra
 Ao primitivo cahos se tornára.

Que perigos, ou q̄ morte a mais horrível,
 Poderáo assombrar um peito forte
 De teus nobres ardores inflammado ?
 Nada resiste ao teu valor terrível !
 Diga-o da Grecia o inclito Mavorte,
 Que por vingar o seu Patroclo amado,
 Com fulminante ferro denodado

Soccorre a Grega gente,
 E vara Hector valente ;
 Por cuja invicta mão pereceria

Na-

Ná voraz lavareda crepitante ,
E Helena deixaria
A' Troia , á impia Troia triunfante.

A libertar Thezeu co'a rude clava
Hercules baixa ao Reino tenebroso ;
Sem temer as flammi-vomas Serpentes,
E torvos olhos de Megéra brava.
Em vaõ contra elle o Cerbero raivoso
Erreixa a cola, range os rijos dentes,
Que de ti animado os insolentes
Furores lhe quebranta ;
Da triplice garganta
Lançando taõ horri-sonos latidos ,
Que as lugubres cavernas atroando ,
Fogem espavoridos ,
Os implacaveis Reis vociferando.

Ah se o vulgo profano, Deosa au gusta,
Visse o esplendor, e as graças magestosas
Desse rosto gentil, e sacrosanto :
Chêo de indignaçãõ honrada, e justa
Execrãra as bellezas mentirofas,

Com

Com que o Interesse envolto no teu manto,

Com astucia malina

A mente lhe allucina :

Honras injustas, fordidas riquezas,

Torpe colheita de um semblante falso,

De infamias, de vilezas,

Calcando-as em patente cadafalso.

Agora jaz em vicios atollado

Volvendo sem cessar, qual porco immundo,

O vil lodo, que occulta o metal loiro :

Por quem em lenho concavo arrojado,

Rompe o feio do ponto furibundo

Exposto ao Euro, exposto ao ferro Mouro,

Por quem (ignore-o o Seculo vindouro !)

Soffre o marido infame,

Que estranho amor inflamme

O peito impuro da lasciva esposa :

Por quem até aos inimigos cega

Um alma ambiciosa,

Os Penates, o Rei, a Patria entrega.

De

De ti, celeste Numen, namorado,
 Discorre affeito Pylades o digno,
 Inhospitas Regiões, rispídos mares,
 Por Orestes das Furias agitado.

Mas que funesto barbaro Destino,
 Justos Ceos! Longe dos paternos lares
 Lhes preparám os Tauricos altares!

Em vão Thoas procure,
 Co' a luzente secure

Orestes immolar, que o nobre amigo
 Roubando o caro nome o não consente:

Livrando-o do perigo

Te que lhe acudas, Deosa omnipotente.

Quem dizer póde a magica doçura
 Do Nectar immortal emuladora,
 Com que dos tragos da immatura morte
 Destemperas a horrifica amargura?
 O collo juvenil, que os Ceos namora,
 Espontanea offerece ao lethal córte,
 Das honradas Matronas, spelho, e norte,

M

Al-

Alceste esclarecida,

Por dilatar a vida

Do seu Admeto. Sobre a terna esposa

Já no ar brilha o ferro deshumano.

Da Morte sanguinosa;

Quando grato a salvou o grão Thebano.

Das armas inimigas escapando,

Nizo a um negro bosque se acolhia:

Sente rumor: eis busca o amigo ausente;

E o acha com os Rutulos pugnando.

Eis dous mortaes arremessões envia

Em seu socorro contra a turba urgente.

De que indignado o barbaro Volscente

Para Euríalo aponta

Da espada aguda ponta.

Sae Nizo á luz, livrá-lo em vão querendo

Cae-lhe ante os olhos: arde o moço em ira,

E ao cabo arremetendo,

Vinga-lhe a morte, e sobre o amigo expira.

Se os meus versos vencerem agradar-te;

Soc-

Soecorre a Corydon, Deosa benigna :
 Jaz inculpado em carcer tenebroso.

Torna a est'alma a sua melhor parte.
 Tem cópaixaõ da angustia acerba, e indigna
 De Marcia, que com pranto lastimoso,
 De dia, e noite chama o caro Esposo.

Ouve os rogos ardentes
 Dos filhos innocentes.

Poẽ os olhos na Arcadia sem ventura ,
 Que de suspiros vãos enchendo os ares ,
 Cuberta de amargura

Tende as supplices mãos aos teus altares.

Võa, Cançaõ, á luminosa esfera ,
 Onde verás num throno de diamante,
 Donde luz varia immensa transverbera
 A Deosa augusta á dextra do Tonante.
 Prostra-te a ella em lugubre vestido,
 Nua dos pes, e soltos os cabellos,
 E co' semblante pallido, e abatido.

E nos seus olhos bellos
 Fitando os teus chorosos,

M ii

Os

Os joelhos lhe abraça , as mão lhe beja,
Até que aos teus desejos amorosos
Liberal conceder tudo se veja.



CANÇONETAS.



AOS ANNOS DA SENHORA D. C...J...

CANÇONETA I.

A TRISTEZA.

V Enha a Lyra altifonante, (*)
 Que cantar ousado intento
 A Claricia astro brilhante,
 Que baixou do ethereo assento
 A acclarar a Lyfia terra ;
 Que hoje em véo corporeo encerra
 A nativa immensa luz,
 Que no gesto lhe trasluz.

A

(*) Especie de versos de oito syllabas, que levam os accents na terceira, e setima, de que são inventores os Italianos; os mais harmoniosos, e cantaveis dos desta medida.

A Claricia, a quem abríraõ
Os seus olhos hoje as Graças,
Que á Virtude se sorriraõ.
Por quem tu, Amor, enlaças
Com asperrimas prizões
Mil rebeldes corações,
Que fazendo vãos teus tiros,
Já domados daõ suspiros.

Eis a Lyra: agora dê-me
Seu furor Apollo santo...
Ceos! parece-me, que geme,
Quando a accordo ao ledo canto.
Outra vez as cordas firo,
Flebeis tons só dellas tiro:
Tanto á dor a tenho usada,
Que soar sabe mais nada.

De que serve ha pouco eu ter
A aurea Lyra encordado
Com o auspicio do Prazer?
E de plectro ter mudado?

E

E tu , Delio poderoso ,
Quem te faz taõ descuidoso ,
Que naõ torces a natura
Do instrumento` sem ventura ?

Mas que vejo ! Eis enroscada
Entre as cordas se escondia
A Tristeza envenenada ,
Que em meu peito reina impia ;
E no sangue sitibunda
Tinge, e ceva a bocca immunda.
Esta as vozes lhe abafava ,
E em gemidos as trocava.

Mas já vem , monstro execrando ,
Quem o teu furor abate ;
O Prazer do Ceo baixando
As purpureas azas bate :
Com a esquerda o escudo abraça
Que o crystal no brilho passa ;
E na dextra com braveza
A fatal haste soppeza.

Eis

Eis a fera sai da Lyra...
 Sobre as azas no ar se libra...
 Dos seus olhos fogo expira...
 E a trifulca lingua vibra.
 Mas o Deos com maõ prevista,
 Lhe offerece o escudo á vista:
 Deslumbrada os olhos cerra;
 Fecha as azas, cai em terra.

Vibra a lança o Nume invicto,
 Que varar-lhe a fronte quer...
 Ceos! que vejo nella escrito,
 Que me faz estremecer:
 „ Socia eterna sê de Alfeno,
 „ Eu o Fado assim o ordeno.
 Pára o Deos; eis volve amim
 O rosto almo, e diz-me assim:

„ Triste Alfeno, infeliz preza
 „ D'esta Fera sanguinosa,
 „ De cantar a vá empreza
 „ Deixa á Lyra lamentosa.

„ Tu

- „ Tu, Claricia, honra do Tejo,
„ Terna acceita o seu desejo:
„ Nada mais ao desgraçado
„ Lhe concede o immovel Fado.



AOS ANNOS DA MESMA SENHORA

CANÇONETA II.

OS CORAÇOENS.

Que daria á Linda Clara,
 Se riquezas, e valia
 Me outorgasse a Sorte avara,
 Neste fausto, e alegre dia,
 De mim digno, e digno d'ella,
 De um amante delicado,
 De uma taõ gentil Donzella?

Os cabellos lhe prendêram
 D' ouro lucidas grinaldas:
 Das orelhas lhe pendêram
 Dous chuveiros de esmeraldas:
 Os rubins, pérolas finas
 Para ornar-lhe o eburneo collo,
 Lá das partes peregrinas
 Onde nasce o roxo Apollo,

Lhe

Lhe offrecêram ajoelhados,
 Em os cofres desfechados,
 Cem escravos reverentes
 Da gentil bocca pendentes.

Mas quaõ louco entaõ feria!
 Por ventura o resplendor
 Daquelle ouro, que Amor fia,
 Que he do Sol competidor;
 Naõ fizera escuro o preço
 D'este pallido, e terreno,
 Que idolátra o povo rude,
 Cego aos raios da Virtude;
 Cego aos bens deliciosos,
 Que Amor dá aos seus mimosos?

E o fulgor dos verdes olhos;
 E o rubor dos breves labios,
 De Cupido tenro ninho;
 Ou a face onde aos melhos
 (Sem adorno, e sem alinhos)
 Brilham rosas, e jasmins;
 E a garganta alva, e mimosa

Naõ

Naõ deslustram os rubins
A esmeralda radiofa,
O diamante, a pé:la fina,
E a purpurea neve alpina? (*)
E naõ he ella Senhora,
Dos que gozaõ a ventura
De admirar-lhe a formosura,
E a bella alma encantadora?

Com que dom eu prendaria
Neste dia a Nynfa bella?
Com a doce Poezia:
Louvo entaõ a minha estrella.
Que se o Fado bens me nega,
Dá-me Febo liberal
Dom mais alto, e divinal,
A que nunca a Sorte chega.
Dá-me, Lyra, dá-me, ó moço:
Mimos taes fazer-lhe eu posso
Nos seus annos venturosos,

Sem

(*) Veja a Not. á Est. 3. da Cançoneta III.

Sem que inveje aos mais ditosos.

- „ Surge , ó Febo auri-crinito ,
 „ Co' semblante cordado
 „ De esplendores mais brilhantes ,
 „ Pelo éther infinito
 „ Sobre o carro marchetado
 „ De carbunclos flammantes
 „ Conduzindo o Dia fausto.
 „ Fique exausto
 „ Hoje , ó Terra ,
 „ Quanto encerra
 „ Teu thesouro :
 „ De cor de ouro
 „ Tenras flores
 „ E da cor dos Amadores.
 „ Cor do Ceo ,
 „ E do véo.
 „ De que adorna a Aurora a frente
 „ No Oriente ;
 „ E da cor da neve Alpina :
 „ Na Campina

„ Bor-

- „ Bordem teu gramineo manto.
 „ Reverdeçam com espanto
 „ Nossos álamos ufanos :
 „ Pelas pontas dos seus galhos
 „ Mel destillem os carvalhos :
 „ Clara a linda hoje faz annos.

- Donde , ó Musa , urdiremos
 „ Nosso Canto? Por ventura
 „ O fulgor decantaremos
 „ Da viçosa formosura,
 „ Que aos Celicolas namora?
 „ Ou a graça encantadora,
 „ Com que em gyro regulado
 „ Piza airosa o ameno prado:
 „ Que á porfia,
 „ De alegria,
 „ Na alcatifa viridante
 „ Abre flores cento , e cento ;
 „ E soberbo todo , e ovante
 „ No ceruleo ethereo assento
 „ Com desprezo os olhos fita ,

N

„ E

„ E lhe ostenta a sua dita ?

„ Dai-me, Irmans do augusto Apollo,
„ Uma furia sonora,
„ Que de um polo a outro polo
„ De su'alma virtuosa
„ Antes quero hoje cantar.
„ Cantarei em verdes annos
„ Um engenho sem ter par,
„ Que he assombro dos humanos;
„ E a innocencia pudibunda,
„ „ Em que abunda.
„ Louvarei a discricião,
„ E os agrados infinitos,
„ Que emanando sempre estaõ
„ De seus gestos, de seus ditos.

„ Cantarei... Mas Ceos ! Eu vejo
Cupidinhos a milhares,
Vir voando sobre os mares
Demandar o fulvo Tejo.
Das mãos pendem-lhe grilhões,
Que circundam corações,

Aos

Aos quaes ornã tambem azas,
 Uns da cor de vivas brazas,
 Outros pallidos, e escuros.
 Eis fendendo os ares puros,
 Baixa á terra o Deos vendado
 Com o gesto carregado.

„ Deixa , Alfeno , diz-me , a Lyra:
 „ Cessa já no rude canto ;
 „ C'o semblante accezo em ira
 „ Te olha Delio sacrosanto ;
 „ Por te vêr , perdido o sizo ,
 „ Empreder o vaõ projecto
 „ De louvar o raro objecto ,
 „ Que cantou o Vate Anfrizo.
 „ Se prender queres a Clara
 „ C'uma joia singular,
 „ Eu te mostro uma taõ rara,
 „ Qual ninguem lh'a possa dar.

„ Eis-aqui teu coração,
 (Diz Amor um me mostrando
 Purõ mais que a neve Alpina,

Que eu contemplo sem grilhaõ
 Junto d'elle revoando)

„ Eis a joia peregrina

„ D'ella digna :

„ Que na lucida candura

„ Nos demonstra, quanto he pura ,

„ Quanto honrada a sua fé.

„ Sem prizões por mim se vê;

„ Para altivo remontar-se

„ A gozar de perto hum bem ,

„ Que naõ póde imaginar-se,

„ Que os validos meus só vêm.

„ Vês aquelles cor de fogo ,

„ Que entre mofas , rifo , e jogo

„ Aos Amores das mãos pendem ?

„ Saõ , Alfeno , os que se accendem

„ Em vivissimos desejos

„ Da corporea gentileza,

„ Sem ousarem sublimar

„ O feu voo a contemplar

„ A immortal rara belleza

„ De

- „ De seu 'spirito divino,
„ Das Virtudes, templo digno.
„ Paguem pois o infano arrojo
„ Da profana chamma impura,
„ Com tirarem sempre a rojo
„ Da cadêa grave, e dura.
„ Atrelados
„ Do appetite famulento;
„ E açamados
„ Do tremendo acatamento.

„ Vês os pallidos, e obscuros;
„ Saõ os que amam naõ a Clara,
„ Mas da Sorte os ricos mimos:
„ Do ouro escravos vis perjuros,
„ Que aos Amores sobre a ara
„ Do Interesse sacrificam.
„ Castigados porém ficam
„ Com a pena, que hoje intento
„ Dar ao seu atrevimento.
„ Entre ferros cada um veja,
„ Chammejando de ira, e inveja,

„ Que

„ Que ao teu mais terna, e piedosa
 „ A formosa
 „ Clara préza,
 „ Do que a fardida riqueza.

Isto diz o Deos vendado ;
 E este o dom , que te offereço ,
 C'os joelhos sobre o chaõ ,
 Sem refolhos nobre , e honrado.
 Mas se accazo eu naõ mereço
 O soberbo galardão ,
 Qual Amor me promettia
 Por grandeza deste Dia ,
 Aceitá-lo ao menos já
 Pelo^v que elle a ti o dá ,
 Nynfa angelica , te digna.
 Ah se eu cumpro este defejo ,
 Nada, ó Deozes, vos invejo.



A MESMA SENHORA
CANÇONETA III.
A FORTUNA.

PElas praias salpicadas,
Do caudal Tejo sereno,
De conchinhas esmaltadas
Vagueava o triste Alfeno,
De seus olhos derramando
Pranto em fio, e soluçando:
Quando a penas purpurêa
O horizonte a Luz Febêa.

Ternos ais do peito afflito
Arrancava em desafogo
(Com a voz alçada em grito)
Do cruel amante fogo,
Que as entranhas lhe consome
Com voraz perpetua fome:

Di-

Diga-o o rosto descorado
Sobre os ossos esbrugado.

Para o Ceo as mãos torcendo,
Na mais flebil mesta queixa
Vai su'alma derretendo.
No vizinho bosque deixa
De cantar a antiga pena
Para ouvi-lo Filomena.
Surgem fora do remanso
Os Delfins no Tejo manso.

„ Se virá , dizia , um' hora ,
„ Se virá um só instante,
„ Em que a peste roedora ,
„ Em que a fragoa devorante,
„ Que estas carnes me desfaz ,
„ Respirar me deixe em paz ?
„ Ou por Marcia fementida
„ O tormento se divida ?

„ Não virá : que assim o jura
„ Esse falso , e empedernido ,

„ Par-

§, Parto de uma rocha dura ,
„ Que os mortaes chamam Cupido :
„ Antes Furia Iá do Averno:
„ Nosso mal , e opprobrio eterno ;
„ Que no meu sangue se nutre
„ Qual de Ticio o fero Abutre.

„ Mas acaba , ó deshumano ,
„ De cevar as duras sanhas.
„ A minh'alma arranca ufano
„ D'estas miseras entranhas.
„ Mostre a tua Divindade,
„ Que já soube ter piedade:
„ Saiba o mundo o caso infando ,
„ Que uma vez já foste brando.

Mais não disse o triste Alfeno,
Porque a dôr o suffocava.
Entretanto o rio ameno
Para ouvi-lo refreava
Sua trémula corrente.
Nisto sôa de repente

So-

Sobre os Louros um rugido:
Alça os olhos, vê Cupido.

Vê Cupido, que baixando
N'uma nuvem luminosa,
Lhe furria o gesto brando:
Sem aljava ruidosa,
Sem o arco, e passadores;
Mas nas mãos de Myrtho, e flores
Crôa egregia o Deos trazia;
E d'est'arte lhe dizia:

„ Não me accuses de tyranno,
„ Mas accusa o teu Destino;
„ Que protervo, e deshumano,
„ Extravia de continuo
„ Quantos bens em galardão
„ Do mais terno coração,
„ Que ha no Reino em que eu impero,
„ Derramar benigno quero.

„ Sim verás, querido Alfeno,
„ Abondade que me arrêa.

„ Vem

„ Vem commigo ao Ceo sereno,
„ Onde a tua amante idéa
„ Não terá mais que deseje;
„ E onde eu mesmo o Amor te inveje.
„ Ao despois chamma a Cupido
„ Nume falso, e empedernido.

Dizendo isto com a crôa
Os cabellos lhe cingia:
Logo em torno o bosque lóda
Com applausos á porfia,
De hirtos Faunos invejosos,
Que espreitavam curiosos.
Ri-se Amor, que isto percebe;
E na nuvem o recebe.

Deixa a terra velozmente
A carroça apavonada:
Para a Côrte refulgente
Dos Favonios he levada.
Sobre a nuvem sobranceiro
Vê Alfeno a um ribeiro

Com

Com affombro manso, e manso
Reduzir-se o Tejo manso.

Da aurea Febe ao luminar
Chega em breve o Par amante :
Vio-o a Deosa, e a colorar...
Começou o seu semblante.
Depois chega aonde raia
O gentil Filho da Maia.
E no Globo de Erycina
Pára a nuvem crystallina.

„ Tens diante, meu Pastor,
(Diz o Nume ao companheiro)
„ Da formosa Mãi de Amor
„ O clarissimo luzeiro.
„ Sitio nunca profanado
„ De nenhum humano ousado ;
„ Só por minha alta mercê
„ Outorgado á tua fé.

Disse : e apenas a voz sôa
Na lucifera morada ,

De

De brincões frecheiros vòã
Infinita banda alada:
E despois que respeitosa
Beja ao Deos a maõ mimosa ;
Ao Pastor nas azas dece ;
Logo a nuvem se esvaece.

Ao redor como encantado
Regyrando avista Alfeno,
Vê de gemmas estrellado
O diafano terreno.
Corta em voltas a campina
Derretida prata fina ,
Surdas queixas murmurando ,
Entre jaspes requebrando.

Aureas Pombas arrullavam
Entre Murthas de esmeraldas.
Num oiteiro borbulhavam
Vitreas Lynfas , que nas faldas
Juntas alva meza estendem ,
Que as tres Graças nuas fendem ,

Mal

Mal cobrindo as comas de ouro
Do Pudor o almo thesouro.

Sobre rócha alabastrina,
Que do oiteiro o collo opprime ,
Vê de massa crystallina
Fulgurar Templo sublime ;
Co' solar raio luzente
Parecia todo ardente ,
Na fachada scintillante.
De rubí , e Diamante.

As eburneas portas sôam
Sobre os eixos argentinos.
Mal entrou o Nume entôam
Bellas Nynfas ledos Hymnos.
Sobre os nitidos altares
Sobem trémulos aos ares ,
Fumegando eternos lumes
De aromaticos perfumes.

De fechados coraçõs
Em um throno , vio sentado.

Das

Das celestes perfeições
Um composto sublimado,
A formosa Claristella:
Veste de ouro ondada tēla,
Trasluzindo-lhe o semblante
Por finissimo volante.

Taõ gentil naõ surge fóra,
Despois de horrida tormenta,
Do mar leite a roxa Aurora:
Nem taõ bello Delia ostenta,
No abrazado mez de Agosto,
Seu purpureo chēo rosto:
Nem formá-la poderia
A engenhosa Fantasia.

Nisto Amor risonhamente
Lhe acenou, que erguesse o véo.
Alça-o ella, e derepente
Arraiou um novo Ceo,
Com dous Astros fulgurantes
Mais que Febo rutilantes.

Cai Alfeno deslumbrado,
Sobre o folio marchetado.

„ Que imprudente fui , Serrano;
(Diz Cupido a maõ lhe dando)
„ Com meu fogo soberano
„ De naõ ir purificando
„ Da mortal crassa impureza
„ Dos teus olhos a agudeza,
„ Antes d'hoje á prova a expôr
„ De taõ vivo resplendor.

„ Mas verás , quanto he piedoso
„ O meu Nume omnipotente
„ Com Alfeno venturoso.
Disse o Deos; e brandamente
Em os olhos lhe bafeja:
Despois manda-lhe que veja.
Abre-os elle , e neste ensaio
Softer pode o intenso raio.

Ajoelha arrebatado
Dos portentos , que alli via:

Er-

Ergue as mãos, e affervorado
Estas supplicas envia:

„ Citherêa, alma do mundo,
„ Do Prazer centro jocundo,
„ Ouve branda, ouve piedosa
„ Minha queixa maviosa.

„ Bem vés, Deosa, á quantos annos
„ Este fogo me devora
„ Com tormentos inhumanos:
„ Compassiva o extingue agora;
„ Ou se o nega o meu Destino,
„ Dá-me objecto honrado, e digno,
„ Que em recíproca ternura,
„ Por mim arda em chamma pura.

Rio-se Amor ouvindo o rogo
Do Serrano magoado;
Que c'o vulto cor de fogo
Se tornou de envergonhado:
Sôa em torno de improviso
Dos Cupidos largo riso:

Nisso o Deos a maõ alçou,
Logo tudo se callou.

„ Ora sus, feliz mortal,
(Abraçando-o, diz-lhe o Nume)
„ Eis findou todo o teu mal.
„ Já chegaste ao alto cume
„ Da ventura, que Cupido
„ Concedeo ao môr valido.
„ E se Jove hoje te olhára,
„ Jove mesmo te invejára.

„ Vês alli naõ Erycina,
„ Mas a linda Claristella,
„ Que Amor hoje te destina,
„ A pezar da tua estrella,
„ Em devido galardão.
„ Já em prospera uniaõ
„ Vou ligar-vos, par ditoso,
„ Com o Césto deleitoso.

Affim diz: e ao ar sereno
Se abalança o Deos vendado.

Do

Do que ouviu o moço Alfeno
Fica attonito, e enlevado:
Dentro nalma sente em tanto
Penetrar-lhe um liquor santo,
Que o voraz fogo lhe apaga,
E lhe cerra a annosa chaga.

Logo a prospera Ufania
Lhe incha o vaõ, juvenil peito.
De si pago, ousado cria
Ser da Nynfa digno, e acceito,
Pelos raios dotes seus,
E privança com um Deos:
Nãõ por graça de Cupido,
De seus malles condoido.

Eis o seio de improviso
Sente abrir; e a vôo solto
Sai á luz tinto de riso,
Impudente, e desenvolto
Um menino cõr de brazas:
Talha o ar co'as leves azas,

Demandando a face bella,
Da sublime Claristella.

Já chegava perto , quando
(Não sei triste , como o conte)
Surge um velho venerando
Alto como erguido monte.
De prolixa barba ondante ,
E de vista penetrante ,
Que ao encontro a mão lhe estende,
E das azas o suspende.

„ Morre, diz , filho impudente,
„ De arrogante Pai gerado.
Disse; e o collo em continente
Lhe apertou co' a dextra irado.
Sólta-o logo ; ao chaõ se abate :
Boqueando as azas bate :
Busca a luz co' a vista informe ;
E o perpetuo somno dorme.

Aquelle era o Defengano,
Argos impio , e a!goz duro

De

De qualquer arrojo infano ,
De qualquer intento impuro.
Que o virgineo Pejo vella
Noite, e dia á Nynfa bella:
Com justiça prompta, e inteira
Dando a pena derradeira.

Fica attonito, e suspenso
O Serrano de pavor:
Mas estrondo agudo, e intenso,
Que rebrama em derredor
De mil Nynfas, e Cupidos,
Que fugindo espavoridos
Clamam entre pranto amargo,
O despertam do lethargo.

Volta o rosto, e pelejando
Vê no portico sublime
A Fortuna, que escumando
Longo ferro em roda esgrime
Contra a turba dos Amores,
Que c'os breves passadores

Com-

Combatiaõ junto á entrada
A' traiçaõ d'ella ganhada.

Quem dizer o susto póde,
Que ao Pastor misero alcança?
Qual á Faia o Sul facode;
Tal o medo, e a esperança
O estremecem á porfia.
Ri-se, treme, córa, enfia.
Uma o anima, o outro o abate,
Vendo as vezes do combate.

Foge em fim a turma alada
E á Fortuna deixaõ tudo:
Que se chega altiva, e irada
Ao Serrano immovel mudo.

„ Como, diz, creste, que houvesse
„ Quem ditoso te fizesse,
„ Sem meu Numen Soberano?
„ Pagarás o arrojo infano.

Mais naõ diz horrenda, e brava:
E co'a dextra omnipotente

Ao

Ao Pastor do braço trava.
Sai do Templo refulgente;
E tres vezes rodando
No ar Alfeno miserando,
Com aspecto furibundo
O arrojou ao baixo Mundo.



A' ILLUSTRÍSSIMA, E EXCELLENTÍSSIMA

SENHORA D. L. DE L.

C. DE O.

CANÇONETA IV.

A VISAÕ.

N Uma selva alcatifada
 De graminea felpa viva,
 De altos Frexos sombreada,
 Entre os quaes sonora, e esquivã
 Se deriva
 Um arroio transparente,
 Entro numa sêsta ardente.

D'entre uns Myrthos apinhados,
 Que na margem floreciam,
 Aos ouvidos encantados
 Sons divinos me feriam.
 Naõ se ouviam

En-

Entre as arvores de attentos
Sussurrar os roucos ventos.

Mais , e mais o meu desejo
Me embrenhava na espessura ;
Chego á Murtha ; e um Cysne vejo
De *purpurea* (*) cega alvura :

Não murmura

Pelo

(*) Por comprazer com os rogos de alguns amigos , alongarei algum tanto esta nota com erudições mui alhêas do meu genio a respeito do Epitheto *Purpurea* , que eu dou á Alvura. *Purpureus* , a , um , entre os Poetas Latinos , e Gregos significa *couza brilhante , nitida , pura , formosa , e de côr viva* , qualquer que seja. Por azul , ou verde resplendente , fallando do mar , usaraõ Virg. 4. Georg. v. 373. = *In mare purpureum violentior influit amnis* = Propert. L. 2. Eleg. 20. v. 5. *Purpureis agitatum fluctibus Hellen.* = Valer. Flac. L. 3. v. 422. = *Sale purpureo &c.* = Homer. Odyss. 11. v. 242. = *Porphureon Kúma* = Id. in *Batrachom.* v. 73. = *Udasi porphúreoifin* = Por loiro , ou ruivo usaraõ Virg. e Tibul. fallando do cabello de Niso. O primeiro no 1.º das Georg. v. 405. = *Et pro purpureo pœnas dat Scylla capillo* = Eo 2.º no

Pelo ouvir a argentea vèa ,
E de gozo o curso enfrêa.

Ao

L. 1. ° Eleg. 4. v. 5. = *Carminè purpurea est*
Nisi coma... = Na significação de muitas cores,
usou Virg. na Ecl. 9. v. 40. = *Hic ver purpu-*
reum... isto he Primavera formosa , e chêa de
flores , ou Verao ornado de flores matizadas E
L. 1. ° *Aeneid.* v. 594. = *Lumenque juven-*
tæ = Purpureum = isto he , a cor alva e rosa-
da misturadas com o brilho , ou viço da mocid-
dade , a que o P. chama *Lumen*. Na significa-
ção de couza formosa , ou viva servio-se Va-
ler. Flac. quando dice = *En frigidus orbes pur-*
pureos jam somnus obit. = fallando dos olhos
L. 3. v. 178. Por coiza brilhante , e nitida ,
usaráo Albinovan. El. 2. v. 62. = *Brachia pur-*
purea candidiora nive: fallando da neve ; e o
grande Horacio , fallando dos Cysnes do Carro
de Venus no L. 4. Od. 1. v. 10. = ... *purpu-*
reis ales oloribus = E até os AA. que escrevêrao
em proza , daõ ás vezes a *purpureus* &c. as
mesmas , e outras significações , como se pôde
ver em Cicero , que fallando do mar , diz in
4. Acad. c. 33. = *Et mare illud , quod nunc Bæ-*
vonio nascente purpureum videtur. = Plinio no
L. 32. c. 6. usou por *livido* , fallando das
barbas de murice , ou ostra quando diz = *Ostreor-*
um purpureus crinis : ás quaes barbas chama

Ao redor o coro alado
 Os seus collos meneando,
 Sobre as arvores callado
 Escutava o verso brando,
 E admirando;
 Que no seio me adormenta
 A tristeza macilenta.

Nisto baixa ao prado hervoso
 De atros Ganços banda ingente:
 Cerca o Cysne sonorofo;
 E á porfia derepente
 Roucamente
 A grasnar começa em roda,
 Atroando a selva toda.

Segue o Cysne o doce canto,
 Nem dos grasnos cura nada,

Ri-

Marcial *lividas* no L. 7. Epigr. 19. quando diz = Et ostreorum rapere lividos cirros. E finalmente Luciano, dá o mesmo epitheto ao cabelleiro loiro, quando diz = O plócamos porphúreos &c. Voss. de Instit. Orat. L. 4. cap. 13.

Ri-se a Nais, que ouvia em tanto
 Sobre a agoa prateada
 Reclinada.

Affoviam os malignos,
 Brincões Satyros caprinos.

De ira chãos, e despeito,
 Vejo os Ganços presumidos,
 Refrear no imo peito
 Os seus grafnos de corridos;
 E encendidos
 Voam onde pantanosa
 Corre a lynfa mais lodosa.

Com o bico o lodo volve
 A maldita praga immunda,
 E despois, que se revolve,
 Corre ao Cysne, e furibunda
 Todo o inunda,
 Em foante revoada,
 Da escorrente agoa enlodada.

Mas o Cysne mal se olhou

To-

Todo esqualido, e nojoso,
 Na corrente mergulhou;
 E furdio alvo, e lustroso:

Do asqueroso
 Bando iniquo triunfante,
 Que ao Ceo voa trepidante.

Torna ao canto o Cysne, quando...
 (De pavor inda estremeço)
 Dizei vós o caso infando,
 Claras Deozas do Permesseo.

Ah conheço,
 Que me ouviç! Já furia ingente
 Me estimula a acceza mente.

Quando um Drago de improviso,
 Que de verde, e azul se esmalta,
 Colleandø vir diviso
 De uma brenha espessa, e alta.

Já lá falta
 Sobre o Cysne desgraçado,
 De horror prezo, e arripiado,

Dei-

Deixa vendo-o as selvas frias
 Toda a ave; a fera a toca.
 Enroscou-se; e as leves guias
 Lhe arrancoa co'a impia bocca
 Eis suffoca ,
 Recreicendo em tortos nós ,
 Ao cantor a flebil voz.

N'agua a face peregrina
 Escondêo a Nais chorosa.
 Nisto baixa repentina
 Sobre a Fera sanguinosa ,
 Generosa
 Aguia, a quem dobra a floresta
 A frondosa altiva testa.

Solta o Cyfne , e logo logo
 O Dragaõ sai a encontrá-la.
 Mês se ergue , e peste , e fogo
 Da cruenta bocca exhá-la.

Silva, e estala
 Com a cauda, e os lombos trilha;
 A farpada lingua brilha,

Prom-

Prompta a vista revoando
 Cerca a Aguia o monstro iroso,
 De o assaltar como espiando
 O momento venturoso.

Susto, e gozo
 Fazem n'alma duro embate ;
 Um me anima, o outro a abate.

Faz entao na dubia guerra
 A Aguia falsa arremetida.
 Salta o Drago, e os olhos cerra;
 Furta-se ella, e de corrida
 Advertida

Lhe empolgou o rijo cacho
 Trespassando-o d'alto a baxo.

Com as garras furibundas
 As entranhas lhe rasgando,
 Borbotões de sangue as fundas
 Bréchas golfam murmurando :
 Boqueando

Semivivo baqueou,
 Solta as roscas, e expirou.

Mal

Mal cahio o Monstro, vejo
 Uma angelica Donzella,
 Qual a finge o vaõ desejo
 Do ocioso, meiga, e bella;
 Aurea tella

Lhe orna o corpo delicado,
 Prende a coma ouro gemmado.

C'um andar chëo de graça
 Vem o Cysne demandando;
 Recende o ar, por onde passa,
 E debaixo do pé brando,
 Vaõ brotando

A cecêm, o lyrio, a rosa;
 Vergontëa a estirpe annosa.

Chega; e o Cysne lastimoso
 Junto ao seio terna amima;
 O calor prodigioso
 Os espiritos lhe anima.

Já sublima
 Mais que outr' hora denodado
 O té lí collo inclinado

P

Lar-

Larga-o Nynfa, elle veloz
 Vai para Aguia eximia, e quando
 Se avizinha, sólta a voz
 Sons divinos gorgeando.

Grata honrando.
 A Rainha sua cara,
 Que a ouvi-lo ás vezes pára.

Nisto aos ares se remonta
 Numa nuve a Nynfa bella.
 A Aguia a segue em vôo prompta
 Nem no alcance muito anheia.

A traz d'ella
 Bate o Cysne as hermas vias
 Co'as pollantes novas guias

Deixo abferto o bosque horrendo,
 E a Damon narro o portento:
 Damon do E'rebro tremendo
 Traz á Luz co' mago accento.

Manes cento:
 Deduz Trivia do alto Ceo:
 E ao Futuro rasga o véo.

Mal

Mal me ouvio, ao Ceo levanta
 O seu vulto venerando;
 Vozes barbaras descanta:
 E despois cabeceando,
 Abaixando
 Para mim os olhos ledos,
 Sólta a voz a taes segredos:

„ Num altar de terraõ vivo
 „ Liba a Delio, e ás Camenas:
 „ Do jacintho, e louro esquivo
 „ Engrinalda-o, e das verbenas
 „ Mais amenas.

„ Dativa hé sua mimosa
 „ A visãõ da selva umbrosa.

„ Sim, tu és do fulvo Tejo
 „ Um dos Cysnes sonoros:
 „ De atros Gansos bando eu vejo
 „ De teus cantos invejosos,
 „ Presumçosos

„ Pretender tornar-te mudo
 „ Com o crebro grafno rudo.

„ Eis lhe impoem silencio duro
 „ O geral escarneo , e enfrea ;
 „ Em vaõ chama o Aleive impuro ,
 „ Que a candura , que te arrêa ,
 „ Embacêa :
 „ Da verdade a luz em breve ,
 „ Lhe dissipa a sombra leve.

„ Inimiga fera, e válda
 „ Do imo Tartaro brotando,
 „ A Pobreza serpe esqualida
 „ Te suffoca o canto brando ;
 „ Decotando
 „ Do talento as azas prontas ,
 „ Com que ao Pindo te remontas.

Já de Herois ninho fatal
 „ (Nas estrellas vejo escrito)
 „ Manda ao Ceo Aguia caudal ,
 „ O esplendor olhando avito
 „ Fito a fito
 „ De ti fallo, Alcipe bella,
 „ Pia, e justa como aquella

„ Tu

„ Tu brazaõ da terra Lusa ,
„ Dos Almeidas penhor caro ,
„ Salvarás a afflicta Musa
„ Com o teu egregio amparo ;
„ Lá no avaro
„ Acheronte sepultando
„ Da Indigencia o monstro infando.

„ No fecundo seio , e santo
„ Da ventura , Alfeno honrado ,
„ Novas guias , estro , e canto
„ Cobrarás. Assim mandado
„ Tem o Fado.

Tõa entaõ nublado o Ceo :
E Damon emmudecáo.



The first part of the document
 discusses the importance of
 maintaining accurate records
 and the role of the
 various departments in
 ensuring that all
 necessary information is
 collected and analyzed
 in a timely manner.
 It also outlines the
 procedures for
 reporting and
 the responsibilities of
 the staff involved.
 The second part of the
 document provides a
 detailed description of
 the current situation
 and the challenges
 that are being faced.
 It also discusses the
 proposed solutions
 and the steps that
 need to be taken
 to address these
 issues.



AS SENHORAS D. M. D. T. D. L.

E D. J. D.

CANÇONETA V.
AS GRINALDAS.

HA de Cynthia na alta serra
Uma verde penedia,
Que girando um valle encerra;
Onde o Sol do meio dia
Na calmosa estiva quadra,
Quando Sirio no Ceo ladra,
Nãõ lhe murcha a amena relva;
Tal o c'rõa basta selva.

Brincões Zefyros espiram
De continuo revoando;
No rochedo borbulhando
Prateadas Lynfas giram:
Umam lambem sonoras

As

As raizes tortuosas,
 Dos ulmeiros , e altos freixos
 Outras cortam as campinas
 Amostrando a ruiva arêa
 Lá no fundo , e os lizos feixos ,
 Entre flores peregrinas ,
 Que ao crystal da mansa vêa
 As cabeças compõem bellas,
 Azues, roxas , e amarellas.

Nelle entrando accazo um dia
 Pôr fugir de Fêbo ardente ,
 Que o seu raio a prumo envia ;
 Dou c'os olhos de repente
 Em Cupido , que sentado
 Sobre o prado ,
 Da montanha junto ás faldas ;
 Viçosissimas grinaldas
 De boninas cento , e cento
 Urde attento.

Manso , e manso o valle deixo,
 Com intento de esconder-me

A

Atraz de um ramofo Freixo
 Para o vêr sem elle vêr-me.
 Mas em fim me descobrião
 Do terreno as seccas folhas,
 Que a meus pés roucas rugirão;
 Alça os olhos logo Amor,
 E conhece o seu Pastor.

„ Vem, me diz, Alfeno amado,
 „ Vem sentar-te aqui commigo
 „ Sobre o molle hervoso prado.
 „ Como assim? De um Nume amigo
 „ Ao carinho, e meigo trato
 „ Te furtavas, dize, ingrato?
 „ Não sou eu, quem sempre afina
 „ Tua frauta campezina?
 „ E o teu doce canto inspira?
 „ Onde alcanças claro Nome
 „ Que c'o a fama o Orbe gira,
 „ Sem temer de Clotho a ira,
 „ Nem do Velho eterno a fome.

- „ Não fui , quem por teu respeito
 „ Quiz domar de Marcia bella
 „ O rebelde ingrato peito ,
 „ Se não fôra a tua estrella?
 „ Não te dei em galardão
 „ De teus méritos subidos
 „ O maior , que aos meus validos
 „ Dera a minha larga mão?
 „ Diga-o o Reino luminoso (*)
 „ Da benigna Cytheréa ,
 „ Onde fôras mais ditoso
 „ Do que abrange a humana idéa:
 „ Se a Fortuna defabrida ,
 „ Atrevida ,
 „ A' traição não me estorvara
 „ Para sempre unir-te a Clara.

Disse Amor: eu entretanto
 Com a vista, e o pensamento
 Contemplava mudo, e attento

Meu

(*) Allude ao fugeito da Cançoneta 3.

Meu baldado antigo pranto ;
 Os vergões, os roxos pulsos
 Dos asperrimos grilhões;
 Sim quebrados aos impulsos
 De ardimento nobre, e digno,
 Mas rojados de continuo
 Tantos annos infelizes :
 E do peito as cicatrizes
 Tanto he certo, que os Tyrannos
 Sempre ufanos

Nos recontam seus favores
 Apparentes, e traidores,
 E o mal nelles disfarçado,
 O rebatem todo ao Fado.

Um Desd em surge no peito
 Sopeando o Temor frio,
 Que com visos de respeito
 Ata o meu juvenil brio.
 Em furor todo me accende:
 Já as vozes me apromptava :
 Mas Razaõ, que á lesta estava ;

A' garganta as tira, e prende
 Diz-lhe ser profunda a chaga
 Que abre a cólera nos Reis,
 A qual só a Morte dura
 Fêcha, e cura.

Que de Amor venere as Leis:
 Nem já mais ter queira esquivo
 Um Deos fero, e vingativo;
 Se ao que o ferve fere, e mata,
 Que fará ao que o maltrata!

Já nas férvidas entranhas
 Mortas vendo as igneas fanhas;
 Com semblante disfarçado,
 Respondi ao Deos vendado:

„ Não fugia como ingrato
 „ Ao teu meigo, e doce trato:
 „ Nem por odio me escondia:
 „ Mas por ver-me, Amor, indigno
 „ De gozar tua presença,
 „ Deste valle me partia:
 „ Vejo bem quanto o Destino

„ En-

„ Entre nós pôz differença :
 „ Tu no Olympo omnipatente
 „ Na alma terra , e mar fremente ,
 „ Té no bárathro profundo
 „ Que ao redor lambe o Cocyto ,
 „ Do feu Rei torvo , e iracundo ,
 „ Acatado por invicto ,
 „ Respeitado por senhor :
 „ Eu humilde Guardador.

„ Não Senhor... Não ? Sim, Alfeno..
 Me interrompe , e amim se lança
 Como ferro jaculado.
 Com o seu braço pequeno ,
 Que Leões derruba , e amansa ,
 Me segura o Deos vendado
 A seu gosto
 De improviso
 Tinto o rosto
 De ira , e riso ,
 Que nos olhos lhe ondeavam ,
 E com arte se mesclavam.

Assim prezo me trazia
Para o seu gramineo pouso.
Eu não ouso
Pela via
Resistir-lhe,
Nem fugir-lhe
Qual desejo;
Mas de pejo,
E de medo
Mudo, e quedo,
Conduzir entãõ me deixo;
Suas mãos de quando em quando
A beijar-lhe me inclinando.

Já deposta a dubia ira
Com brandura a si me tira
Reclinando-se na relva,
Que alcatifa a amena selva
O sagaz Rei dos Amores.
Recomeça os seus louvores:
Eu fitando os olhos nelle,
Crêr não posso, que era aquelle

O Tyranno do Universo
Taõ soado em proza , e verso ,
Já nas citharas divinas ,
Já nas frautas campezinhas .
Um tenrinho lindo infante ,
Todo riso , e lizongeiro ;
Mas com força de gigante ,
Mas terrifico frécheiro ,
E certoiro ,
Que já mais do fito alvo
Lhe escapou coração salvo .

Feridor sévo , e maligno
De natura , mas sem tino ;
Quasi sempre plumbeas settas
Espargindo .

Ledo unindo
Por antojo , e de travesso
Um ao outro genio avesso .
Pai da barbara Esquivança ,
Pai da lubrica Esperança ,
Da chorosa magra Ausencia ,

E

E da furia, e cega ardencia
Do voraz, torvo Ciume.

Doce Nume

Com os que ama,

E que inflamma

Em reciprocas ternuras;

Derramando generoso,

Carinhoso

Mil delicias, mil venturas,

Quinta essencia do seu Nectar,

Com que aos Deozes soberanos

Igualar sabe os humanos.

Qual a horrifica Megera,

Se envipera

Contra espiritos preverfos,

La no Tartaro profundo,

Em suplicios mil diversos:

Tal Cupido furibundo;

Sitibundo

Só de sangue

De que langue

Em

Em seus ferros espontaneo ;
 Se embravece ,
 Se encruece
 Contra o triste
 Que resiste ,
 E o despreza
 Nunca a acceza
 Mente fera dos Sicanos
 Reis tyrannos ,
 Inventar pôde tormento
 Mais violento ,
 E exquisito,
 Que o maldito
 Deos nefando :
 Sossobrando,
 Por vingar-se atroz , sanhudo,
 Ceos, e Terra, Inferno, e tudo.

Aqui elle ergue sereno
 Do trabalho o gesto lindo ,
 E me diz : „ Querido Alfeno,
 „ Em que estavas reflectindo ?

Q

„ Eu

„ Eu Senhor? (ao Deos tornava)

„ Admirava

„ A elegante

„ Urdidura ,

„ E a pintura

„ Cambiante

„ Das boninas

„ Peregrinas ,

„ Da Capella

„ Fresca , e bella.

Deste modo simulado ,

Ao Vendado

Lhe respondo :

Mas escondo

No imo peito

O Despeito ,

Os rancões ,

E os horrores ,

Que eu conservo

Ao protervo ,

Fe-

Fementido

Vaõ Cupido

Constrangendo a lingua, e o rosto
 A inculcar agrado, e gosto
 De seus futeis artificios,
 De seus falsos beneficios.

„ Queres logo, meu Serrano,
 „ Que te eu urda uma grinalda,
 „ Para ao gesto soberano
 „ De Pastora, ou Nynfa bella
 „ Offertares hoje altivo?

Eu lhe digo : „ Dá-me aquella
 „ De amaranto sempre-vivo,
 „ De fecundos bem-me-queses
 „ De queixumes, e de affagos,
 „ Mas equivocos oragos
 „ De infortunios, de prazeres.
 „ E da tulipa flammante,
 „ Do jasmim, e da violeta
 „ Onde bria a cor amante
 „ Do que prova a tua setta ;

Q ii

„ Que

„ Que da erguida Faia pende ,
 „ Que da calma nos defende ;
 „ Com que Armania prender quero ,
 „ Da Natura egregio esmero ,
 „ E brazaõ da Formosura ;
 „ Que na alvura
 „ Sobrecede a neve alpina ;
 „ E nos labios relevados ,
 „ Doce fonte dos agrados ,
 „ Vence a rosa Alexandrina ;
 „ As delicias do aureo Tejo .
 Com voz trémula do Pejo ,
 Que o semblante me accendia ,
 Taes palavras proferia .

Acudio aqui o Nume :

„ Pois aquella eu destinara
 „ Para a minha terna Psyche ,
 „ De meus olhos claro lume .
 „ Mas perdõa, esposa cara :
 „ Naõ he bem , que triste fique
 „ Um fiel meu servo antigo ,

„ Ve-

„ Vero amigo,
 „ Naõ he bem, que este dom negue
 „ A tal Nynfa, que persegue
 „ No meu Reino invicta, e forte
 „ Té á morte
 „ Todo o escravo fugitivo,
 „ Que a impulsos da vaidade
 „ Appellida *Liberdade* ;
 „ E o altivo
 „ Collo esquivo
 „ Ao seu jugo lhe sommete ;
 „ E lhe manda, se aquiete,
 „ Nem me brade mais socorro ;
 „ Que no Elyfio será forro.
 Disse: em pé se ergue: as mãos me orna
 Co'a grinalda, e a urdir torna.

Mais afoito outra grinalda
 Ao travesso Deos pedia,
 Filho da aurea Cytheræa,
 Que já mais seus tiros balda.
 „ Queres outra? (me dizia :)

„ Pa-

- „ Para quem? Para Tircêa.
„ Cujas comas , que rutilam
„ Sobre os Zefyros fuzilam ,
„ Enleando de continuo
 „ Com prizões
 „ De ouro fino ,
 „ Izenções
 „ Mal prudentes
 „ Innocentes.
 „ E espalhadas ,
 „ Anelladas
„ Pelo collo de alabastro
 „ Sem ter nastro ;
 „ De matreiros
 „ Mil frecheiros
 „ Saõ traidores
 „ Escondrijos ;
 „ Com os rijos
 „ Passadores
 „ Assaltando ,
 „ E varando

- „ Os silvestres ,
 „ Os alpestres
 „ Corações, que presumpçosos
 „ Gloriosos
 „ Contra Amor á lerta estavam,
 „ E dos seus ferros zombavam.

 „ E da voz encantadora,
 „ E da musica doçura
 „ Da mão d'éltra ,
 „ Da mão méstra
 „ Que direi ? A mente agora,
 „ Santo Amor , me accende, e apura
 „ De uma, e d'outra cantar vou,
 „ Quanto posso, e quanto sou
 „ Na campreste melodia,
 „ E no engenho que em mim cria
 O mancebo
 Louro Febo.
 „ Sacro dom, sublime, e forte
 „ Contra quem a Inveja freme;
 „ Que não teme

„ A

- „ A segunda ignobil morte ,
 „ E a cerviz ao Tempo humilha.
 „ D'uma , e d'outra branda filha
 „ Da garganta
 „ Torneada ,
 „ Jaspeada ,
 „ Que os pezares me quebranta :
 „ E dos breves ,
 „ E dos leves
 „ Niveos dedos ,
 „ Donde aprende mil segredos
 „ A alta Musa, que os Ceos move ,
 „ Com que assombra o grande Jove.
 „ Quando a angelica Tircêa
 „ De Pedroços na alva arêa ,
 „ Que de conchas o mar borda,
 „ Sólta o doce extranho canto ,
 „ Que ao Piano-forte accorda ;
 „ Para ouvi-la com espanto ,
 „ Entre as vagas marulhofas ,
 „ Vê das Tagides formosas ,

„ Al-

„ Alvejar as faces bellas ,
 „ Cada qual da verde trança
 „ Os aljofres estillando.
 „ Adormecem-se as procellas :
 „ Calla as ondas a Bonança ,
 „ Pouco , e pouco mergulhando
 „ O espumante atróz rebanho
 „ No voluvel crespo estanho.
 „ Os seus lubricos cavallos
 „ Remendados de azul , e ouro
 „ Soffreando a intervallos ,
 „ Debruçado o Tejo louro
 „ Vejo entãõ... Nisto o Frecheiro
 Prazenteiro
 Me interrompe ,
 E em facecias taes prorompe.

„ Como ás nuvens se remonta
 „ O meu novo Cysne amante !
 „ Como vólve a lingua prompta
 „ No gorgêo alti-sonante !
 „ Mas commigo as vozes balda ,

„ Que

„ Que melhor vejo , e conheço
 „ De Tircêa o immenso preço.
 „ Aqui tens minha grinalda.
 Mais não diz. Com leda sombra
 Me offerece a que lhe affombra
 Da alva testa a loura franja,
 Que co' a mão afaga , e arranja.

Eu a acceito reverente,
 E contente,
 Admirando a contextura,
 E o subtil matiz das flores,
 A faudade roxi-scura ,
 E na ternura
 Clycie espelho de amadores:
 O pomposo breve lyrio,
 E o martyrio :
 Odoriferos jacinthos;
 Onde os ais lêo distintos
 Do infeliz Pastor de Amrifo:
 Verde-pallido narciso ,
 Que por si inda enlouquece:

E o

E o mimoso amor perfeito,
 Que esmorece
 Mal a dama o põem no peito.
 E ao redor as mais enlêa
 A viuva, que serpêa.

Despois que eu admiro a escolha
 Engenhosa , e com mysterio ;
 Para mim Cupido olha
 Meio rindo , e meio sério ,
 E accrescenta : „ Esta Capella
 „ Eu destino para aquella,
 „ Que he no Olympo refulgente,
 „ Que he na terra , e mar furente
 „ Perennal corrente pura.
 „ De ternura ,
 „ De prazeres infinitos ,
 „ E deleites exquisitos ,
 „ Para os Deozes Soberanos ,
 „ Para os miseros humanos ,
 „ Cytherêa carinhosa
 „ Minha May doce , e formosa.

Ei-

„ Ei-la aqui , Serrano finda :
 „ Mas se ainda
 „ De prender Nynfa , ou Pastora
 „ Tens agora ,
 „ Que a Dione inveja faça
 „ Na belleza , brio , e graça ;
 „ Está acceita , que te dou ;
 „ Nova crôa tecer vou .

Gracejando assim fallava ,
 E eu sezudo lh'a tomava ,
 Mais ligeiro do que empolga
 O voraz lobo matreiro :

O cordeiro .

De o burlar minh'alma folga ;
 Mas c'um sério contrafeito
 Lhe mentia no semblante :
 Vozes taes do alegre peito
 Dirigindo ao Nume amante :

„ Quaes darei ati , Senhor ,
 „ Meigo Amor ,
 „ Graças dignas ?

E

„ E ás benignas,
„ Dadivosas
„ Mãos honrosas,
„ Da recém alta mercê?
„ Mas por mim Ignacia as dê.
„ A engraçada linda Ignacia,
„ Nynfa chêa de atractivos,
„ A quem debes mais captivos
„ Que a nenhuma Grega, ou Lacia;
„ Cuja fama, cujo nome
„ Inda o Lethes não consome.

„ Será sua esta Capella,
„ Mimo digno da mais bella,
„ Do esplendor da Terra Lusa.
„ Nella a sabia Natureza
„ Derramou com mão profusa
„ Os thesouros da Belleza.
„ Volve Ignacia o santo rosto
„ No abrazado murcho Agosto;
„ Volve os olhos sobre humanos
„ Para os campos Cis-taganos,

„ De

„ De verdores
 „ Se tapizam,
 „ E de flores
 „ Se matizam.

„ Volve-os ella a selva nua
 „ No rigor do Inverno feio,
 „ Toda subito se abrolha,
 „ E desdobra a pompa sua.
 „ Sôa o harmonico gorgoeio
 „ De aves mil: té se me antolha
 „ Que o Aquilaõ as azas fecha,
 „ E cahir-lhe aos pés se deixa.

„ Se ella aos hispidos oiteiros
 (Profigo) ergue os seus luzeiros;
 „ Ou á ferra alcantilada
 „ Escalvada;
 „ Cá, e lá, a çarça ás restes
 „ Dá racimos verdes, roxos.
 „ Nova estranha folha, vestes
 „ Tu asperrimo carraasco,
 „ Que macia as mãos titilla;

„ E

- „ E das pontas mel destilla.
 „ Ve-se nõ arido penhasco
 „ Gotearem,
 „ Borbulharem
 „ Claras Linfas que tombando,
 „ E quebrando
 „ Em novelos espumosos ,
 „ Sobre os dentes
 „ Eminentes
 „ Dos rochedos escabrosos,
 „ Em arroios fugitivos ,
 „ De arvoredos sempre vivos
 „ Parte as bibulas raizes
 „ Alimenta ;
 „ Parte alenta
 „ Da alma Chloris os matizes. (*)
 „ Sonho , ou vélo ? Nos ouvidos
 „ Ro-

(*)Chloris entre os Gregos era a mesma que Flora:
 „ Chloris eram, quæ Flora vocor: corrupta latino
 „ Nominis est nostri littera græca sono.
 Ovid. 5. Fast. v. 125.

„ Rotas vozes, e gemidos,
 „ Que magoam
 „ Eis-me soam;
 „ Da captiva turba exangue
 „ Que hoje langue
 „ Trespasada,
 „ E chagada
 „ Dos virotes, dos abrolhos
 „ Dos de Ignacia magos olhos,
 „ Mais que Apollo radiantes,
 „ Mais que Jove fulminantes.
 „ O' Progenie arci-tenente
 „ Do que reina no Universo,
 „ Tu me accende a fria mente,
 „ Tu bafeja o humilde verso.
 Aqui chego, quando Amor
 Desfecha em alto riso;
 Eu me tinjo de rubor,
 E me callo de improviso.

De corrido perturbei-me;
 Mas surgindo-me na idéa

Os louvores de Tircêa ,
Manso , e manso recobrei-me.
„ Caro Alfeno , agora attenta
„ A eleição das tenras flores ,
„ Que ao nascer da Aurora lenta
„ Eu colhi com os Amores ;
 ; E os primores
„ Da grinalda , que te dei
Diz-me o alado , impio Rei.

Attentei subito nella :
E o sanguineo cravo eu vejo
 Cor do pejo,
Que nas faces de Donzella ,
Vencedor meio vencido ,
Brilha aos olhos de Cupido.
E o melindre que se sente
 De repente,
E da purpura se priva ,
Mal o toca a mão lasciva
 Da menina,
 Que o destina

R

Pa-

Para ornar-lhe a trança breve,
Ou do feio a tenra neve.

Entre as mais ergue o Turbante
A cabeça auricomante.
Jaz no carcere affrontada

Rodeada
Da pungente
Verde espinha
A Rainha
Florecente,
A cheirosa,
Ignea Rosa

Que de Adonis gera o sangue,
Logo a Anémola ao pé brilha
Do cruento pranto filha,
Que derrama Cypria exangue,
Estallando de martyrio,
Vendo extinto o esposo Assyrio
Com a candida Açucena,
Que na fronte de Erycina
Desbotou de fusto, e pena

Sua

Sua cõr escarlatina ,
 Com a Deosa desfmaiando
 Sobre o Moço agonizando.
 Tal da crôa o primor era :
 Prende o pé de cada flor
 A tenaz, flexivel hera ,
 Que se enrosca em derredor.

Nisto alcei ao Nume o gesto ,
 Que outra crôa inflóra , e tece.
 E lhe-digo humilde , e mesto :
 „ Pio Amor, se eu não tivesse
 „ Provocar a tua ira ,
 „ A grinalda te pedira. . .
 „ Ah não mais (brada Cupido
 : Isoffrido ,
 E co' a mão de si me affasta)
 „ Não , Pastor , por hoje basta.
 „ Não abuseç da bondade,
 „ Que orna a minha Divindade :
 „ Nem que fora
 „ A Pastora,

„ A quem queres offertá-la,
 „ Mais que Laura graciosa,
 „ Que cantou Lyra famosa:
 „ E mais bella
 „ Do que aquella,
 „ Por quem jaz em cinzas Ilio.
 D'este modo continúa
 Encrespando a testa sua,
 E abaixando o supercilio.

Eu replico impaciente:
 „ Meigo Deos omnipotente,
 „ Deixas hoje sem grinalda,
 „ Quem das Nynfas he Princeza?
 „ Que co' a tua facha escalda
 „ Homens, Deozes? E a fereza
 „ De teus odios suaviza
 „ A formosa Vate Auliza: . .
 Mal ouvio o nome amado,
 Repentino se tornou
 No semblante abraçado,
 Um suspiro lhe escapou.

Os seus olhos faiscavam ,
Logo em lagrymas nadavam ;
E a pezar dos seus furores
A ternura lhe revê.
Murmurando alçou-se em pé:
Toma o arco , e os passadores ,
Que escondera entre as alfenas ;
E fere o ar co' as leves pennas.

Pouco espaço se remonta ;
E librado sobre as azas ,
Com os olhos feitos brazas
Um farpaõ de plumbea ponta
Com maõ pronta
Da tininte aljava tira :
Mas primeiro que me fira ,
Este monstro abominando
Me dizia vozeando :

„ Vil escravo, como infano
„ Nomear hoje te atreves
„ Esse nome soberano ,

„ Que

- „ Que adorar na mente deves?
„ Da celeste egregia Auliza,
„ Que os humanos diviniza
„ Com o angelico semblante,
„ Com a Lyra altisonante?
„ Como queres os fulgores
„ Assombrar da frente augusta
„ De caducas baixas flores?
„ Quando ainda não lhe ajusta
„ A estellifera capella
„ De Ariadne illustre, e bella?
„ Os seus dotes immortaes,
„ O maior mais rico mimo
„ Dos Destinos aos mortaes,
„ E que eu só pondero, e estimo:
„ A humanissima virtude,
„ Que não préza o mundo rude,
„ Cujo brilho ao Ether vòa,
„ Saõ a sua digna cròa.
„ Mas o teu oufado erro
„ Punirei, e insania tua.

E dizendo, cruza o ferro:
Fórça a unir-se a eburnea Lua:
Vibra: eis n'alma sinto o gume:
Caio: assim o meigo Nume,
Quiz no fim mostrar quem era.
E ergue o vôo á azul esfera.



A' SENHORA D. M. P. D.
 CANÇONETA VI.
 O CONVITE.

ARmania , a gruta entremos,
 Que mais , e mais se entranha
 No seio da montanha ,
 Que as Nuvens alta fende ,
 E os pés fragosa estende
 No azul fervente mar.

Dardeja da garganta
 O ardente Sirio agora
 Co' a lingua meia fóra ,
 Mil calmas , mil ardores ,
 Que o collo ás terras flores
 Murxando faz dobrar.

Eterna Primavera
 Da lapa o chaõ adorna;

Muf-

Mufgofa urna a entorna
A lynfa murmurando,
Que os lyrios aljofrando
Escorre a ferpear.

Canoro bando alado
Gostando a clara vêa,
Nas margens lhe gorgêa:
Em tanto ás revoadas
As auras encalmadas
As azas vem banhar.

Raiando o Sol a prumo,
Aqui verás sem fulto
Do mar o Vate augusto,
De Focas negro bando,
Os limos ruminando
Trazer a festejar.

Irás coral galhudo,
O buzio mosqueado,
E o buzio emperlado

De

**Do mar pomposo alarde,
Depois na fresca tarde
Nas praias apanhar.**

**Se mais te agrada a pesca
No pego envolto, e turvo,
Cobrindo o anzol curvo
Com isca mentiroza,
A truta faborosa
Te irei, meu bem, pescar.**

**Mal Febo refulgente
De ícer ás Thetias casás,
E a Noite as fuscas azas
Abrir no Ceo faudoso,
No meu batel algofo
O ponto irás fulcar.**

**Verás em torno accezas,
Mal firo as ondas frias,
Argenteas ardentias;
E ao longe as luzes bellas**

De

De Febe, mil estrellas
Fervendo scintillar.

Se a voz encantadora
Soltares, Nynfa bella,
Meu Norte, minha estrella,
Verás callar-se o vento,
E o Deos do mar attento
As vagas arrazar.

Fervendo em cachões alvos
Verás furdir dos mares
Nercidas a milhares,
Tritões, Delfins das ventas
As agoas macilentas
Em arco a resfolgar.

Em quanto eu fallo, Delio
Subio no carro ardente
Do Ceo espaço ingente :
Ah torna á lapa umbrosa,
Do rosto a tez mimosa

Naõ

Não queiras mais crescer.

Os Deozes boje, Armania, ()*

Alfeno haõ de invejar.

(*) Este he o estribilho, que se fez para cada uma das estancias desta Cançoneta, no caso de as quererem cantar, como já succedêo.



A' SENHORA D. T. J. D.
CANÇONETA VII.
A VINGANÇA.

UNs lindos olhos,
Que mal me viraõ,
Cruéis feriraõ
Meu Coraçãõ.

Louvar pretendo
Na fruta nova ,
Talvez que os mova
A' compaixaõ.

Este instrumento
Dêo-me a ternura ,
Foi na espessura
De Endymiaõ.

Com

Com elle Cynthia
Do Ceo trazia,
Que meiga ouvia
Sua afeição.

Feliz vivia
Sem ter provado
Do Deos vendado
Um só farpaõ

Vi niveos collos ,
Louros cabellos ,
Vi olhos bellos
Com izenção.

Amor picado ,
Dardo incendiado
No arco embebido
Dispara em vaõ.

De novo atira
Settas hervadas ,
Mas despontadas
Caindo vaõ.

Ar-

Arco, e aljava

Chorando em fio,

Lança no rio

De indignação.

De mim vingar-se

Jura, e terjura;

A Estyge impura

Invoca então,

O ar se embrusca,

A terra treme,

Ao longe freme

Rouco trovão.

Fulmineas azas

Amor desfecha,

Nos ares deixa

Alvo claraõ.

Fujo assustado

Por estes valles,

Vendo mil males

Em confusão.

S

Ha

Ha um rochedo
Cavo, e musgofo;
Tapete hervoso
Lhe esmalta o chaõ.

Na larga entrada
Treme a luz fusca,
Densa labrusca
Lhe enrama o vaõ.

Tombam mil Lynfas
De alta cascata,
Mantens de prata
Formando estaõ.

Rolam aljofres
Pela alcatifa,
Quando a borriça
O alvo cachaõ.

Aqui sentada
Na molle grama
Vejo uma Dama...
Naõ era, naõ;

Era

De Amor e de

Era antes Deus

Do Coração

Não era o Amor

Tal

lante,

Doce e doce

Deus e Deus

Ao que se

Terra e Céu

, e inveja

Eccho travada

Que se

Tudo é

Em

fo:

ifo

Em tanto

Nai de

Os

De

Com

Da

Que

Da

Quei-

Atraz comprime
 Aflutuante
 Coma brilhante
 Largo listaõ.

Doura a garganta
 Bella, e nevada,
 Doce morada
 Da affinaçaõ.

Soffrego tifne
 Me faz negaçãs,
 Guarda mil graças
 Com ambiçaõ.

Findado o canto
 O gesto erguia,
 Cuidei que via
 O -eriaõ (*).

Aqui sentada
 Na mol. Vin-
 Vejo uma
 Naõ era, na

ol.

Vindo pomposo
Do Reino undante,
Na remoçante
Alma estaçãõ.

Taes de seus olhos
Raios dardeja,
Que aslombro, e inveja
Dos astros faõ.

Em mim os fita
C'um mago riso:
Sai de improviso
Um batalhaõ.

De Cupidinhos
Bem empennados,
Todos armados
De igneo brandaõ.

Cálla-me ao peito,
Tremo enfiado,
E arripiado
Sem ter acçaõ.

Quei-

Queima-me as azas
 Da Liberdade;
 Prende a Vontade,
 Prende a Razaõ.

„ Ardam entranhas
 „ De gelo alpino
 (Brada contino
 Seu Capitaõ.)

„ Sintam meu fogo,
 „ Que abraza tudo,
 „ Té o fanhudo
 „ Torvo Plutaõ.

Affim dizendo
 O cruel Nume,
 C'o accezo gume-
 De um virotaõ,

Rasga-me o feio:
 Vem derepente
 De sangue quente
 Um borbotaõ.

Sai

Sai pela brécha

O bando alado,
Dentro ateadó
Deixa um volcaó.

Alguns mais feros

Lançam-me aos pulsos,
De horror convulsos,
Ferreá prizaó.

Nisto voáraó

O Deos cercando;
Mil vivas dando
De acclamaçaó.

Tircéa amada

Nynfa excellente,
Causa innoc ente
Da iopia traizaó;

Se rócha alpestre

Ser te naó dera,
Nem Tygre fera
A criaçaó;

Do

Do que entaõ viste ,
 Do que hoje peno,
 Concede a Alfeno
 O galardão.

Mitiga um pouco
 Do peito a fragoa,
 Mova-te a magoa
 Minha afflicãõ.

Dos roixos pulsos
 Com maõ mimosa
 Sólta piedosa,
 Sólta o grilhaõ.

Se isto consigo ,
 Nynfa, eu te juro,
 Na ara o penduro
 Da Gratidaõ.



A^a ILLUSTRÍSSIMA, E EXCELLENTÍSSIMA

SENHORA D. M. J. de V. C.

CANÇONETA VIII.

O JUBILO.

Quando vem, celeste Armania,
As montanhas da alva Lua

A belleza, e a graça tua ;

Estremecem de alegria :

Altos vivas á porfia

Vão nos écchos retumbar

„ O seu jubilo, o seu pasmo (*)

„ Quem o póde bem pintar.

Flo-

(*) Este he o estribilho para cada uma das estrophes desta Cançoneta, no caso de lhes quererem fazer musica &c.

Flora estende pelo prado
 Verde trémula alcatifa,
 Nova fonte que a borripa,
 Cá, e lá na penha brota,
 Que com voz queixosa, e rota
 Vai os feixos pratear
 O seu &c.

A Melampo o gado entregue,
 A Serrana vem pulando;
 Ser Diana imaginando
 Grandes olhos abre, e fita:
 Bate as palmas, baila, e grita,
 E te vai as mãos beijar.
 O seu &c.

O feroz javalí alça
 O focinho sedeuado:
 O veloz cervo galhudo
 Sai da brenha espessa, e alta:
 N'agua o mudo peixe salta
 Por te vêr, Nynfa, sem-par.
 O seu &c.

Er-

Ergue, o Fauno alvoroçado,
Na musgosa fria gruta
Uma, e outra orelha hirsuta,
Por ouvir os teus accentos,
Que nas azas brandos ventos
Té ao Ceo vaõ remontar.
O seu &c.

Vendo Pan a luz, que espalham
Pelos bosques tenebrosos
Os teus olhos graciosos;
Deixa a lapa onde festêa,
Ser Armania, ou Cytherêa
Vindo prompto a indagar.
O seu &c.

Se te dignas, linda Armania,
Hoje entrar co'as Damas bellas,
Mal fallei, antes estrellas,
No vergel do triste Alfeno;
Mais viçoso, mais ameno
Num momento ha de abrolhar.
O seu &c.

Fu-

Fugiráo as vís Harpias
Prole infame da Trapaça,
Que ao redor d'elle esvoaça;
E o Prazer solto correndo
Pela mão a Paz trazendo
Hão de Alfeno remoçar
O seu &c.

Se o Pomar das cruas garras
Tu me salvas compassiva,
Dentro d'alma sempre viva
Gratidao te voto, e a lyra,
Que co' a Musa se conspira
O teu Nome a eternizar
O seu &c.



A' SENHORA D. T. P. L.

CANÇONETA IX.

O NINHO DE AMOR.

Mudado em ave
Amor danninho
Um vasto ninho
Foi fabricar.

Da amendoeira

Nos ramos novos
Cem, e cem ovos
Vejo alvejar

„ Quem de tal praga (*)
„ Há-de escapar.

O

(*) Este he o estribillo, com que se póde cantar esta Cançoneta, no caso de se lhe fazer musica &c.

O Deos sobre elles,
C'os olhos brazas,
Arquêa as azas
Para os chocar.

Tem já filhinhos
Da casca fora,
Que a toda a hora
Ouço piar.

Quem &c.

Mil corações,
Inda fumando,
Está sangrando
Para os créar.

Fervendo tragam
O sangue quente,
Continuamente
A boquear.

Quem &c.

Tem

Tem o atroz bando
Eterna fome,
Come, e mais come
Sem se fartar.

Já o de Alfeno
O Nume pede,
Ismene o cede
Sem vacillar.

Quem &c.

Mal nelle attento
O Deos repara,
Torcendo a cara
Foi-lhe entregar,

Taõ lacerado
Do seu Bem vinha,
Que já não tinha
Sangue que dar.

Quem &c.

A mil suspeitas

Ismene o dera,

Nynfa mais fera

Que .o fero mar.

Nelle roendo

Estas Harpias,

Noites, e dias

Se vão cevar.

Quem &c.

Fugi, Pastores,

Para os desertos,

Mil males certo

Vejo affommar:

Se toda cumpre

De Amor a raça,

Não ha desgraça

Que lhe igualar.

Quem &c.

Vello

Vê-lo imagino

A' Nynfa amada

Sua ninhada

Vir offertar.

Tem qualquer delles.

Vinhas rompentes,

Bicos pungentes,

E torvo olhar.

Quem &c.

Ismene os guarda

Para Falcões,

Quando Isenções

Quizer caçar.

Se mal ferida

Fugir alguma,

Uma por uma

Lha iraõ buscar

Quem &c.

T'

Fu-

Fugi , Pastores :
Já todo o ninho
De Amor danninho
Sinto picar :

Eilos c'os bicos
Da caça fóra...
Fugi que he hora
De vos salvar,

Quem &c.



A' SENHORA D. M. J. T.

CANÇONETA X. (*)

GOZO, E PENA.

I.

OS cabellos de Marina
 Que aos nevados hombros decem,
 O fulgor do ouro escurecem
 Quando sai da rica mina;
 E ao redor Natura bella
 Cá, e lá sem arte o anella

II.

Mas quaõ caro o terno Alfeno
 O prazer de vê-los paga;
 T ii

For-

(*) Premiada pela Academia Real das Sciencias na Assembléa Publica de Maio de 1790.

Força occulta de arte maga ,
 Ou de Thésfalo veneno
 A Ifençaõ lhe enlêam , prendem ,
 E a fu' alma em fogo accendem.

III.

Do meu Bem a fronte breve
 De aurea franja guarnecida ,
 A cecêm deixa vencida ,
 Envergonha a mesma neve;
 E os meus males suavisa,
 Se serena raia , e lisa.

IV.

Mas se túrbida , e rugosa
 Vem torná-la de repente
 Desdem frio , ou ira ardente;
 A minh' alma de medrosa
 Só defeja aniquilar-se,
 Ou no abyfmo fotterrar-se.

V.

V.

Que direi dos lindos olhos?
Almas luzes, vos me sois
Fulgidíffimos farois,
Entre os naufragos escolhos,
Que de Amor o mar infamam,
E ao redor de mim rebramam.

VI.

Vou surdindo pouco, e pouco
Sobre a vaga marulhosa;
E a rojada procellosa,
Com que muge o vento rouco
Vem a ser brando Galerno;
Taõ affoito a não governo.

VII.

Mas se o bafo do Ciume
Vem do Reino dos horrores
Empannar os resplendores
Dum, e d'outro sancto lume;

Eis

Eis a não extraviada ,
 Ei-la quasi fofobrada.

VIII.

Eu não sei , faces mimosas ,
 Quaes vos louve' , se os jasmims ,
 Que Amor collie em seus jardins ,
 Se as sanguineas virgens rosas ?
 Taõ iguaes sobre vós brilham ,
 Que os meus olhos maravilham.

IX.

Sinto em mim gozo ineffavel ;
 E um thesouro immenso dera ,
 Vossa tenra Primavera
 Vecejar se eu vira estavel ;
 Bafejada noite , e dia
 Da benéfica Alegria.

X.

Mas se a nuvem de atras Dores ,
 Em chuveiros tristes rota ,

Um

Um momento lhes desbota
O matiz das frescas flores:
Trespassado Alfeno langue;
Frio horror lhe gela o sangue.

XI.

Lindos labios nacarados,
Breves, tumidos, ou antes
Dois rubís, onde volantes
Mil Amores inflorados
Formam ledos á porfia
Os seus favos de Ambrosia.

XII.

Borrifadaa vem com ella
De Marina as meigas vozes,
Que dos meus males atrozes
Sós dissipam a procella:
Quando as bebem presumidos
Os meus ávidos ouvidos.

XIII.

XIII.

Ah não fei como exprimi-la
A amargura de meu peito,
Se amarissimo Despeito
O feu fel nellas instilla;
Devorando dos Amores
Os dulcissimos labores.

XIV.

Torpe susto em mim se ceva;
Tinge as faces cõr defunta,
E nos meus olhos se ajunta
De Acheronte a densa treva:
Té que em trémulo desmaio
No regaço da Dor caio.

XV.

O' Marina, vida cara
De minh' alma, e feliz sorte!
O' Marina, cruel morte
De minh' alma, e sorte amara;

Co-

Como assim , que eu viva , ordenas
Em taes gozos , em taes penas?

XVI.

Por me dar morte tardia ,
Por fazer-me a vida breve ,
O teu genio esquivo , e leve
Minha forte assim varia :
Ah naõ mais mudes , ingrata ,
De uma vèz me adita , ou mata !



A' SENHORA D. J. G.

QUINTILHAS,

Chegou Nize cortejada
Do seu fartante Amador;
Mas chegou taõ demudada,
Que nãõ póde ser chamada,
A formosa Mai de Amor.

Mas alguns inda com dó
Da sua antiga belleza,
Que em tal grão possuio só,
O nome de sua Avó
Lhe daõ com toda a grandeza.

Antes que os annos esquivos
As tenras graças anojem,
Todas tres com olhos vivos
Recolhem seus attractivos,
Fazem-lhe mezura, e fógem.

Com

Com gallas, e pedraria
 Lhes acena em vaõ aquella;
 Tem nativa antipathia
 Co'a instante velhice fria,
 Que já mais pódem vencê-la.

De um só naõ amar constante,
 Agora a triste lhe peza,
 Do infinito bando amante;
 Naõ se vira a todo o instante
 Sem arrimo, e sem defeza.

Já outr' hora Lydia annosa
 Lh'o dissera: ; Amada Filha,
 „ Agora que a flor mimosa
 „ Da mocidade|viçosa,
 „ No teu lindo gesto brilha :

Busca unir-te a um terno amante
 „ Sabio alumno da Virtudê,
 „ Que em comprazer-te incessante
 „ Contra a Fortuna inconstante,
 „ E seus revezes te escude.

„ Olha

„ Olha esta vide frondente,
„ Que do alto choupo amparada,
„ Abraçando-o estreitamente;
„ Despreza o Boreas fremente
„ O humido Sul, e a geada.

„ Segue-lhe as mudas licções;
„ Não te allucine a vã gloria
„ De lançar duras prizões
„ A mil noveis corações,
„ Que dura pouco esta gloria.

„ A rosa, que na Alva altiva
„ A mil Zefyros namora,
„ Mal a queima a tarde estiva
„ Logo a turba amante a esquivã;
„ Langue só a toda a hora.

„ Assim o bando amoroso
„ C'oviço juvenil vôa,
„ Colhe o momento ditoso,
„ Colhe em quanto carinhoso
„ Em torno de ti revôa.

„ Ah

„ Ah que se os ouvidos feichas
 „ Ao que te aconselho experta,
 „ E fugir um dia o deixas;
 „ Surdo a rogos, surdo a queixas,
 „ Deixar-te-ha sempre deserta

Taes vozes Lydia baldava,
 Que a Nize Filaucia em tanto
 No futuro lhe mostrava
 Turba immensa que adorava
 Seu rosto gentil, e santo.

Revoca á mente fumosa,
 Quantas vezes lhe algemara
 A Poesia rançosa
 A torpe Idade rugosa,
 E a foice ao Tempo quebrara.

Nestes suaves enganos
 Cada vêz mais se engolfou,
 Té que do impio Rei dos annos
 Contra os Poetas maganos
 A cólera se esquentou.

Co' a carreta lhe derrega
O semblante ardendo em raiva:
Co' a foice aqui, e alli sega
A melena, e o resto esfrega
Da velhice co' a saraiva.

O viço da rosa ardente
Da face, e os jasmins lhe fana
Com o bafo pestilente:
E o brilho almo, e ridente
Dos gentís olhos empanna.

Da bocca fragante, e breve
As perolas lhe carcome,
E do collo o alvor que obteve
A palma do jaspe, e a neve,
Entre pardas rugas some.

Assim o tempo inhumano
Se vingou dos máos Poetas
Na bella Nize; e ufano
Voou com Amor tyranno,
Que não quiz baldar mais settas.

F I M.



